



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Ismael Higor Cardoso Duarte

**AFLIÇÃO E CURA NA PONTA DA AGULHA: explorando intersecções entre
tatuagens e processos terapêuticos em Curitiba**

Florianópolis

2023

Ismael Higor Cardoso Duarte

**AFLIÇÃO E CURA NA PONTA DA AGULHA: explorando intersecções entre
tatuagens e processos terapêuticos em Curitiba**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador(a): Prof Dr. Scott Correll Head

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Duarte, Ismael Higor Cardoso
AFLIÇÃO E CURA NA PONTA DA AGULHA : explorando intersecções
entre tatuagens e processos terapêuticos em Curitiba. / Ismael
Higor Cardoso Duarte ; orientador, Scott Correll Head, 2023.
145 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Antropologia Social. 3. Tatuagem.
4. Terapia. 5. Curitiba. I. Head, Scott Correll . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Ismael Higor Cardoso Duarte

AFLIÇÃO E CURA NA PONTA DA AGULHA: explorando intersecções entre tatuagens e processos terapêuticos em Curitiba.

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado, em 19 de 09 de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Scott Correll Head

Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Rafael Victorino Devos

Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Leonardo Carbonieri Campoy

Instituição Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof. Dr. Scott Correll Head

Orientador

Florianópolis, 2023.

Dedico este trabalho ao meu tio, Claudino Cardoso da Rosa (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de agradecer ao Eterno, àquele cujo amor é transcendente. Muito brilhante para ver, muito alto para ouvir.

Agradeço ao meu pai, José Mauro Oliveira Duarte, por todo suporte, amor e cuidado. Em cada momento sombrio, ele esteve lá, sustentando-me como uma muralha impenetrável. Sua presença foi a luz que iluminou meu caminho nas horas mais sombrias. Um agradecimento mais que especial à minha mãe, Jurema Cardoso Duarte, não tenho palavras suficientes para expressar a gratidão que sinto, sua voz firme, cheia de sabedoria e experiência, ecoa em minha mente todos os dias, lembrando-me que sou capaz de enfrentar qualquer desafio que surgir no meu caminho. Suas palavras de incentivo moldaram minha personalidade e me deram forças para lutar pelos meus sonhos. Hoje, com lágrimas de gratidão nos olhos, dedico todas as minhas conquistas a você, minha mãe. Sei que sua influência não se limita apenas a mim, mas também a todos aqueles que têm o privilégio de conhecê-la. Mãe, você é o motivo pelo qual eu nunca desisto, a força que me impulsiona a ir além dos meus limites. Sou verdadeiramente grato por tudo o que você fez e continua fazendo por mim. Sou profundamente grato pelo amor condicional e ocasionalmente exagerado que recebo do meu fiel pet, José, o felino mais afetuoso que tive o prazer de conhecer. Devo admitir que seu amor por mim é avassalador, despertando emoções tão intensas que minha alma é consumida por uma tempestade de sentimentos.

Eu tenho um agradecimento especial para fazer, um agradecimento tão profundo que as palavras não podem expressar adequadamente. Ketlyn, minha companheira, e a nossa pequena Laura, minha fonte de força e esperança. Vocês têm sido os pilares que me sustentaram nas tempestades mais terríveis. Se a vida fosse um mar agitado, vocês seriam o porto seguro onde encontro refúgio. Obrigado por serem minha âncora, me dando a segurança necessária para enfrentar qualquer adversidade. Sem vocês, minha jornada seria um oceano de incertezas. Vocês são meu farol guia, brilhando na escuridão e me levando para terras desconhecidas. Meu coração transborda de gratidão por tê-las ao meu lado.

Desejo expressar minha profunda gratidão aos meus entes queridos, com uma menção honrosa a meu querido primo Maninho, com quem compartilhei e compartilho inúmeras horas de risadas, debates e momentos de melancolia em torno do nosso Grêmio. Além disso, não posso deixar de mencionar minhas tias Solange, Ilma, Iarema, Salete, Iracema e meus primos Paleta, Calebe e Flávio, cuja presença em minha vida é impregnada de um amor incondicional.

Agradeço aos meus amigos/amigas Patrick, Gnani, Alexandre Cavera, Thaina, Felipe Taborda, Brunna, Jussara, Mariana, Duca, Keyth Fonseca, Juares e Bruno, por todo amor, o Eterno, em sua infinita sabedoria, viu o brilho de suas almas e me presenteou com a dádiva de suas presenças nesta jornada chamada vida. Gostaria de expressar a minha gratidão ao pessoal da pizzeria 257 Pizza Shop (Helisson e Samuca) pela incrível pizza que eles preparam em Curitiba. Além do sabor excepcional, sou grato por todas as valiosas conversas que tivemos, compartilhando experiências inúmeras vezes. Gostaria de expressar minha gratidão ao Dr. Carlos Kayamori, meu psiquiatra, cuja presença foi fundamental em minha jornada. Ele esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis, trazendo alento e suporte inestimáveis. Além disso, não poderia deixar de mencionar, de forma descontraída, o incrível Casimiro Miguel, que é, na minha humilde opinião, o melhor streamer do mundo. Ele me proporcionou horas de entretenimento, aliviando minha mente e arrancando risadas em momentos de desconexão. Valeu Cazé.

Gostaria de expressar meu sincero agradecimento aos professores Cauê Krüger, Leonardo Campoy e Raquel Panque, cuja presença constante ao longo da minha jornada acadêmica não apenas me ensinou valiosos conhecimentos, mas também me inspirou com seus exemplos de amor e ética.

Agradeço a todas/os/es colegas de Mestrado em Antropologia, pelo companheirismo durante nossa formação. Gostaria de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, a todas as professoras e aos professores que estiveram ao meu lado. Agradeço a vocês simplesmente por tudo. Gostaria de aproveitar esse momento para agradecer de forma especial ao meu orientador, o Prof. Dr. Scott Head, por toda a ajuda e suporte ao longo deste processo. Também gostaria de agradecer aos professores Leonardo Campoy e Rafael Devos por fazerem parte da minha banca de qualificação. Gostaria de agradecer à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

“A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro, total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade”.

(Ernest Fischer)

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de compreender como as tatuagens articulam o processo terapêutico para os sobreviventes da tentativa de suicídio. Sobre tudo no que se refere ao uso da tatuagem como um meio de dar um novo sentido para as cicatrizes corporais indesejáveis decorrentes do ato. Busca-se entender como a tatuagem apresenta-se como uma alternativa para os indivíduos, oferecendo-lhes a possibilidade de uma reconstrução de suas narrativas verbais e não verbais a partir do ato de tatuar. Abordamos o tema sob duas perspectivas distintas: a partir daqueles que vivem a experiência da tentativa de suicídio; e do ponto de vista do tatuador como mediador do processo. Inicialmente, a pesquisa busca entender a partir das narrativas dos sobreviventes quais os sentidos atribuídos a experiência decorrentes do processo de escolha, concepção e obtenção da tatuagem como processo terapêutico. Em um segundo momento, em que nível os tatuadores participam do processo terapêutico das tatuagens; e como diferenciam o processo de escolha do desenho/tatuagem entre aqueles que expressam propósitos terapêuticos da tatuagem e aqueles que não compartilham da mesma motivação. Para tanto; a etnografia privilegia o convívio com os interlocutores no ambiente do estúdio em que ocorre a prática de tatuar.

Palavras-chave: tatuagem; terapia; narrativa.

ABSTRACT

This paper aims to understand how tattoos articulate the therapeutic process for survivors of attempted suicide. Especially with regard to the use of tattoos as a means of giving a new meaning to the undesirable body scars resulting from the act. We seek to understand how tattooing presents itself as an alternative for individuals, offering them the possibility of a reconstruction of their verbal and non-verbal narratives from the act of tattooing. We approach the topic from two different perspectives: from those who experience attempted suicide; and from the point of view of the tattoo artist as a mediator of the process. Initially, the research seeks to understand from the survivors' narratives what meanings are attributed to the experience resulting from the process of choosing, designing and obtaining the tattoo as a therapeutic process. In a second moment, at what level do tattoo artists participate in the therapeutic process of tattoos; and how do they differentiate the process of choosing the design/tattoo between those who express therapeutic purposes of tattooing and those who do not share the same motivation. To this end, ethnography favors the interaction with the interlocutors in the studio environment where the practice of tattooing takes place.

Keywords: tattoo; therapy; narrative.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1- Tattoa Studio..... | 28 |
| Figura 2- Banner utilizado para promover o Flashday no Tattoa Studio..... | 31 |
| Figura 3- Antigo espaço que abrigou o Tattoa Studio..... | 33 |
| Figura 4- Rodrigo explorando as possibilidades da argila..... | 36 |
| Figura 5- Sensorial - Carvão sobre tela 100x80..... | 37 |
| Figura 6- Rodrigo com seu ponto e virgula tatuado..... | 42 |
| Figura 7- Recepção do estúdio Fractta..... | 44 |
| Figura 8- Sala de procedimento..... | 44 |
| Figura 9- Ambiente terapêutico que promove a inclusão dos pacientes..... | 46 |
| Figura 10 - Alexandre tatuando..... | 50 |
| Figura 11- Resultado trabalho Alexandre..... | 51 |
| Figura 12- Luana usa tatuagens de flores murchas em preto..... | 77 |
| Figura 13- Milena procura redefinir sua cicatriz com o olho de sua mãe..... | 79 |
| Figura 14 - Angela usa a arte abstrata como uma forma de escape e expressões..... | 81 |
| Figura 15- Bernardo escolhe tatuar um corvo em sua cicatriz..... | 82 |
| Figura 16- Processo de criação de Rodrigo..... | 102 |
| Figura 17- Materiais de Alexandre..... | 103 |
| Figura 18- Tatuagem olho..... | 106 |
| Figura 19- Douglas tatuando..... | 107 |
| Figura 20- Alexandre preparando-se para iniciar o expediente..... | 109 |
| Figura 21- Tatuagem utilizando os dedos..... | 112 |
| Figura 22- Tatuador utilizando a fita como elemento..... | 113 |
| Figura 23- Decalque usando uma folha..... | 114 |
| Figura 24- Resultado do Decalque..... | 115 |
| Figura 25- Trabalho desenvolvido por Alexandre utilizando o pincel como decalque..... | 117 |
| Figura 26- Douglas e Rodrigo juntos no dia da nossa conversa..... | 122 |
| Figura 27- Foto tirada durante o percurso até padaria..... | 133 |

SUMÁRIO

- 1. ENCERRAMENTO DE UMA JORNADA
 - 1.2 - O RECOMEÇO
 - 1.3 - O PROJETO FRACTTA
 - 1.4 ENTRE O LUCRO E RESPONSABILIDADE SOCIAL - NOVO CONTEXTO.
 - 1.5 - FUNCIONAMENTO DO PROJETO E A ESCOLHA DOS PACIENTES
 - 1.6 - LUTA IMPRESSA ATRAVÉS DA CORAGEM.
 - 1.7 - REFLEXÕES DO CAMPO
- 2.1 - A AGULHA COMO UM ENCANTO QUE LIBERTA ALMAS INQUIETAS
 - 2.1.1 - Dor nunca pareceu tão brilhante
 - 2.1.2 - Um sussurro necessário para restaurar o controle sobre o próprio ser.
 - 2.1.3 - Comandando meu pincel de vida, o artista oculto
 - 2.1.4 - O artista da tinta que eternizará sua história.
- 2.2 - RISCANDO IDENTIDADES
- 2.3 - TALISMÃ E DECORAÇÃO
- 2.4 - ACEITEMOS A DOR DE BRAÇOS ABERTOS
- 3.1 - A CONVIVÊNCIA, UM SÓ COMO UM NÓ/NÓS.
- 3.2 - A ARTE ATRAVÉS DOS OLHOS DOS TATUADORES
- 3.3 - AS TATUAGENS QUE CURAM A ALMA
 - 3.3.1 - A Preparação dos Tatuadores
 - 3.3.2 - Os Materiais Utilizados
- 3.4 - AMBIVALÊNCIA ENTRE O SER E O DESEMPENHAR
- 3.5 - PROCESSO DE ADOECIMENTO MENTAL E FÍSICO DO TATUADOR
 - 3.5.1 - “Enquanto coopero, quem me apoia?”
 - 3.5.2 - “Vamos, o dia está agradável hoje”
 - 3.5.3 - “falar sobre adoecimento pode ser uma fragilidade”

INTRODUÇÃO

Podemos dizer que esse é o problema geral desta pesquisa: como as tatuagens se tornam ferramentas terapêuticas para aqueles que sobreviveram à tentativa de suicídio, especialmente no que diz respeito à transformação das cicatrizes indesejáveis em histórias de superação. A escolha do tema de pesquisa foi resultado de uma mistura entre minha jornada pessoal e acadêmica que começou durante a pós-graduação em Antropologia Cultural pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Nas reuniões, passei a vivenciar uma espécie de assimilação e identificação com o universo da tatuagem e a compreender que, mais do que um embelezamento corporal, as tatuagens podem atuar como dispositivos que reconfiguram corpos.

Nesses encontros tomei conhecimento que algumas pessoas que estão inseridas em contextos que envolvem estúdios de tatuagens, vem se apropriando dessa ferramenta para superação de traumas e enfrentamentos de certos tipos de dores, transtornos psíquicos, tratamentos e terapias. Diante de algumas procuras particulares por esses métodos, com este intuito alguns profissionais sensíveis à temática vem criando projetos voltados ao uso dos seus trabalhos artísticos para atender a este caminho que se abriu através das tatuagens. Como, por exemplo, o *Projeto de Tatuagem Ponto e Vírgula*¹ nos EUA, iniciado em 2013, que utiliza a tatuagem como forma de apoio para pessoas com depressão e tendências suicidas. O símbolo do ponto e vírgula é utilizado para representar a continuidade da vida. O projeto tem sido eficaz em promover a partilha de histórias e criar um senso de comunidade. A tatuagem é vista como uma forma de cura e um processo terapêutico. À medida que me encontrei com essas pessoas, meu fascínio pela tatuagem como objeto de estudo cresceu exponencialmente. Eu estava determinado a descobrir como a arte da tatuagem pode servir como uma forma terapêutica.

Minha jornada nesse campo pode ser dividida em duas fases distintas. Num primeiro momento, estabeleci uma conexão com um grupo de tatuadores em Curitiba, conhecido como

¹ O The Semicolon Tattoo Project (Projeto de tatuagem ponto e vírgula) que fica nos Estados Unidos da América, o projeto começou em 2013 através das redes sociais. Iniciou-se com Amy Bleuel, que usou a tatuagem como meio de marcar em seu corpo o sinal do ponto e vírgula após o suicídio do seu pai; o projeto iniciou com o intuito de mostrar às pessoas que elas não estão passando por seus temores e dificuldades sozinhas. O projeto tem um foco em trabalhar com pessoas que lidam ou possuem tendência à depressão, ao suicídio ou doenças similares. A ideia inicial era que as pessoas tatuassem o ponto e vírgula e compartilhassem suas histórias nas redes; o símbolo é utilizado por conta do seu significado gramatical, uma vez que o ponto é utilizado para encerrar uma sentença no texto, mas utiliza o símbolo com a vírgula para continuar a sentença no mesmo parágrafo. Para a idealizadora do projeto, o símbolo significa que a pessoa é o autor de sua vida e que decidiu continuar a escrevê-la. O projeto tem alcançado muitas pessoas, que começaram a compartilhar suas histórias, ajudando outras a seguirem e a se envolverem com a arte.

Fractta. Eles têm um projeto focado em ressignificar cicatrizes de tentativas de suicídio através da tatuagem. Meu objetivo principal era investigar como a tatuagem pode articular o processo terapêutico para os sobreviventes da tentativa de suicídio. Posteriormente, a fim de enriquecer minha dissertação, conduzi entrevistas tanto com os tatuadores quanto com os sobreviventes das tentativas de suicídio. Esses indivíduos são minhas fontes confiáveis, orientando-me nesse processo e compartilhando suas experiências de forma autêntica. Eles estabelecem um diálogo coeso entre a pesquisa e o pesquisador.

Entre os anos de 2018 e 2022, realizei um estudo etnográfico em Curitiba. Durante esses anos, mergulhei de cabeça na rotina dos tatuadores e das pessoas que enfrentaram momentos difíceis e tentativas de suicídio. Foi uma experiência enriquecedora, na qual coletei uma quantidade significativa de detalhes e conversei com os participantes em diversos ambientes, como lojas, bares e rodas de conversa. Em algumas ocasiões, até mesmo fui tatuado por eles. Ao longo desses quatro anos de imersão profunda no universo da tatuagem, me deparei com uma infinidade de eventos, revistas especializadas e plataformas online que abordavam essa prática. Essas descobertas inestimáveis e a vasta experiência que adquiri ao acompanhar os tatuadores têm, sem dúvida, influenciado de forma impactante meus argumentos e reflexões sobre esse fenômeno.

Utilizo a etnografia como uma poderosa ferramenta para a produção do conhecimento, indo além de um mero método. Vou explorar sua vertente descritiva, interpretativa e teórica/prática, pois acredito que é por meio da criação de etnografias que nosso saber é constantemente aprimorado e o conhecimento antropológico enriquecido. Para isso, adotarei a técnica da observação participante. Através da manutenção de um caderno e diário de campo, farei registros contínuos das minhas observações ao longo da pesquisa.

A leitura de Clifford Geertz (1989) foi um grande ponto de partida para o estudo etnográfico. Fui inspirado pelo conceito de descrição densa do autor, que envolve estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos e realizar diversas outras atividades para compreender profundamente a cultura em questão (GEERTZ, 1989). Seguindo as orientações de Thompson (1998:254), adotei uma postura respeitosa e flexível durante as entrevistas. Acreditamos na importância de demonstrar interesse genuíno pelas pessoas, ser empático com suas opiniões e, acima de tudo, ouvir com atenção. Evitamos perguntas direcionadas e preferimos utilizar termos comuns do dia a dia da comunidade para encorajar as entrevistadas a compartilharem suas histórias, experiências e projetos comuns. Em relação aos diálogos e relatos apresentados, é preciso ressaltar que tanto os tatuadores quanto os pacientes-clientes que contribuíram com a pesquisa generosamente concederam permissão para utilizarmos suas

declarações e observações ao longo dos procedimentos realizados. No entanto, é importante pontuar uma diferença significativa no que diz respeito ao anonimato. Enquanto os tatuadores permitiram o uso de seus nomes reais para fins de pesquisa, decidi manter o anonimato dos pacientes-clientes, seguindo a abordagem discutida por Claudia Fonseca (2010a). Os pacientes-clientes desta pesquisa foram assegurados de que sua identidade seria mantida em absoluto sigilo e que poderiam interromper ou recusar sua participação a qualquer momento, caso assim desejassem. Compreendendo a importância de proteger meus interlocutores, tendo em vista a existência de tabus que dificultam a abordagem do tema, optei por utilizar nomes fictícios. Vale ressaltar que tal prática de anonimato não indica uma omissão política por parte do pesquisador, mas sim uma forma de assumir a responsabilidade autoral como antropólogo diante daqueles que colaboram com a pesquisa.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos, além da conclusão, cada um abordando aspectos essenciais do estudo. No primeiro capítulo, *traçando o caminho da etnografia*, guio o leitor ao longo da jornada da etnografia, revelando os passos da pesquisa, detalhando a metodologia utilizada, introduzindo os interlocutores envolvidos e oferecendo uma apresentação completa do projeto Fractta. O objetivo do capítulo não é elaborar uma narrativa histórica sobre a tatuagem, pois outros autores já o fizeram (DEMELLO, 2000; SWEETMAN, 1999; RUBIN, 1988; SANDERS, 1989; CAPLAN, 2000; CASTELLANI, 1995; MARENKO, 2002; LE BRETON, 2002). Em vez disso, estamos em busca de compreender o significado por trás das tatuagens, através das experiências e práticas das pessoas que optam por elas.

Em seguida, no capítulo II, intitulado "*Aflição na ponta da agulha*", irei explorar as profundezas terapêuticas da tatuagem, onde mergulharei na dor, no controle e nas complexidades emocionais que a rodeiam. No entanto, meu objetivo vai além de simplesmente defender a tatuagem como uma forma singular de terapia. Meu desejo é compreender a motivação por trás da escolha de tatuar e descobrir por que essas tatuagens têm um significado tão profundo para os pacientes-clientes. Para isso, irei dar voz aos protagonistas deste enredo. Eles são aqueles que, de forma consciente, escolheram a tatuagem como uma terapia e os que dedicam seu ofício a tatuar com esse propósito. Permitirei, assim, que eles abram seus corações e compartilhem suas experiências neste trabalho de forma franca e autêntica. Dentro desse contexto, a tatuagem com fins terapêuticos se revela como uma poderosa metáfora que capacita os sobreviventes a superarem desafios e a manterem sua identidade pessoal. Ao entender a metáfora como uma ferramenta crucial na antropologia (RICOUER, (1984; ALVES E RABELO, 1999), capaz de amplificar a expressão e a

comunicação do significado das experiências, este estudo busca desafiar diferentes formas de compreender o processo terapêutico através da tatuagem. As entrevistas revelaram as metáforas escolhidas pelos entrevistados para expressar suas visões de mundo e suas experiências de vida. Essas metáforas são uma maneira de transformar suas cicatrizes, por meio do trabalho do tatuador, que inicialmente poderíamos entender como um processo doloroso, mas que, na verdade, possui um significado simbólico. É importante ressaltar que a dor não é apenas uma metáfora, mas uma realidade física que muitos enfrentam.

O capítulo III, intitulado "*Tatua(Dores) - Construindo Reflexos De Si Mesmos*", tem como objetivo aprofundar a discussão sobre as práticas envolvidas na tatuagem, buscando uma perspectiva única e enriquecedora dos próprios tatuadores. O capítulo se concentra no uso da tatuagem como uma forma terapêutica, onde o terapeuta-artista atua como um facilitador, ajudando os indivíduos a explorar seus sentimentos, superar conflitos emocionais, tudo isso através de expressões criativas. Por essa razão, proponho o termo "*tattooterapia*", para destacar essa prática inovadora e profissional de usar a tatuagem como uma ferramenta terapêutica. Através desse conceito, buscamos compreender como a tatuagem pode desempenhar um papel fundamental na busca pelo bem-estar e autocuidado. Vemos o trabalho terapêutico como um processo de reconstrução, no qual o artista utiliza suas habilidades para reinventar a realidade, expandindo nossas percepções e emoções. Sob essa nova perspectiva, as tatuagens adquirem uma profundidade e complexidade ainda maior, terapia como um genuíno ato de reconstrução, onde o artista não apenas transforma medos e traumas, mas também sonhos e esperanças em poesia visual. Em nossa pesquisa, também analisaremos a intrincada conexão entre os termos "terapeuta" e "tatuador", que pode gerar uma tensão interessante. Ao compararmos o trabalho desses profissionais com o dos terapeutas tradicionais, surgem questionamentos sobre a própria identidade e a função que desempenham. Propomos, então, a introdução do termo "tatuador-terapeuta" para descrever esse trabalho único e provocador.

Por fim, na última parte, nas considerações finais, venho refletir sobre a curiosa dualidade que envolve as tatuagens terapêuticas. Enquanto os sobreviventes as enxergam como uma opção de cura, os tatuadores as encaram como uma manifestação do processo de adoecimento. A prática, por sua vez, carrega consigo tanto benefícios emocionais quanto riscos para a saúde, tornando-se fundamental um debate que busque o equilíbrio entre esses dois aspectos cruciais.

CAPÍTULO 1 - TRAÇANDO O CAMINHO DA ETNOGRAFIA

Lá estava eu, um jovem curioso de dez anos, quando meu tio Jorge veio visitar a cidade cinzenta de Curitiba, trazendo consigo uma marca de coragem e rebeldia. Era uma tatuagem tribal, ousada e definitiva, desenhada em seu braço direito. No entanto, esse primeiro contato com a arte do corpo adornado despertou em mim uma mistura de fascínio e medo. Naquela época, a música "Menino do Rio"² de Caetano Veloso, na voz de Baby do Brasil³, já ecoava pela minha casa, me introduzindo ao conceito de tatuagem. Mas foi o desenho esculpido na pele do meu tio que fez com que eu questionasse sua permanência e imaginasse como poderia melhorá-lo.

Nesse período, a minha infância era dominada pelo lançamento do famoso chiclete *Ploc*, que vinha com adesivos que se transformavam em tatuagens temporárias para crianças. Eu me lembro de gastar dias a fio aplicando e removendo esses adesivos, sonhando em ter um desenho igualmente incrível e talvez não tão permanente quanto o do meu tio. Finalmente, reuni coragem para abrir minha mente curiosa e perguntar a ele sobre a tatuagem. Foi um momento de tensão, pois eu sabia que aquele desenho havia sido feito durante seu tempo no exército. Ele me olhou com um misto de nostalgia e orgulho e, com um tom grave, revelou sua história. Naquele instante, meu sentimento de medo e fascinação se intensificou. Aquela tatuagem, assim como suas palavras, me marcaram de forma indelével. Minha curiosidade infantil foi despertada para um universo de possibilidades, de transformações pessoais e da eternidade das escolhas que fazemos. Assim, meu primeiro contato com a tatuagem se tornou um momento inesquecível na minha vida, uma experiência que me fez questionar o conceito de permanência e despertar a paixão pela arte corporal. E ainda hoje, quando olho para o mundo tatuado ao meu redor, carrego comigo aquele misto de prazer e inquietação, sabendo que cada marca conta uma história única, assim como aquela que meu tio Jorge me contou tão significativamente.

Na turbulenta fase da adolescência, quando as ânsias e rebeldias despertam, tive o prazer de me embrenhar no movimento *hardcore*⁴ e de me apaixonar perdidamente pelas

² A música do Caetano Veloso é uma homenagem para Petit, morador da zona sul de Rio de Janeiro, que se fez tatuar à idade de 17 anos com o conhecido tatuador Lucky. Ele não foi um caso isolado, pois a tatuagem se converteu em moda durante os anos 70 entre o grupo de surfistas cariocas, que viajavam até Santos para ser tatuados por Lucky.

³ Que na época ainda era Baby Consuelo.

⁴ *Hardcore* refere-se a cena musical surgida internacionalmente através da "segunda onda do punk", no final da década de 1970, e mais comumente a um estilo de punk rock considerado ainda mais rápido e agressivo

bandas grunges⁵ que incendiavam os meus ouvidos: *Nirvana*, *Alice in Chains*, *Pearl Jam*, *SoundGarden* e o *Mad Season*. Porém, não foram apenas os acordes frenéticos e as letras angustiantes que me chamaram a atenção. Era algo, além disso, algo estampado na pele daqueles ídolos de cabelos desgrelhados e atitude inigualável: suas tatuagens. Numa época em que a internet ainda engatinhava, tínhamos que buscar nosso alimento musical semanalmente na banca de jornal do bairro. Ali, entre os periódicos empilhados, encontrávamos a salvação em forma de revistas especializadas em música. Era com elas que sentíamos a energia e nos atualizávamos sobre as bandas que tanto amávamos. Assim como as cordas distorcidas de uma guitarra, o drama permeia nossa jornada pelo universo das tatuagens.

Numa dessas idas, me deparei com a imagem de Layne Staley (1967 - 2022), o lendário vocalista da banda *Alice in Chains*, estampada na capa de uma revista. Layne, sem camisa e com óculos escuros, exibia orgulhosamente uma tatuagem hipnotizante em suas costas. Instintivamente, sem hesitar nem por um segundo, comprei a revista, na esperança de obter algumas informações cruciais sobre a banda ou até mesmo vislumbrar detalhes íntimos da vida pessoal de Layne. Imaginem a minha surpresa quando descobri que se tratava de uma revista especializada em tatuagens, na qual gigantes do rock exaltavam suas marcas de identidade corporal. Naquela edição em específico, esses mestres do palco e do estúdio compartilhavam os significados profundos e impactantes de suas obras de arte na pele. Foi como se minha mente explodisse em mil pedaços de êxtase. Afinal, não era apenas o meu tio e seu dom de eternizar histórias na pele que me encantavam, mas também meus heróis musicais, aqueles que carregam a arte com desafiador orgulho dentro de suas próprias cascas. E para completar essa emocionante experiência, a revista ainda trazia uma reveladora entrevista com o tatuador Paul Booth, reverenciado como "O Novo Rei das Tatuagens do Rock"⁶, um artista audacioso que já embelezou os corpos dos membros de bandas lendárias como *Slayer*, *Slipknot*, *Pantera*, *Lamb of God* e muitos outros.

Lembro-me vividamente que cheguei em casa e soltei, com uma pitada de rebeldia, a frase "vou fazer uma tatuagem". É claro que isso irritou profundamente minha mãe, enquanto meu pai simplesmente considerou aquilo uma "fase boba que logo passaria", como costumava dizer. Mas, dentro de mim, existia uma convicção inabalável de que aquilo não era apenas uma fase passageira. Nem em meus sonhos mais audaciosos eu poderia imaginar que, aos

⁵ *Grunge* é um subgênero do rock alternativo que surgiu no final da década de 1980 no estado americano de Washington, principalmente em Seattle.

⁶ *The New King of Rock Tattoos*.

meus meros treze anos de idade, seria impossível realizar meu desejo de ter um desenho marcado em minha pele. No começo, a frustração era avassaladora, como uma barreira que me separava de meus ídolos. Afinal, eu queria ser como eles, eram minha fonte de inspiração, moldando minha identidade com seus comportamentos peculiares e suas músicas que tocavam minha alma. Consciente de que a idade⁷ era um obstáculo intransponível para realizar meu tão esperado desejo de tatuagem, resolvi alimentar essa ideia durante anos. Comecei a colecionar revistas, devorando qualquer informação relacionada ao assunto.

Já no início dos anos 2000, minha família finalmente tinha acesso à internet, e eu passava horas navegando, mergulhado em músicas e devorando conteúdos sobre minhas bandas favoritas. Entre os lançamentos do recém-nascido *YouTube*⁸, eu encontrava fotos e trechos de shows, que me deixavam ainda mais fascinado. Foi através de plataformas como *Purevolume* e *Myspace* que comecei a descobrir e apreciar outros estilos musicais, como *nu-metal*, *metalcore* e *post-hardcore*. Minhas paixões musicais se expandiam e eu mergulhava de cabeça em bandas como *Bring Me The Horizon*, *Alexisonfire* e *Underoath*, entre outras. Apesar de pertencerem a gêneros distintos, compartilhavam uma característica marcante: as tatuagens que adornavam seus corpos.

A minha paixão por essas bandas e a admiração que elas despertavam em mim só aumentava meu desejo de ter uma tatuagem. Sabia que, no momento certo, quando a idade finalmente não fosse um empecilho, eu também ostentaria com orgulho minhas próprias marcas na pele. O fato de ter que esperar apenas intensificou meu amor pelas tatuagens e tudo o que elas representavam. Eu sabia que, um dia, esse meu desejo se tornaria realidade e que meu corpo seria o mural das minhas inspirações e da minha autenticidade.

Ao completar meus dezoito anos, decidi embarcar em uma aventura no centro da cidade com meu fiel amigo, André. Juntos, estávamos determinados a encontrar o estúdio de tatuagens Elzo Tattoo. Sussurros sobre o trabalho de Elzo já haviam chegado aos meus ouvidos em algum momento da minha vida, embora eu não me recordasse exatamente quando. Localizado no segundo andar de um prédio de esquina, com vista privilegiada para a praça Carlos Gomes, encontrava-se o estúdio. Ao adentrar pela porta e subir as escadas, fui imediatamente inundado por uma enxurrada de emoções. A ansiedade lentamente se misturou com uma pontinha de alegria, enquanto o medo sussurrava em meus ouvidos. No entanto,

⁷ A Lei 12.242 de 31 de julho de 1998 estabelece que é proibido realizar tatuagens permanentes em menores de 18 anos sem a autorização por escrito dos pais ou responsáveis.

⁸ Plataforma criada por Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, em 2005.

jamais cogitei a ideia de desistir. E assim, nossa saga em busca da arte em tinta começava, com tom dramático e corações ansiosos.

Naquela atmosfera quase claustrofóbica da sala, encontrei Elzo, sentado com uma postura meio enigmática atrás do balcão. Aproximei-me timidamente, sem ter certeza do que dizer. O tatuador me olhou intensamente e disparou: "e aí pia, beleza? Vamos tatuar o que hoje?" Minha expectativa para aquele momento era enorme, mas ainda não tinha decidido o desenho. E sua pergunta só me deixou ainda mais confuso. "Ainda não me decidi", respondi vacilante. Elzo levantou-se abruptamente, entregou-me uma pasta repleta de suas criações e disse com um ar de desapego: "Escolhe aí, tem de tudo um pouco". Naquele instante, meu pensamento era uma verdadeira bagunça de tentativas de agradar minha mãe. Fui direto para as páginas com temas religiosos, pensando que se eu fizesse uma tatuagem com um símbolo cristão, minha mãe não teria argumentos para criticar.

A sessão começou, "finalmente! Não há mais retorno", pensei. Eu sabia que aquele momento estava marcando uma transformação em minha vida. Meus amigos falavam incessantemente sobre a dor que sentiria durante o processo, mas, ironicamente, eu me sentia feliz e cheio de adrenalina, quase não percebendo a agulha penetrando em minha pele. Esperei por tanto tempo para realizar meu desejo de ter uma tatuagem e agora finalmente o alcancei. Quando cheguei em casa, uma onda de felicidade me dominou ao ver a aprovação de meus pais. Minha mãe disse com alívio, "pelo menos você não cometeu nenhuma loucura, escolheu sabiamente". E ali me vi como o cara que liderava uma banda de rock e ostentava orgulhosamente sua obra de arte na pele.

Assim que saí do estúdio, senti como se tivesse atravessado um portal e emergido como um homem completamente novo. Nem mesmo o frio implacável de Curitiba conseguia me deter, eu desafiava o clima usando camisetas de manga curta. Sentia-me invulnerável, como se tivesse me metamorfoseado em uma versão aprimorada de mim mesmo. E não demorou muito para eu mergulhar de cabeça nesse novo mundo, afinal, meses depois já estava planejando minha próxima tatuagem. E não parava por aí. Dessa vez, escolhi um tatuador local completamente diferente para eternizar um motivo ainda mais grandioso na minha pele.

Ao longo dos anos seguintes, fui me distanciando do universo da tatuagem. Deixei de adquirir as revistas e gradativamente deixei todo aquele interesse em segundo plano. Minha carreira na agência de publicidade começou a tomar forma e minha vida foi seguindo um rumo diferente. A tatuagem já não me interessava mais, apesar de achar empolgante quando um amigo mostrava sua nova arte na pele. Após anos mergulhado na tecnologia da internet,

decidi abandonar a profissão de programador e embarcar em uma nova aventura: cursar Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Durante minha graduação, participei de encontros que abordavam diversos temas artísticos. E, aos poucos, meu interesse pela tatuagem foi renascendo, mas de uma forma diferente. Agora, meu olhar estava voltado para entender como a tatuagem era praticada como uma forma de terapia, como um processo de cura para o corpo e a mente. À medida que os encontros se desenrolavam, mergulhava cada vez mais no mundo intrigante e fascinante da tatuagem terapêutica. Um mergulho profundo e dramático, em busca das nuances e significados por trás das linhas e cores que se fundem na pele. Aos poucos, fui percebendo o quanto a tatuagem pode ser uma forma de expressão e superação, um grito de liberdade eternizado na pele. Não era mais apenas uma simples tinta sobre o corpo, era uma arte que imergia na alma. Era encontrar uma nova perspectiva, um novo caminho através de pigmentos e traços minuciosos. A tatuagem, agora, tinha se transformado em uma jornada emocionante de autoconhecimento, uma forma de curar feridas invisíveis e lançar um olhar desafiador ao destino.

E assim, minha trajetória ganhava um novo rumo. Da publicidade à Antropologia, do mundo virtual às artes da carne, eu me reinventava a cada linha e rabisco. O drama dessas cicatrizes gravadas em mim transformava-se em uma paixão ardente, em uma busca incessante por compreender e explorar os segredos que a tatuagem traz consigo. Afinal, na pele tatuada, uma história está entrelaçada, uma história que precisa ser contada e compreendida. E eu estava determinado a explorar cada centímetro dessa história, mesmo que isso significasse desvendar os mistérios mais profundos da minha própria alma.

Em meu íntimo, senti uma necessidade desenfreada de resgatar minha conexão com os tatuadores. Decidi então desbravar as ruas de Curitiba e me embrenhar em uma intrépida busca pelos segredos desse mundo. Foi assim que adentrei em uma loja especializada em equipamentos de tatuagem, um verdadeiro templo da arte na pele. Ali, testemunhei um grupo de tatuadores imersos em uma discussão fervorosa, ávidos por compartilhar as mudanças que permearam a indústria nos últimos tempos. Ressoavam em meus ouvidos os relatos sobre as novas técnicas, a metamorfose que ocorreu nos estúdios e a evolução das máquinas que acariciam nossas almas com suas agulhas feéricas. Entretanto, uma voz em particular capturou toda a minha atenção. Era a de um tatuador enigmático, cuja eloquência despertava nos presentes um misto de assombro e fascinação. Ele desfiava em detalhes a revolução que tomou de assalto os novos artistas da pele, em especial no que diz respeito ao tratamento dispensado aos clientes. Foi então que algo íntimo e intenso invadiu meu ser. Aquele relato abriu uma fenda em minha alma, uma porta para um universo inexplorado. Pude vislumbrar a

transformação que ocorreu no cerne da profissão. Não eram meros traços e cores que se aplicavam na pele, mas sim uma interação sagrada entre artista e receptor da obra. Daí em diante, a cada passo que dava rumo a essa nova jornada, o drama se desvelava diante de mim.

Após algumas jornadas, decidi retornar à loja para testemunhar aqueles tatuadores se aventurando em uma máquina recém-lançada. Ansioso por absorver um pouco do seu conhecimento, tentei me aproximar, mas fui recebido com reservas e desconfiança. Os olhares lançados a minha direção deixavam claro que eu era um intruso, uma figura estranha em um universo desconhecido. Ao abandonar o local, a amargura da rejeição se alojou em meu peito, mas a chama da determinação ainda queimava dentro de mim. E assim, resolvi me erguer novamente, disposto a enfrentar os desafios, desbravando o desconhecido em busca de minha redenção.

Ao regressar à loja, um tatuador me deu uma valiosa dica: dirigir-me à Praça da Espanha, no bairro Bigorriho, conhecido também como Champagnat. Segundo ele, lá é o reduto dos estúdios de tatuagem em Curitiba e um lugar onde "as ideias estão sempre em ebulição". Porém, ele alertou: "cuidado, cara. As pessoas que frequentam este lugar estão focadas apenas em fazer suas tatuagens, não em trocar ideias". Intrigado com a possibilidade de encontrar inspiração, decidi não perder a oportunidade e parti rumo à praça. Fiquei atônito ao me deparar com a profusão de estúdios, mesmo tendo passado pelo local incontáveis vezes sem notar a efervescência de um dos principais polos tatuadores de Curitiba. Os estúdios se entremesclavam com butiques de roupas, bazares, floriculturas, lojas de acessórios automotivos, estabelecimentos de produtos naturais, feiras, lojas de artigos domésticos, padarias, mercados, confeitarias e tantos outros comércios singulares. Todas essas diferentes entidades do comércio coexistiam em perfeita harmonia. Ao caminhar pela Alameda Augusto Stelfeld, percebi que três dos estúdios mais renomados da cidade encontravam-se a poucos passos um do outro. Seria apenas uma coincidência? Ou quem sabe algo mais? Esses pensamentos fervilhavam em minha mente, até que uma estratégia surgiu como uma luz no fim do túnel para me aproximar dos tatuadores: decidi fazer uma tatuagem, como forma de aproximação.

Utilizando sites especializados e recomendações de amigos, começo a listar os principais estúdios disponíveis naquela região. Após pesquisar no *Instagram*, o qual é um elemento importante na dinâmica de funcionamento do meio (SOUSA, 2021), por se tratar do principal meio de divulgação tanto dos estúdios quanto dos tatuadores, seguindo o conceito de

“política de encantamento”⁹ definido por Pérez (2006, p.06), opto pelo Tattoa Studio¹⁰. Essa escolha crucial, seja na seleção de uma loja de tatuagens ou de um tatuador habilidoso, tem sido objeto de profunda análise em diversas pesquisas (SANDERS, 1988; LE BRETON, 2002). Tais estudos revelam os medos, precauções e criteriosas avaliações que impulsionam aqueles que buscam o local perfeito para eternizar sua arte na pele. É importante destacar que nesses critérios se incluem a preocupação com a higiene impecável e a qualidade artística inegável do trabalho a ser realizado.

Após cuidadosa seleção do estúdio, chegou a hora crucial de escolher o artista que iria tatuar minha pele. Comecei a vasculhar o catálogo de tatuadores do Tattoa Studio, em busca daquele cujo estilo encapsulasse perfeitamente minha preferência estética. Essa empreitada levou dias para ser concluída, pois eu precisava me atualizar sobre as evoluções que haviam ocorrido durante meu afastamento do universo das tattoos. Para os desatentos, tudo pode parecer uma única e genérica confusão, mas, na verdade, há uma infinidade de vertentes e tendências: do tradicional¹¹ ao *fineline*¹², até o intrigante *blackwork*¹³. Dentre todas as possibilidades que meticulosamente vasculhei, foi o *blackwork* que capturou minha atenção, pois, sinceramente, nunca fui um grande aficionado por cores e ter algo tão vívido permanentemente estampado em meu corpo não era exatamente o mais atraente dos cenários. Uma vez decidido o estilo, meu objetivo ficou mais fácil. Restando apenas a tarefa de desvelar quais tatuadores se especializaram no estilo que eu ansiava.

Fiquei maravilhado com o talento de Rodrigo em sua maestria com a tinta preta, capaz de agregar elementos sombrios, distópicos e texturas abstratas em suas criações. Com uma visão clara do que desejava, não hesitei em contatá-lo através de sua conta pessoal no Instagram, e para minha surpresa, ele prontamente respondeu no mesmo dia. Nossa conversa sobre a tatuagem fluiu facilmente, discutindo até mesmo qual parte do corpo seria mais propícia para receber a arte. Rodrigo educadamente me solicitou referências de outros trabalhos que eu havia apreciado, mas ao invés de buscar em diversos sites, decidi me inspirar em seus próprios projetos disponíveis em seu perfil no *Instagram*. Após chegarmos a um acordo, estabelecermos o valor da obra e agendarmos a data para a tatuagem, mal posso

⁹ Segundo Pérez (2006), essa política apresenta-se em duas perspectivas: a primeira diz respeito à estética do ambiente, enquanto a segunda está relacionada ao processo de atendimento.

¹⁰ Atualmente o estúdio encerrou suas atividades.

¹¹ Tatuagem tradicional necessita de traços precisos, pigmentação sólida e cores bem aplicadas, com sombras bem definidas para destacar os contornos.

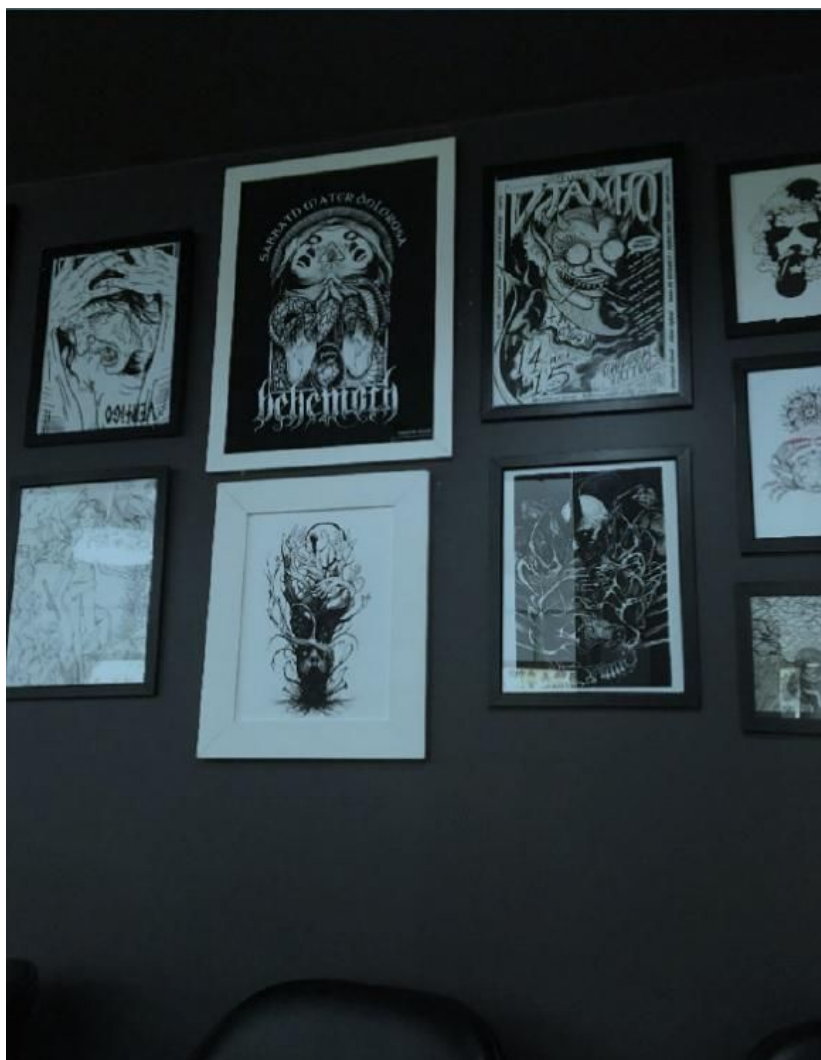
¹² O estilo *fineline*, com traços finos e minimalistas

¹³ Desvendar a própria essência do estilo é a epítome da expressão artística, um ingrediente primordial para tatuadores astutos. Essa é a chave-mestra que transforma agulhas e tintas em verdadeiros poetas da pele.

esperar para ver sua obra-prima eternizada em minha pele. O mistério paira no ar, enquanto conto os dias para o dia tão esperado.

No dia marcado, enquanto me encaminhava ao estúdio, mergulhei em uma imersão profunda nas memórias da minha incursão no mundo da arte corporal há muito tempo atrás. Recordo-me vagamente de quando entrei na loja especializada em equipamentos para tatuagem e me deparei com os tatuadores envolvidos em uma acalorada discussão sobre como o atendimento costumava ser. Para minha surpresa, os relatos que ouvi ecoaram assustadoramente minha própria experiência. A lembrança da minha segunda tatuagem surge claramente em minha mente. Um atendimento lamentável, instrumentos negligenciados e falta de higiene, sem mencionar a resistência insolente do tatuador em entender minha visão artística. No entanto, ao cruzar a porta do estúdio, fui subitamente surpreendido. Nada no ambiente me remetia à minha experiência anterior. A preocupação meticulosa com a limpeza e a estética pairava no ar, enquanto as paredes eram decoradas com obras de arte dignas de prestigiadas galerias.

De acordo com Marques (1997, p.198), as tatuagens deram um salto impressionante nos anos 90, buscando um novo status. Já não eram mais feitas em lugares escuros e sombrios, mas em estúdios modernos, equipados com aparelhos importados e materiais sofisticados. Além disso, uma infinidade de revistas e catálogos inundam esses estabelecimentos, para que os clientes possam exercer seu "poder de escolha". Essa revolução tem implicações profundas no tecido social. Fonseca (2003b) destaca que a tatuagem passou por um processo de institucionalização assustadoramente irreversível. Abrir uma loja de tatuagens não é tarefa simples, é preciso submeter-se a uma série de exigências legais, comerciais e sanitárias para obter uma licença de funcionamento. Para a autora, é como se a arte fosse enclausurada, aprisionada em um sistema que aos poucos suprime sua natureza contestadora. O controle social, que fica cada vez mais presente nessa prática, traz consigo um prêmio ambicionado pelos tatuados: o reconhecimento público. A tatuagem agora é "legítima", foi abraçada pela sociedade, mas com uma condição: ela deve se afastar da marginalidade à qual estava acostumada, que a definia e a tornava rebelde. Agora, o tatuado precisa renunciar à sua identidade transgressora, precisa deixar o mundo do underground para ser aceito (FONSECA, 2003b).

Figura 1- Tattoo Studio¹⁴

Fonte: De autoria própria (2019)

Enquanto eu esperava ansiosamente na recepção, Rodrigo mergulhava em uma preparação meticulosa dos instrumentos que seriam usados na sessão: tintas, agulhas, fonte de energia, batoques alinhados, luvas protetoras, máscaras, entre outros apetrechos. Enquanto minha mente girava, ponderando sobre como abordar o tema de forma perfeitamente natural, sem transparecer qualquer invasão, eu imaginava que o tatuador seria uma pessoa peculiar e reclusa. Mas toda essa suposição foi completamente desfeita quando Rodrigo se aproximou com um sorriso radiante e me envolveu em um abraço caloroso. Definitivamente, a realidade superava as expectativas. Fonseca (2003b) aponta que além do marco de legalidade que passa a revestir essa prática, também se eleva o status do tatuador que se posiciona no mercado

¹⁴ Decidimos optar por transformar todas as fotos em preto e branco, uma vez que a fotografia nessa técnica única se revela como uma poderosa aliada para capturar emoções intensas e pulsantes, despertando a inquietante curiosidade de mergulhar nas sutilezas do nosso universo.

como um novo tipo de “profissional” ou de “experto empírico”¹⁵, que tem incidência e visibilidade social, portanto, obrigando-o a um novo ordenamento jurídico e conceitual. Ao me cumprimentar, o tatuador questiona se é viável modificar a proposta que havíamos acertado previamente por meio do *Instagram*, respondo prontamente, “com certeza”, Rodrigo sorri, satisfeito com a resposta. Após alguns minutos, ele apresenta o desenho modificado e, naturalmente, optei pela nova versão em relação à ideia original.

Enquanto caminhávamos em direção à sala de procedimento, fui surpreendido pelo excepcional tratamento do tatuador. Não pude deixar de elogiá-lo por sua hospitalidade e gentileza, ao que ele prontamente respondeu que tratar bem os clientes é algo fundamental. Curioso, perguntei se essa atitude era uma característica única dele ou se todos os tatuadores do estúdio seguiam essa abordagem. Com um sorriso, ele afirmou: "aqui, mano, todos agimos assim!". Foi a partir desse momento que percebi o quanto esse estabelecimento valoriza o bom atendimento, algo que Fonseca (2003b) denomina de "política de atendimento". Essa visão vai além da simples tatuagem em si, levando em consideração o cliente e criando uma atmosfera harmoniosa para a interação com o tatuador.

Enquanto estava sendo tatuado, percebi uma atmosfera agradável e decidi perguntar ao tatuador sobre sua visão do trabalho que realizava. Rodrigo parou por um momento e explicou que a questão era profundamente complexa, mas enfatizou que, para ele, "tatuar era a própria essência de sua alma". Intrigado, perguntei o que ele queria dizer com aquelas palavras. Ele afirmou que "entender a tatuagem como uma forma de expressão artística ia muito além do aspecto estético". No entanto, o que mais me surpreendeu foi a maneira como ele relacionava sua arte com o processo de cura. Em suas palavras, "sabe, cara, a tatuagem é a minha forma de me curar, de exorcizar todos os meus demônios". Foi a primeira vez que ouvi a palavra "cura" sendo associada à prática da tatuagem por Rodrigo. Ao terminar a sessão, retornei para casa e comecei a ponderar sobre os múltiplos significados que a palavra "cura" poderia assumir nesse contexto. Após refletir por alguns dias, decidi buscar outros estúdios para conversar com diferentes tatuadores, mas não tive sucesso. Eles não estavam dispostos a compartilhar sua jornada artística com alguém que não fazia parte do meio.

Durante minhas incursões na pesquisa, fui confrontado por uma notável discrepância entre a forma como eu me apresentava aos notáveis tatuadores e como eles me acolhiam em seu mundo intrincado. Foi assim que descobri: duas abordagens distintas, cada qual gerando uma resposta peculiar. Ao me afirmar como um antropólogo ávido por desvendar a arte

¹⁵ A Secretaria de Saúde de São Paulo define o ofício do tatuador da seguinte maneira: “Tatuador pratico: é o indivíduo que domina as técnicas destinadas a pigmentar a pele” (PORTARIA CVS-12, DE 30/7/99).

imortalizada na pele, eu era recebido com olhares desconfiados¹⁶, respostas ambíguas e, por vezes, até negativas em relação a entrevistas. Entretanto, ao ser transparente desde o primeiro contato, revelando que minha verdadeira intenção era coletar dados para embasar minha dissertação acadêmica, uma desconfiança mútua pairava no ar. Em contraste, quando me apresentava como um conhecedor do universo das tatuagens, eu era recepcionado de outro modo. Era abraçado como um igual, um habitante legítimo dessa comunidade. No entanto, à medida que avançava em meu estudo, percebi que a abordagem ideal - a mais ética e proveitosa - jazia em algum ponto intermediário entre essas duas opções. Resolvi, então, adotar inicialmente o papel que sempre exerci com entusiasmo renovado: ser um praticante curioso, desejoso de conhecer a dialética criativa dos tatuadores e estabelecer um vínculo autêntico.

Para me manter antenado com as últimas tendências, decidi mergulhar no universo do estúdio através das redes sociais. E não é que, algumas semanas após fazer minha primeira tatuagem, eles anunciaram seu *Flashday*. Vi ali uma oportunidade perfeita para me aproximar dos artistas e conhecer melhor os bastidores do estúdio. O *Flashday* é realmente um evento único, onde os tatuadores residentes e os convidados, os famosos "*guests*", se juntam para oferecer seus serviços a preços mais acessíveis. E não é só isso, o evento também é recheado de música, exposições de outros trabalhos artísticos, como camisetas, bonés e adesivos personalizados, tudo feito pelos artistas presentes. O evento pode ser identificado como um sistema de circulação de pessoas e produtos em todo o país, tanto formulado quanto estimulado pelos contatos. Esses contatos são resultados dos encontros realizados em *Flashdays* de outras cidades. Essas atividades me fazem lembrar das ilhas no Kula, como descrito por Malinowski (1983 [1922]). Neles, diferentes grupos de diversas regiões do país se congregam para trocar suas vivências e conhecimentos no fascinante universo da tatuagem.

Com o intuito de promover o evento, o estúdio criou uma competição para seus seguidores. Foram disponibilizados 14 adesivos com preço promocional de 100 reais, que seriam abatidos do valor total das tatuagens no dia do evento. Esses adesivos foram distribuídos pelas regiões vizinhas ao estúdio. A cada sábado, o perfil do estúdio no *Instagram* divulgava dicas sobre a localização dos adesivos. Frequentemente, eles eram

¹⁶ De acordo com Zenobi (2010), adentrar no mundo social dos nossos nativos pode ser como caminhar numa corda bamba - um ato que equilibra entre a compreensão e a suspeita. A construção metódica dessas relações tem como objetivo desvendar os mistérios dessa sociedade, mas pode gerar atritos e nos colocar no centro de acusações de espionagem e infiltração. Nader (1988) e Wax (1971) alertam para essa dinâmica delicada, onde cada movimento é atentamente observado por aqueles que temem o uso indevido do conhecimento adquirido através dessa pesquisa. Essas preocupações denotam uma inquietação quanto ao impacto que esse conhecimento terá naqueles que nos abriram as portas e participaram ativamente dessa jornada de descobertas.

colocados em lugares de difícil alcance, como atrás de uma placa, uma lixeira ou fixados em um banco antigo de alguma praça. A competição exigia o cumprimento de três regras para ser válida: seguir a página do Tattoo Studio, publicar a foto do adesivo no lugar onde foi originalmente fixado e compartilhar a postagem feita pelo estúdio. Decido participar da competição e, aos sábados, caminho pelas ruas escuras do Largo da Ordem, pela movimentada “Prainha” da Itupava e pela quase deserta Praça Osório. No entanto, minha dedicação teve seus frutos. Encontrei o adesivo três vezes. Dessa forma, estabeleci uma relação mais próxima com o estúdio.

Figura 2- Banner utilizado para promover o Flashday no Tattoo Studio.

TATTOOA
FLASH WEEKEND

PODE VIR TATUA, QUE NÃO DOI NADA!

ACT DE AGULHA

NO PAIN NO GAIN

07/05 - SÁBADO - 10H AS 20H | 08/05 - DOMINGO - 12H AS 18H
 VALOR MÍNIMO DOS FLASHES: \$150
 DOUBLE HEINEKEN NO DEGUSTO
 20% EM TODOS OS PRODUTOS DA LOJA URBIK (ANEXO, 2º ANDAR)
 MÚSICA COM OS DJS ANTONIO RMS E PEDRO RAMOS
 PRINTS YUF

20% DE DESCONTO PARA QUEM DOOU SANGUE EM 2016, COM APRESENTAÇÃO DE COMPROVANTE
 Apoio cultural: curitiba.cult TATTOOA AL. DR. CARLOS DE CARVALHO, 1148 | 33879233 /TATTOOATATTOO.

Fonte: De autoria própria (2019)

No estúdio de tatuagem, todos sabiam que eu era o cara que se destacou na competição e conseguiu conquistar três adesivos, um feito que ninguém mais conseguiu repetir. Minha habilidade era tão notável que despertei a curiosidade de Rodrigo, que decidiu me enviar uma mensagem em meu perfil. Ele me perguntou se eu estaria interessado em fazer uma tatuagem personalizada, já que, graças às minhas conquistas, ele poderia ir além das opções disponíveis no *flashday*. Foi assim que começou uma nova jornada para mim, na qual minha relação com Rodrigo, o tatuador, tomou um rumo diferente. Aquelas mensagens mudaram o curso normal das coisas. Decidi me apresentar a Rodrigo como um antropólogo, explicando que minha verdadeira intenção era pesquisar o ambiente da tatuagem, o mundo dos tatuadores. Confesso que fiquei um pouco preocupado com a sua reação, temendo que ele não compreendesse ou rejeitasse meu objetivo. No entanto, para minha surpresa, a resposta de Rodrigo foi excelente. Ele já me conhecia e reconhecia meu entusiasmo pelo tema das tatuagens. Isso só aumentou minha empolgação e determinação em explorar esse universo intrigante. Assim, mergulhei de cabeça em cada tatuagem que Rodrigo criou para mim. Cada

traço se tornou um ato dramático. E nós dois sabíamos que estávamos envolvidos em algo muito mais profundo do que a criação de uma simples peça de arte corporal.

A cada agulhada, a minha pesquisa avançava. Cada gota de tinta representava um novo capítulo em minha busca antropológica pela essência das tatuagens e seus tatuadores. Eu me tornei um observador atento, um estudioso do corpo humano como uma tela viva de expressão e arte. E Rodrigo, com seus talentos como tatuador, tornou-se meu guia nessa jornada repleta de emoção e descobertas. Através das tatuagens que ele criava em mim, conexões invisíveis eram formadas, laços indissolúveis de entendimento e admiração mútua. As palavras eram desnecessárias entre nós. Cada marca, cada símbolo, cada linha curva era uma linguagem universal que transcendera a barreira da comunicação verbal. E assim, enquanto a minha pele se tornava uma obra-prima de arte corporal, minha alma se incendiava com paixão pelo mundo das tatuagens. E tudo isso graças a Rodrigo, que não apenas me proporcionou tatuagens personalizadas além da imaginação, mas também abriu as portas para um universo de significado, história e beleza que eu nunca poderia ter imaginado.

Nos dias 7 e 8 de maio, presenciei um evento épico, um final de semana inteiramente dedicado à arte da tatuagem. Ansioso para absorver toda a atmosfera do evento, cheguei cedo para apreciar a movimentação. O sábado, nessa região, é um dia singular. Corpos adornados com tatuagens compõem um verdadeiro espetáculo, enquanto carros clássicos se misturam elegantemente aos veículos de luxo. Enquanto isso, idosos desfilam com seus cachorros, exalando tranquilidade pelas vias. A agitação que antes imperava nas ruas agora deu lugar a uma serenidade encantadora. Escolhi um aconchegante banco próximo para me assentar e, rapidamente, percebi a chegada dos tatuadores, seguidos por clientes determinados a garantir suas *flash tattoos*¹⁷.

¹⁷ As *flash tattoos* são a moda do momento para aqueles que estão buscando algo novo, mas ainda não decidiram qual desenho tatuar. Com um estilo minimalista e pequeno, essas tatuagens pré-preparadas estão conquistando o coração daqueles que desejam um toque de arte em suas vidas. Originalmente popularizadas nas "lojas de rua" da década de 90, onde uma grande variedade de tatuagens genéricas eram oferecidas aos clientes que passavam por ali. Agora, as *flash tattoos* se tornaram sinônimo de elegância e estilo, atendendo a demanda dos clientes que buscam por uma tatuagem rápida e impressionante.

Figura 3- Antigo espaço que abrigou o Tattoa Studio.



Fonte: De autoria própria (2018)

Durante o evento, acompanhei algumas sessões e participei de rodas de conversa sempre que pude. Em um segundo momento, quando o contato se estabelecia e/ou quando me parecia interessante aprofundar alguma questão em uma conversa, eu falava sobre meu mestrado em antropologia e como minha dissertação abordava a tatuagem. De alguma forma, essa atitude eliminou quaisquer dúvidas sobre minha pesquisa. Em vez de ser tratado como um estranho, alguém não aceito pelos tatuadores, fui visto como alguém altamente preocupado com os seus trabalhos, um praticante dedicado, que decidiu transformar seus estudos em uma forma de dar visibilidade a profissão.

Minha interação me permitiu ver como a troca se desenvolve dentro do contexto deste evento. Raramente o evento é composto apenas por profissionais que atuam no ramo da tatuagem. A regra é que diversos setores, como cervejarias, profissionais de piercing, bandas e DJs locais, participem. Como seus trabalhos têm valor pré-definido e, por outro lado, o proprietário do estúdio não obtém grande lucro com o evento, estabelece-se um conjunto de retribuições entre ambas as partes. No *flashday*, é comum ver mesas repletas de produtos à venda, os organizadores do evento ou qualquer indivíduo que queira comercializar suas marcas autorais, adesivos, *prints*, quadros, origamis, piercings e souvenirs montam essas mesas, que também disponibilizam sorteios de diversos produtos. É necessário que essa suposição se torne uma confirmação. O encontro precisa se converter em contato. Daí a eficácia das retribuições. Ao receber e aceitar o convite, tatuadores de diversas partes do país

comparecem ao evento para exibir seus trabalhos e marcas, demonstrando seu comprometimento com o espaço e a valorização da tatuagem.

Não pude comparecer no dia seguinte, mas acompanhei o evento através dos *stories* do *Instagram* que eram postados durante todo o dia. Próximo ao término do evento, a proprietária do estúdio anunciou que aqueles que haviam conseguido os adesivos promocionais participariam de um sorteio. Três vencedores seriam escolhidos, e cada um receberia um kit diferente. Para minha surpresa, fui contemplado, e ao anunciar meu nome ela brincou dizendo “olha o cara dos adesivos aí”. Descrente, fiz contato para assegurar meu prêmio. Dentro do pacote que recebi, havia uma camiseta exclusiva de um tatuador residente, juntamente com dois prints criados por Rodrigo. Então eu perguntei se poderia buscar meu prêmio antes do evento acabar e, com a resposta afirmativa, segui em direção ao Tattoa Studio.

Ao chegar ao local, uma decepção se abateu sobre mim: o evento havia acabado. Apenas os tatuadores ainda permaneciam ali, parecendo aproveitar o resquício da animação que havia rondado o lugar anteriormente. Ao me aproximar timidamente, ouvi uma risada ecoando por entre eles. “É o cara dos adesivos”, alguém comentou, seguido por risos ainda mais altos. Fui cercado pelos tatuadores, que me abraçaram calorosamente, como se eu fosse um velho amigo. Eles me convidaram para ficar ali com eles, e eu aceitei prontamente. O tempo passou em uma mistura de conversas animadas, cerveja gelada e música suave ao fundo. Nesse momento, pude sentir que tinha conquistado a confiança deles. Antes de despedir-me, Rodrigo solicitou meu número de telefone, desejando manter nosso laço afetivo em crescimento contínuo. Essa atitude, sem dúvida alguma, selou a cumplicidade entre nós.

1. ENCERRAMENTO DE UMA JORNADA

Toda semana, eu me reunia com Rodrigo, criando um ritual que nos permitia explorar um universo fascinante. Nossos encontros iniciais aconteciam no estúdio, após o trabalho, onde debatíamos sobre o mundo da tatuagem, enquanto desfrutávamos de cervejas geladas e compartilhávamos nossas paixões musicais. Com o tempo, expandimos nossos horizontes e começamos a explorar bares e shows juntos, consolidando nossa amizade em meio a experiências enriquecedoras. De acordo com Strathern (2014), nunca devemos subestimar a importância das conexões que estabelecemos com aqueles com quem interagimos. Afinal, essas relações são tanto o objeto de estudo quanto o veículo para que os antropólogos alcancem um entendimento dos múltiplos aspectos, concretos e abstratos, de uma sociedade.

Sendo assim, entende-se que o trabalho de campo é produto de “uma interação humana e não algo meramente ‘extraído’ dos informantes nativos” (SCHEPER-HUGHES, 1977, p.35, apud ZENOBI, 2010, p.487).

Com o objetivo de reconstruir a perspectiva dos atores como construção teórica orientada pelo investigador, torna-se necessário estabelecer relações e laços com os nativos. A importância de realizar trabalho de campo com esse fim deve-se ao fato de que “nenhum dado tem importância por si só a não ser no seio de uma situação como expressão de uma trama de relações que lhe dão sentido. Isto é: os dados são recolhidos no contexto porque é no contexto que se adquire significado” (Guber 2001:81). Desse modo, afirmar que o conhecimento gerado por meio do trabalho de campo é produto de “uma interação humana e não algo meramente ‘extraído’ dos informantes nativos” (Scheper-Hughes 1977:35) especifica que o mesmo é produto do estabelecimento de relações sociais e que, por esse motivo, sempre deve ser entendido no contexto local de sua produção, de suas idas e vindas, vaivéns e subentendidos. A necessidade de tecer laços com os sujeitos envolvidos nas relações sociais que se pretende estudar e o fato de frequentar seus espaços de sociabilidade conduzem ao estabelecimento de vínculos mais ou menos orgânicos com eles. Uma vez que o etnógrafo tenha pisado o solo nativo ao tentar estabelecer tais relações, fica enredado nas tensões, conflitos e dinâmicas próprias ao campo no qual desenvolverá sua atividade.” (ZENOBI, 2010, p.487).

Para uma análise aprofundada das relações sociais que desejo explorar, é absolutamente necessário estabelecer uma sólida conexão com os indivíduos em questão. Isso requer imersão em seus círculos sociais e o desenvolvimento de uma relação autêntica com eles. Consequentemente, comecei a frequentar sua residência e, aos poucos, me inserir em seus projetos criativos. Rodrigo, que é tatuador, também tem habilidade para trabalhar com outros materiais como argila e principalmente o carvão, como ele mesmo afirma: “um dos materiais que mais gosto de trabalhar em telas não é exclusivamente a tinta, mas sim a principal matéria-prima [no caso do preto], o carvão”. Testemunhei todo o seu entusiasmo, desapontamentos e até mesmo fases de estagnação criativa ao desenvolver suas obras. Contudo, ele sempre afirmava que “o incômodo é o catalisador da criatividade, impulsionando a mente a encontrar soluções além do óbvio”. Nos momentos em que o tatuador estava sem inspiração, aproveitamos para ouvir música e jogar video-game. Assim, passei a integrar o seu círculo de amizade e ele o meu.

Figura 4- Rodrigo explorando as possibilidades da argila



Fonte: Instagram pessoal de Rodrigo (2002)

Figura 5- Sensorial - Carvão sobre tela 100x80



Fonte: Instagram pessoal de Rodrigo (2002)

Num desses momentos, percebi que Rodrigo estava num estado de absoluta agitação, muito mais do que o seu costume habitual. E eu, curioso como sempre, fui logo perguntar se algo estava acontecendo. Para minha surpresa, ele me revelou que, devido a incompatibilidades, havia decidido deixar o Tattoa Studio. Entretanto, sua explosão de agitação nada tinha a ver com sua saída, mas sim com a proposta que ele havia recebido. "Cara, fui abordado pelo Teix e tô pensando seriamente em aceitar". O Teix¹⁸, um dos mais proeminentes estúdios de tatuagem de Curitiba, com uma equipe formada por artistas

¹⁸ www.instagram.com/estudiogaleriateix

renomados na cena local, como Max Vorax¹⁹, Ricardo da Maia²⁰, Guga Scharf²¹, Bad Vibes²², só para mencionar alguns.

Após duas semanas, Rodrigo me enviou uma mensagem informando que havia aceitado a proposta e estava animado com os novos desafios de trabalhar em um dos estúdios mais tradicionais da cidade. Seu trabalho aumentou e durante o tempo que estive no Teix, conseqüentemente nos encontramos com menos frequência. Entretanto, sempre que nos encontrávamos, ele compartilhava comigo as novas tendências, o desenvolvimento do seu estilo e como estava se dedicando a estudar cada dia mais as técnicas. A experiência no Teix “me proporcionou muito aprendizado e a oportunidade de conhecer tatuadores de diversas localidades do Brasil”. Trabalhar em um estúdio tradicional permitiu ao tatuador expandir seus horizontes além de Curitiba, sendo convidado para tatuar em outras regiões do país.

Durante essa jornada, o tatuador expandiu horizontes e vislumbrou um mundo de possibilidades infinitas. O que antes era apenas uma arte em pele, agora se revelava como uma ferramenta poderosa para ajudar e conectar pessoas. Mesmo sem dominar plenamente essa nova vocação, ele sentia profundamente que seu trabalho tinha um propósito maior, um propósito que transcendia o mero ato de tatuar. Por mais que estivesse satisfeito no Teix, um estúdio renomado e lucrativo, ele sabia que ali não conseguiria concretizar seu projeto com ênfase em ações sociais. Movido por uma paixão avassaladora e uma insaciável vontade de fazer a diferença, ele tomou uma decisão drástica e se desvinculou do Teix. Era hora de abrir seu próprio espaço, onde não seria apenas um estúdio de tatuagem, mas uma fonte inesgotável de trocas de experiências e compartilhamento de sentimentos.

1.2 - O RECOMEÇO

Algumas semanas se passaram e Rodrigo me convidou para jantar em sua casa. Durante a conversa, o tatuador compartilhou comigo suas ideias para seu trabalho. Ele buscava uma nova perspectiva que pudesse dialogar com seus anseios e mencionou ter conhecimento de outros projetos, como o *ponto-e-vírgula*²³, entre outros. No entanto, ele

¹⁹ www.instagram.com/maxvorax

²⁰ www.instagram.com/ricardodamaiatattoo

²¹ www.instagram.com/gugauecz

²² www.instagram.com/badvibestatoo

²³ O *The Semicolon Tattoo Project* (Projeto de tatuagem ponto e vírgula) que fica nos Estados Unidos da América, o projeto começou em 2013 através das redes sociais. Teve início com Amy Bleuel, que usou a tatuagem como meio de marcar em seu corpo o sinal do ponto e vírgula após o suicídio do seu pai; o projeto iniciou com o intuito de mostrar às pessoas que elas não estão passando por seus temores e dificuldades sozinhas. O projeto tem um foco em trabalhar com pessoas que lidam ou possuem tendência à depressão, ao

buscava algo diferente, que suprisse de forma específica a dor de seus clientes. Nesse momento me ocorreu um *insight* sobre uma conversa que tivemos no nosso primeiro encontro, enquanto eu estava sendo tatuado. Revisitei a conversa em que ele havia mencionado a palavra cura, ele afirmou ter dito, mas que nunca mais tinha pensado sobre o uso do termo. Posteriormente, ele mudou de assunto, então pensei que a noite estava apenas começando e o melhor que poderíamos fazer era nos sentar em sua cozinha, falar mal de algumas bandas, reforçar nossa paixão pelo metal e colocar a conversa em dia.

Naquela noite, decidimos encontrar alguns amigos de Rodrigo no Largo da Ordem e seguir bebendo. Eu era o único que não trabalhava como tatuador na mesa, que contava com duas mulheres e dois homens, totalizando quatro pessoas. Como conhecia apenas um deles e estava conhecendo os outros naquela noite, logo a conversa se voltou para uma avaliação descontraída sobre tatuagens. A conversa estava agradável, mas Rodrigo mencionou que nossa amizade começou por conta do meu interesse em realizar um estudo antropológico sobre tatuadores. Fiquei um pouco preocupado, mas para minha surpresa, eles se mostraram interessados. Passamos o restante da noite discutindo esse tópico.

Era uma tarde tranquila, quando meu celular começou a tocar insistentemente. Minha relutância em atender chamadas é conhecida pelos meus amigos mais próximos. Afinal, responder mensagens já é um desafio e tanto, quanto mais encarar uma ligação. No entanto, as incessantes chamadas me fizeram ceder e finalmente atendi. Do outro lado da linha, estava Rodrigo, com uma emoção evidente em sua voz. Com a voz embargada, pediu para conversarmos pessoalmente, dizendo que era urgentemente necessário. Sem nem deixá-lo terminar a frase, prometi que iria ao seu encontro. Ao chegar à casa de Rodrigo, percebi imediatamente que algo estava diferente. Ele parecia bem, emocionado. Decidimos então ir ao Parque Barigui, em busca de um local aconchegante para nossa conversa. Enquanto caminhávamos, Rodrigo começou a falar sobre sua recente epifania. Para ele, era essencial realizar trabalhos significativos para seus clientes, mas também desejava colaborar com pessoas que enfrentavam momentos difíceis, como ele mesmo já passou. Afinal, lidar com conflitos pessoais e pensamentos suicidas era uma batalha cotidiana. Aquela ideia começou a ganhar forma em meio às nossas palavras. Entre as árvores do parque, as possibilidades pareciam se abrir perante ele. Ao cair da tarde, partiu do parque com uma determinação

suicídio ou doenças similares. A ideia inicial era que as pessoas tatuassem o ponto e vírgula e compartilhassem suas histórias nas redes; o símbolo é utilizado por conta do seu significado gramatical, uma vez que o ponto é utilizado para encerrar uma sentença no texto, mas utiliza o símbolo com a vírgula para continuar a sentença no mesmo parágrafo. Para a idealizadora do projeto, o símbolo significa que a pessoa é o autor de sua vida e que decidiu continuar a escrevê-la. O projeto alcança muitas pessoas, que começaram a compartilhar suas histórias, ajudando outras a seguirem e a se envolverem com a arte.

renovada. Uma missão nobre desenhava-se em sua mente, uma missão de amparar aqueles que, como ele, já enfrentaram a escuridão e emergiram triunfantes. E assim deu-se início à sua jornada.

1.3 - O PROJETO FRACTTA

No início de 2018, devido a questões pessoais, Rodrigo mudou-se para São Paulo por três meses e, nesse período, tivemos pouco contato. Após retornar a Curitiba, me chamou para beber uma cerveja, pois estava entusiasmado para me contar uma novidade. Perguntei quando ele estaria livre e ele respondeu: “Hoje à noite, você pode?”. Aceitei sem hesitar. Chegando ao local combinado, Rodrigo compartilhou ter lido a seguinte frase “a arte é um caminho que de fora não dá para ver a alegria, que de dentro se constrói com tanta dor”, fato que mudou sua perspectiva sobre o trabalho que realiza. E me faz uma pergunta, “lembra daquela conversa em que mencionei o meu desejo de criar um projeto com uma abordagem social? Pois é, a ideia progrediu e agora tenho um sócio e amigos que se envolveram no projeto”. A novidade me deixou feliz que não consegui disfarçar. Seu desejo era trabalhar com indivíduos que enfrentaram tentativas de suicídio. Indaguei sobre a razão da sua escolha. Revelou que passou por algumas vivências que o afetaram intensamente, e que percebeu que essa era sua vocação.

Enquanto morava em São Paulo, foi convidado a se juntar a um grupo de apoio para tatuadores que vivenciaram situações traumáticas²⁴. O grupo tinha como objetivo ajudar as vítimas²⁵ a liberarem suas emoções reprimidas e alcançar uma mudança capaz de gerar comportamentos mais adaptativos. Ao participar das reuniões pode enxergar como a tatuagem proporciona uma experiência transformadora para lidar e superar eventos traumáticos em sua vida, funcionando como uma alternativa que demanda controle emocional e que são

²⁴ O trauma "é aquilo que não se consegue esquecer, mas que, ao mesmo tempo, é intolerável recordar. Ou impossível de se transmitir." (KEHL, 2011, p.310)

²⁵ De acordo com Gatti (2016), há cerca de duas décadas, apenas aqueles que haviam sofrido violências extremas, como genocídio, mortes causadas pelo Estado, desastres, entre outros, eram considerados vítimas (Gatti, 2016, p. 117). No entanto, Gatti destaca que atualmente as vítimas são comuns. Ele ressalta essa característica para enfatizar que agora qualquer pessoa pode ser considerada uma vítima, não apenas daquilo que é considerado excessivo. As causas que levam as pessoas a se tornarem parte do que ele chama de "novo espaço das vítimas" são variadas. É um processo no qual as vítimas de eventos extremos se misturam com aquelas que o autor considera parte da vida cotidiana, como acidentes domésticos, vulnerabilidade social, problemas bancários. Sarti (2014) argumenta que a figura da vítima é uma maneira de trazer visibilidade ao sofrimento e garantir o acesso a direitos e validação desse sofrimento. É importante ressaltar que o reconhecimento da vítima e suas reivindicações por direitos estão intrinsecamente ligados aos mecanismos institucionais que permitem a expressão desse sofrimento (SARTI, 2014, p. 81).

procedimentos terapêuticos efetivos para diminuir a ansiedade e os transtornos de estresse pós-traumático²⁶.

Enquanto ele desenrolava sua história, algo peculiar capturou minha atenção: seu rosto marcado por uma nova tatuagem intrigante, um ponto e vírgula. Aquele momento havia deixado uma marca indelével em sua existência, levando-o a gravar para sempre em sua pele um lembrete constante de que a vida, de fato, é uma escolha diária que deve ser valorizada. Uma experiência tão poderosa impulsionou uma transformação em sua vida, levando-o a abraçar com fervor uma missão em Curitiba: tornar-se um símbolo vivo de luta contra o suicídio, ressignificando tatuagens e cicatrizes provenientes de batalhas contra o suicídio. Nessa jornada trágica e, ao mesmo tempo, corajosa, ele acredita que cada tatuagem é um ato de resistência, uma declaração sincera de que somos todos guerreiros, lutando pela sobrevivência em um mundo muitas vezes hostil.

²⁶ Para Fassin (2014) a questão do trauma não deve ser pensada apenas através da instauração de uma categoria psiquiátrica, mas em termos morais e sociais. Pois, é através do trauma (enquanto metáfora e categoria psiquiátrica) que a vítima passa a ser reconhecida. Dessa forma, ao longo do século XX a vítima se desloca do lugar de suspeição para ocupar um lugar de reconhecimento que é proporcionado pela categoria de trauma. Os acidentados no trabalho aparecem como agentes em suspeita durante o século XX. Foi com a assunção do trauma e da delimitação do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) em 1980 que a vítima passa a ser reconhecida. Portanto, a vítima passou de “signo da infâmia” para “fonte de reconhecimento” (Fassin, 2014, p. 169) e o nascimento da categoria de TEPT é resultado não só de uma descoberta psiquiátrica, mas principalmente de uma cruzada moral em prol das vítimas, numa aliança entre veteranos de guerra, feministas e psiquiatras.

Figura 6- Rodrigo com seu ponto e virgula tatuado



Fonte: Instagram pessoal de Rodrigo (2002)

E assim nasce o estúdio Fractta, onde Rodrigo interpreta seu nome como quebrado. O nome é uma referência ao propósito de reconstruir vidas por meio de uma experiência memorável. Rodrigo explica que foi influenciado por um conceito da filosofia indiana que fala que as religiões são um fragmento do mesmo espelho, considerado a verdade absoluta. No qual cada pessoa só pode enxergar a realidade por meio de um fragmento desse espelho. Diz também que o nome é uma homenagem a um jogo nomeado *Magic* que costumava jogar na adolescência, principalmente com uma criatura chamada *fractius*.

O estúdio foi criado como um espaço para conversar com os clientes, um lugar para compartilhar experiências. Os tatuadores enxergam as sessões como uma imersão psicanalítica²⁷, onde eles ouvem atentamente seus clientes e immortalizam essas vivências na

²⁷ Termo utilizado por inúmeros tatuadores do estúdio durante minha pesquisa de campo.

pele. O trabalho costuma ser único. Cada espaço foi projetado para um propósito específico. De acordo com Kuhnen, Felipe, Luft & Faria (2010), a personalização do ambiente é um comportamento territorial que envolve a ação intencional de modificar as características de um espaço, para refletir a identidade de um grupo ou de um indivíduo. Ao projetar características específicas no espaço, o indivíduo estabelece um território, gerencia as interações sociais e fortalece o sentimento de pertencimento a um local. Estudos sobre a personalização do ambiente construído mostram que a capacidade de controlar o espaço por meio da personalização pode contribuir para o aumento do bem-estar e para avaliações ambientais positivas, além de melhorar a autoconfiança (Huang, Robertson, & Chang, 2004; Imamoglu, 2007; Wells, 2000; Wells et al., 2007; Maxwell & Chmielewski, 2008). Dessa forma, a personalização pode ser um importante mecanismo mediador de controle e redução do estresse, pois permite que o espaço seja adaptado às características do indivíduo.

A concepção deste estúdio é criar uma conexão profunda entre seus espaços. Ao adentrar esse ambiente, cada indivíduo tenha a sensação de estar em casa e, ao mesmo tempo, em um ateliê de arte. É um local onde a arte se funde com a vida. O estúdio é composto por seis salas. A sala de recepção é o portal de entrada para esse mundo místico. É ali onde a jornada começa e a aura da criatividade envolve cada visitante. Mas a verdadeira magia acontece nas duas salas de tatuagem. Estes espaços são onde os tatuadores derramam suas almas através de suas agulhas, criando obras de arte que em suas visões transcendem a pele. Cada tatuador é um mestre em sua própria identidade artística, e suas criações adornam as paredes, revelando sua identidade única. Mas a arte não se limita apenas ao domínio da pele. Há uma sala dedicada exclusivamente ao tratamento de fotos, onde as imagens ganham vida e se tornam sonhos concretos. Aqui, a luz e a sombra dançam juntas, criando uma estética cativante que captura a essência de cada momento. E para a segurança de todos, há uma sala dedicada à esterilização de materiais. Essas salas, são mais do que simples espaços, são seres vivos que pulsam com a energia da criação. Conforme proposto por Tim Ingold (2012), é possível considerar essas salas como “coisas” que não podem ser pensados fora de seus ambientes. Remover uma dessas salas de seu contexto seria uma tragédia, como arrancar o coração de um ser humano. Afinal, é nos ambientes adequados que essas "coisas" encontram a vida, movimento e vitalidade. Separadas de seu meio, essas "coisas" perdem seu propósito, tornando-se apenas objetos vazios e sem alma. Este estúdio de tatuagem transcende todas as expectativas e é um verdadeiro santuário para aqueles que buscam mais do que uma simples tatuagem. Esse estilo decorativo, que desafia as convenções, funde-se de maneira genuinamente intrigante com os ícones intrínsecos à tatuagem. Seu imaginário, seus desenhos

e os objetos emblemáticos dessa tradição são incorporados de forma única, dando origem a uma mistura inusitada entre símbolos terapêuticos reimaginados e representações tatuadas.

Figura 7- Recepção do estúdio Fractta



Fonte: Instagram do estúdio Fractta (2002)

Figura 8- Sala de procedimento



Fonte: Instagram do estúdio Fractta (2002)

Entretanto, adentramos a sala na qual a tatuagem adquire um novo significado para os tatuadores, revelando-se como uma eficaz e valiosa ferramenta terapêutica. Rodrigo, obcecado em criar um ambiente perfeito, mergulhou em pesquisas sobre lugares terapêuticos, buscando sugestões de amigos e profissionais da área da saúde. Sua missão era clara: conceber um espaço aconchegante e aprazível, capaz de proporcionar uma sensação de bem-

estar tanto ao tatuador quanto ao seu paciente-cliente. Das diversas opções, ele optou por uma decoração minimalista, caracterizada por delicados elementos, como aromas sutis, essências suaves e velas perfumadas, que conferem um toque especial ao ambiente. Afinal, o cuidado com o olfato é fundamental - afinal, fragrâncias intensas poderiam desencadear reações indesejadas, irritações e até mesmo alergias. Outra sugestão preciosa veio de um amigo que é especialista em musicoterapia²⁸. Sendo assim, a música ecoa nas paredes do recinto, desempenhando um papel essencial: relaxar o paciente e criar uma barreira sonora contra os ruídos indesejados. "Eu sempre faço questão de descobrir as preferências musicais da pessoa, permitindo que ela tenha liberdade para escolher sua própria playlist", afirma Rodrigo.

Em dias de calor, é crucial controlar a temperatura com o ar condicionado ou um ventilador. Em dias frios, o aquecedor é uma alternativa interessante para que o cliente se sinta confortável e possa se concentrar nas sensações internas. A iluminação adequada é essencial para os tatuadores durante a interação e deve ser apropriada para o tipo de serviço que será realizado no momento. Para ocasiões de introspecção, é interessante uma luz mais suave, que permita olhar para dentro e relaxar. Já para momentos de verbalização, uma sala mais clara pode ser mais adequada para externalizar sentimentos, emoções e sensações. A proposta é estabelecer um espaço que acolha com afeto, que proporcione boas sensações e que não apresente interferências. Rodrigo afirma que o "foco é o cliente, o ambiente é dele e as condições devem ser favoráveis para que ele possa se autoconhecer, desconectando-se do demais por aquele momento".

²⁸ É uma prática com música no contexto clínico de tratamento, reabilitação ou prevenção de saúde e bem-estar. Decorre num processo sistemático ao longo do tempo, efetuado entre um musicoterapeuta e uma pessoa ou um grupo.

Figura 9- Ambiente terapêutico que promove a inclusão dos pacientes



Fonte: Instagram do estúdio Fractta (2002)

Ao se ter uma sala destinada ao atendimento exclusivo dos clientes do projeto, podemos ressaltar a privacidade como um conceito fundamental que abrange todos os outros conceitos envolvidos nas interações sociais, conforme a definição de Westin (1967, citado por Vidal & Valera, 1998, p. 124): “consiste na demanda de parte das pessoas, grupos e instituições de determinarem por si mesmos quando, como e até que ponto pode dar informações sobre ele aos demais”. Para Rodrigo, a privacidade é um elemento essencial para promover a interação com o cliente em seu trabalho. Ao proteger a privacidade do cliente, este se sente mais confortável para compartilhar sua história de vida, o que permite ao tatuador realizar um trabalho único, ouvindo atentamente a história e compreendendo a fundo o problema. Para que a tatuagem não seja apenas uma “marca sobre a cicatriz, mas algo mais profundo”. É crucial ressaltar que a relação entre tatuador e cliente é fundamental para as tatuagens sejam consideradas terapêuticas, contudo, o processo de interação não se restringe somente a essas tatuagens, é uma abordagem que o tatuador utiliza com todos os seus clientes. Suas palavras deixam isso evidente.

A parte mais crucial de todo o processo é o momento em que me sento para conversar com o cliente. É nesse momento que me entrego por completo, capturando cada detalhe que ele compartilha. Não há nada mais vital do que essa conversa, é mais importante até do que o próprio desenho ou a tatuagem. É nesse instante que preciso me superar, absorvendo tudo o que a pessoa quer me contar. A partir daí, começo a desenhar, mergulhando em um local isolado para me conectar profundamente com o meu trabalho e transfere essa conexão para o papel. Durante a

conversa, é preciso estar completamente atento, assim como estar atento à minha mão durante o desenho. Cada gesto, cada linha que traço, precisa transmitir a emoção certa. Se a história é suave, faço movimentos suaves; se é bruta, faço movimentos mais intensos. É dessa forma que consigo traduzir a história daquela pessoa em linhas. E no dia em que executo a tatuagem, me entrego totalmente ao processo, buscando tornar aquela experiência especial para o cliente, pois a tatuagem marca um momento único na vida dele.

1.4 ENTRE O LUCRO E RESPONSABILIDADE SOCIAL - NOVO CONTEXTO.

Apresentamos uma inquietante declaração de Rodrigo para lançar uma centelha de conflito à nossa discussão. Ainda que ele tenha ressaltado seu objetivo de estabelecer um estúdio com um propósito social - uma das razões que o levaram a sair do estúdio Teix -, a chegada de um sócio trouxe novas perspectivas para essa ideia. Não nos compete criticar sua proposta inicial. No entanto, cabe-nos a função de pensar a respeito da inclusão do sócio como elemento transformador.

Rodrigo sentiu a dura realidade cair sobre seus ombros. Sua ideia, embora brilhante, era apenas uma gota de tinta em um mar de despesas. Ele sabia que um espaço dedicado à arte da pele não era apenas um investimento financeiro significativo, mas também um desafio constante para pagar as contas. As tintas de qualidade, os equipamentos de última geração e a habilidade inigualável de um tatuador talentoso têm seu preço, um preço que Rodrigo agora estava aflito para enfrentar. Ele percebeu, em um instante angustiante, que sua ideia não era suficiente para impulsioná-lo no mundo desafiador das tatuagens. A medida que seus sonhos desbotavam como as cores de uma tatuagem desgastada, Rodrigo sentiu o peso gigantesco do fracasso se solidificando nos próprios traços de sua pele. Ele se perguntou se sua paixão pela arte da tatuagem era suficiente para enfrentar as tempestades financeiras e os obstáculos que inevitavelmente surgiriam em seu caminho. Enquanto refletia sobre a difícil realidade de seu sonho desmoronando, Rodrigo desejou ter uma espécie de varinha mágica que pudesse transformar suas ambições em uma realidade financeiramente viável. Porém, sabia que nem mesmo a tinta mais mágica seria capaz de colorir essa sombria situação. E assim, Rodrigo enfrentou seu destino com uma mistura de determinação e resignação, sabendo que embora sua ideia fosse relevante e sua paixão pela arte da tatuagem fosse inegável, apenas isso não seria suficiente para manter seu espaço e pagar suas contas nesse mundo competitivo. Em meio ao drama de seu dilema, ele se viu tatuado pela cruel ironia da vida.

Rodrigo, destemido, decidiu resolver dois problemas importantes de uma só vez. Com sua mente criativa em ação, ele dividiu o estúdio em duas realidades distintas: uma para os propósitos comerciais e outra para os propósitos sociais. Outro motivo para essa divisão é que

em pouco tempo, notou que os demais tatuadores do estúdio perderam o interesse no projeto social. Destaco que a pesquisa não pretende analisar a dimensão comercial do projeto. Nosso questionamento segue outro caminho, isto é, vamos explorar a trajetória dos tatuadores que têm se dedicado às tatuagens com propósitos terapêuticos. Entretanto, não podemos deixar de mencionar que outros trabalhos (FONSECA, 2013b; DIAS, 2014; PÉREZ, 2006) já abordaram de forma sagaz as dinâmicas envolvidas em um estúdio de tatuagem.

Num gesto audaz, Rodrigo decidiu quebrar as correntes da monotonia e alimentar seu sonho ousado. Assim, surgiu uma estratégia para manter sua chama viva: todas as quintas-feiras seriam dedicadas às *tatuagens sociais*, um trabalho gratuito com um impacto social. Das 18:00h às 20:00h, a magia acontecia, unindo agulhas habilidosas e histórias que precisavam ser contadas. Mas o tempo, implacável e indomável, logo mostrou o peso de sua passagem. O estúdio, antes modesto, transformou-se num redemoinho de sonhos e desafios. Rodrigo, num esforço hercúleo, tentava abraçar o mundo com seus braços de artista. Porém, a demanda crescente clamava por mais mãos talentosas, por mais almas sonhadoras. Era chegada a hora de buscar aliados, de unir forças para tornar seu projeto pessoal uma realidade inquestionável. O chamado ressoava alto em seu peito, como um coro de vozes sedentas de arte e transformação. Com as costas curvadas pelo peso dos sonhos, Rodrigo acendeu uma fagulha de esperança. Almejava encontrar outros tatuadores igualmente destemidos, dispostos a embarcar nessa jornada inebriante.

Foi uma jornada repleta de desafios e incertezas me levou ao momento mais frustrante e desolador: a incapacidade de cumprir com todos os compromissos financeiros. Em meio ao caos mental que se instalou, vi-me obrigado a desistir de desenhos que carregavam um significado socialmente importante. Essa triste necessidade me fez sentir como se estivesse me vendendo, perdendo-me no processo e desviando do verdadeiro propósito que dá sentido à minha existência.

Diversos tatuadores foram convidados ou se ofereceram para participar, mas apenas poucos resistiram à empreitada. Indaguei se havia algum motivo para tantas desistências e, inicialmente, sua resposta insinuou que ao perceberem que "não era um negócio rentável nem glamoroso, deixou de ser vantajoso para o ego". A princípio, a resposta parece ser simplista, porém, a medida que avançarmos na pesquisa, descobriremos que existe uma complexidade maior por trás das desistências de alguns dos tatuadores.

No início, Rodrigo contactou seus colegas do Fractta para realizar as tatuagens, porém eles estavam ocupados demais para assumir o projeto. Desapontado, ele decidiu então buscar tatuadores conhecidos, mas esse foi o momento em que sua tristeza atingiu o ápice. Em nossas conversas, ele expressou sua frustração ao falar sobre esses tatuadores: "eu sempre recebia

elogios quando mencionava o projeto para eles, mas na hora de se comprometer, eles simplesmente desapareciam". Determinado a encontrar profissionais comprometidos, Rodrigo decidiu estender o convite através de sua conta no *Instagram*. Esse processo foi cuidadosamente pensado, pois ele temia que o projeto perdesse sua identidade. Afinal, não era apenas um trabalho, era seu sonho. Rodrigo buscava tatuadores que compartilhassem da mesma dedicação e paixão pelo projeto. E foi assim que Alexandre e Douglas surgiram, oferecendo não apenas seus incríveis trabalhos, mas também suas experiências de vida.

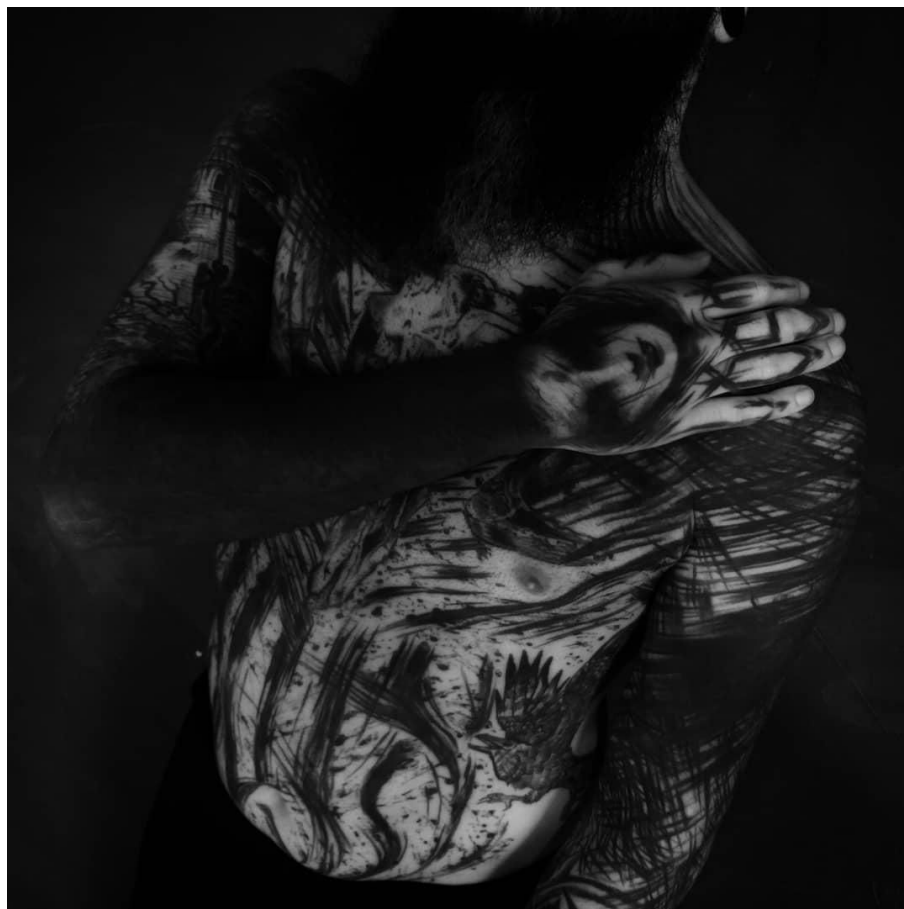
Alexandre, tatuador paulista de 36 anos, naquela época, havia se mudado para Curitiba para trabalhar em um novo estúdio. Com mais de vinte anos de experiência no ramo, incluindo experiência internacional, ele sempre atendeu clientes com perfis semelhantes, uma história comum para um artista tão renomado. No entanto, a vida de Alexandre mudou drasticamente após as tentativas de suicídio de sua ex-companheira. Foi quando ele percebeu que a sua visão sobre tatuagens e sua influência na vida das pessoas precisavam ser revistas. Inspirado por essa experiência, Alexandre resolveu embarcar em um desafio nunca antes enfrentado. Foi esse motivo que o levou a participar do projeto como um tatuador voluntário. A reputação dele como referência no estilo *blackwork* no Brasil e um dos pioneiros do *brutalblack* no país já era conhecida por Rodrigo. Assim, quando Alexandre entrou em contato se oferecendo para ajudar com suas habilidades, Rodrigo ficou empolgado com a possibilidade. Afinal, o estilo de tatuagem de Alexandre poderia ser o segredo para o sucesso do projeto. Seu domínio da técnica de intensificação da dor durante o processo de tatuagem era uma experiência desejada por muitos sobreviventes em busca de superação. Afinal, as cicatrizes externas poderiam se tornar uma forma de cura interna, como veremos nos próximos capítulos.

Figura 10 - Alexandre tatuando



Fonte: Instagram pessoal de Alexandre (2001)

Figura 11- Resultado trabalho Alexandre.



Fonte: Instagram pessoal de Alexandre (2001)

Douglas, oriundo de Curitiba, com seus 38 anos. Em um evento do Fractta, Douglas teve o prazer de participar de um *workshop*²⁹ ministrado por Rodrigo. Durante essa experiência, ele percebeu que diversos de seus clientes compartilhavam histórias semelhantes. E como se o destino estivesse guiando seus passos, Douglas decidiu se voluntariar para ajudá-los. Curioso para conhecer mais sobre a vida de Douglas, Rodrigo marcou um encontro com ele. E logo ficou impressionado com a habilidade do tatuador em encobrir cicatrizes. Sem pestanejar, Rodrigo o aceitou como parte da equipe. Para Douglas, essa oportunidade foi uma “verdadeira dádiva”. Ele descreveu a sensação de fazer parte desse projeto de maneira bastante emocionante: “É incrivelmente gratificante fazer parte de algo tão significativo. E a recompensa que recebemos não se restringe a dinheiro ou reconhecimento, é uma lição de vida. Aprendemos a praticar a gratidão e enxergar o valor nas coisas simples, percebendo a grandiosidade que reside nelas”.

Observe atentamente como o Fractta se desdobra em dois mundos distintos dentro do mesmo ambiente. De um lado, há a dinâmica voltada para atender às exigências comerciais do

²⁹ O tatuador compartilha suas técnicas com outros tatuadores.

estúdio Fractta, enquanto do outro lado, encontramos o projeto social do Fractta. É interessante notar como a participação de Douglas e Alexandre evidencia essa divisão. Enquanto para o estúdio eles são apenas *guests*, não fazendo parte do grupo de tatuadores residentes, para o projeto, eles são peças fundamentais. Essa separação é de extrema importância para a nossa pesquisa, uma vez que nos permite focar não no panorama como um todo, mas sim na sala em que as tatuagens terapêuticas são realizadas. É nesse local que reside uma importância ainda mais profunda e significativa. A partir de agora, deixaremos claro que os termos "estúdio" e "projeto" são tratados como conceitos individualizados. Ao utilizarmos a palavra "estúdio", nos referiremos apenas ao espaço físico do estúdio, enquanto a palavra "projeto" será empregada para abordar o nosso campo de pesquisa.

1.5 - FUNCIONAMENTO DO PROJETO E A ESCOLHA DOS PACIENTES

O projeto Fractta já tem mais de três anos na ativa. O trio funciona como um time entrosado. Todos os processos são pensados e coordenados em unidade. Entretanto, os tatuadores relatam que encontrar essa sintonia foi um desafio, o que os levou a optarem por dividir o projeto em duas fases. Alexandre diz que “nossa experiência foi moldada por mais erros do que acertos”, Douglas reitera: “Fomos esculpido com várias machadadas”. Encontrar os pacientes adequados e estabelecer vínculo com o sujeito foram algumas das dificuldades enfrentadas.

Na primeira etapa, os tatuadores se dedicavam com fervor a cobrir cicatrizes, alimentados por uma paixão incontrolável. Ao promover o projeto através do *Instagram*, perceberam que a estratégia apresentava problemas, pois só tinham acesso à história das pessoas através do que elas compartilhavam na internet. Era uma época em que não consideravam outras possibilidades e desdobramentos, baseando-se unicamente na "confiança total no indivíduo", relembra Rodrigo. Essas posições refletiam-se em toda a interação e determinavam a dinâmica da relação. Isso pode ser observado claramente na maneira como os encontros entre eles se desenvolviam. Por exemplo, o primeiro contato era mediado por uma série de passos prévios, incluindo a aproximação inicial com a equipe de atendimento, o encaminhamento dado por eles, a marcação de uma consulta, na qual o tatuador recebia uma informação preliminar sobre o interesse do cliente, e a partir dessas noções, iniciava-se a interação. Os encontros posteriores também eram marcados previamente, tudo isso envolto em uma certa formalidade. Com o decorrer do tempo, os tatuadores perceberam que muitas pessoas se aproveitavam do projeto para se apropriar do benefício, criando narrativas

suspeitas sobre suas experiências. Nesse período, várias marcas foram encobertas que não surgiram de tentativas de suicídio, mas sim de outras práticas/causas que não estavam dentro do escopo do projeto. De acordo com Alexandre, o objetivo era atingir o maior número de pessoas, o que resultou em muitos voluntários.

O processo de seleção não era guiado por nenhum critério específico; apenas escutávamos a história que o cliente contava para decidirmos qual tatuagem marcar em seu corpo. A cada dia, a lista de espera crescia de forma exponencial. Contudo, em uma conversa com outros tatuadores, surgiu uma inquietante dúvida: será que todas essas narrativas eram verdadeiras? Em um instante de lucidez, percebi que todos nós havíamos sido tolos por não considerarmos a possibilidade de alguns indivíduos quererem se aproveitar do talento e do trabalho alheio.

Para ilustrar essa situação, vou compartilhar uma experiência que vivi durante o meu trabalho de campo. Era setembro de 2019, e eu estava imerso nos primeiros meses da minha pesquisa, cheio de expectativas para desvendar novos conhecimentos e enigmas. Foi nesse momento que algo aconteceu, abalando tanto a mim quanto aos tatuadores de maneira profunda. Nós estávamos navegando por esse caminho cheio de incertezas quando um evento notável atravessou nosso caminho. Esse episódio transformou completamente a percepção dos tatuadores em relação ao projeto. Ele abriu portas para o desconhecido e me fez perceber que a realidade, por vezes, é muito mais complexa do que podemos sequer imaginar.

Ao ser escolhida pelo projeto, Jeisimary³⁰, que na época aparentava ter seus 50 anos, se deslocou de sua cidade, que ficava a 115km do estúdio. Ao chegar com seu marido, Rogério, e seus dois filhos, um menino de 20 anos e uma menina de 9 anos. A família optou por se hospedar em um hotel próximo ao estúdio. No momento em que chegaram, pude notar certo desconforto no semblante do tatuador encarregado de realizar a obra de arte na pele de Jeisimary. Ao se apresentar para Jeisimary, o profissional a convidou para ir até a sala de atendimento exclusiva, a fim de ter um momento de diálogo particular com ela. Durante a caminhada até o local, ele educadamente pediu que sua família aguardasse na sala de recepção. Entretanto, Jeisimary manifestou seu descontentamento diante das palavras do tatuador, lançando-lhe um olhar agressivo e argumentando que seu marido sempre a acompanhava e que “não tinha nada para esconder dele”. Tentando explicar que a intenção não se tratava de um interrogatório, mas sim facilitar o processo de trabalho, o tatuador encontrava-se em um beco sem saída diante da teimosia de Jeisimary. O profissional cedeu e permitiu que o marido a acompanhasse. Compreendi então, durante minha experiência em campo, que a dinâmica do projeto poderia ser abalada quando o cliente decidia levar um

³⁰ Para dar vida à história de Jeisimary e seus familiares, usaremos nomes fictícios,

acompanhante. É uma ocorrência frequente que a presença de um terceiro indivíduo crie uma barreira emocional entre o artista da pele e o cliente.

Enquanto Jeisimary desabafava com o tatuador, tentando explicar sua história, seu marido não parava de interromper com perguntas sobre o estúdio e o estilo de vida do tatuador. Em vez de se irritar com as interrupções, o tatuador decidiu mudar de estratégia e começou a contar a eles sobre o propósito do projeto, na esperança de abrir os olhos do casal. À medida que ouviam as histórias dos sobreviventes, Jeisimary e seu marido perceberam o quão desafiador era compreender e assimilar a importância do projeto. Eles foram inundados por um turbilhão de informações novas, que se tornaram opressoras e dominaram seus pensamentos. As histórias tocantes compartilhadas pelo tatuador deixaram o casal imobilizado. Fomos todos pegos de surpresa quando Jeisimary pediu desculpas e explicou que sua cicatriz não era resultado de uma tentativa de suicídio, mas o tatuador, considerando que eles haviam viajado de longe, decidiu continuar com o processo. A história de Jeisimary é apenas um exemplo entre muitos outros semelhantes compartilhados pelos tatuadores³¹. Isso nos leva à próxima fase do projeto, que eles chamaram de "crescimento adquirido", quando os tatuadores começaram a desvendar essas nuances complicadas.

Os tatuadores do projeto desafiaram as convenções e embarcaram em uma jornada de inovação audaciosa. Decidiram que não se contentariam em seguir o caminho já percorrido e escolheram uma nova abordagem para divulgar suas obras de arte na pele. Eles deixaram de lado a busca pela quantidade de pessoas atendidas e optaram por algo muito mais profundo e intenso. Agora, as vagas para tatuagens eram preenchidas não apenas por acaso, mas sim através de critérios que envolviam histórias de vida, conexões emocionais e experiências compartilhadas. Essa mudança de perspectiva trouxe um brilho especial ao projeto, revelando uma teia de emocionantes conexões entre as pessoas envolvidas nesse processo único. Rodrigo, um dos tatuadores, explica que a escolha dos voluntários agora vai além dos números e mergulha nas profundezas da alma, buscando histórias que despertem emoções. Com esse novo olhar, cada tatuagem se torna uma verdadeira obra de arte, carregada de significado. Rodrigo ressalta que, por meio desse projeto transformador, as marcas na pele se tornaram expressões dramáticas de histórias autênticas. Rodrigo explica que:

No início, a quantidade de pessoas interessadas no nosso projeto era algo crucial. Abriamos até cinco vagas por mês. No entanto, logo percebemos que muitos indivíduos estavam aproveitando da nossa boa-fé. Foi então que compreendemos a necessidade de mudar nossa abordagem. Decidimos colocar os voluntários que já estavam selecionados em uma espécie de peneira, reservando um dia da semana especialmente para ouvi-los. A princípio, funcionou, mas logo caímos no mesmo

³¹ Vamos deixar de lado outras situações que apresentam grande semelhança.

erro. Foi quando decidimos aprimorar ainda mais nosso processo de seleção dos voluntários. Não divulgávamos mais nosso procedimento pelo Instagram, mas sim por meio de relatos que chegavam até nós através de amigos, familiares e outros tatuadores. Esses relatos nos traziam a certeza que buscávamos porque essas pessoas, de certa forma, acompanhavam as árduas jornadas dos sobreviventes, suas batalhas diárias e sua busca incessante em encontrar esperança para suas cicatrizes e suas vidas. Hoje em dia, não acredito mais que seja o Instagram que atrai as pessoas para o nosso projeto, mas sim as nuances da vida. É a própria vida que coloca as pessoas certas em nosso caminho.

Essa nova abordagem coloca em jogo uma questão ética crucial. É bastante comum que os tatuadores divulguem suas criações nas redes sociais como uma maneira de atrair novos clientes e promover seu trabalho para um público específico, aproveitando as ferramentas disponíveis no *Instagram*. Porém, quando se trata de tatuagens terapêuticas, o objetivo do projeto é justamente não divulgar esses trabalhos. Isso é uma forma de proteger a identidade das pessoas envolvidas.

Rodrigo percebeu a importância de elaborar um guia para selecionar tanto os voluntários quanto a forma como o tatuador deve agir durante as fases posteriores à seleção, com o intuito de assegurar que aqueles que estão recebendo a tatuagem tenham um objetivo que vá além do estético, mas que tenha uma finalidade existencial. É importante ressaltar que, embora o aspecto estético seja aparentemente secundário, tanto para os tatuadores quanto para seus pacientes, a função estética da tatuagem não é desprezada, como veremos mais adiante. No entanto, a segunda fase desencadeou um dilema ético ainda mais perturbador. Para elucidar essa situação, permitam-me, mais uma vez, relatar uma experiência que vivenciei em meio às minhas pesquisas de campo.

O tatuador envolvido me concedeu a oportunidade de compartilhar essa história sem mencionar seu nome. Em uma de minhas incursões ao campo, presenciei um verdadeiro drama social (Turner, 1974), envolvendo os tatuadores do Fractta, repleto de crises, desuniões e dualidades. Um dos participantes selecionados para o projeto tinha uma conexão profunda com o tatuador, sendo amigos desde a infância. No entanto, o destino havia separado seus caminhos, e por muitos anos, eles não haviam se encontrado pessoalmente, uma vez que cada um residia em uma cidade distinta. Essa separação criou uma lacuna em sua amizade. No exato momento em que tomou conhecimento desse projeto, o seu amigo não teve a menor hesitação em entrar em contato com o tatuador. Buscava, desesperadamente, atribuir um novo significado às suas cicatrizes, aquelas marcas indeléveis que simbolizavam sua batalha interna mais angustiante - uma batalha que quase o levou a um desfecho trágico. Além dessas

cicatrizes, seu corpo carregava outras marcas decorrentes de escarificações³² passadas, mas agora elas seriam transformadas pelas mãos do tatuador.

No ápice da ansiedade, seu amigo mudou os planos e partiu rumo a Curitiba antes mesmo do combinado. Ele estava decidido a surpreender o tatuador. Num inesperado momento, ele surgiu no estúdio. O tatuador foi arrebatado por uma alegria ao ser tomado de surpresa. De forma gentil, despendeu algumas preciosas horas do seu dia para imergir nas recordações da sua infância, desvendar os segredos dos amigos de outrora e reviver cada aventura vivida na antiga cidade. No entanto, o motivo por trás da viagem prematura ultrapassava a simples necessidade de reencontrar seu amigo tatuador; ele almejava revelar um obscuro segredo entranhado em seu passado. Durante seus dias acadêmicos, ele se viu atraído e envolvido com grupos neo-nazistas. O tatuador teve sua alma invadida por um rastro de tristeza e desespero ao desenterrar os segredos sombrios de seu companheiro de longa data, que outrora parecia carregar a pureza de sua inocente juventude. O universo parecia se desfazer diante de seus olhos, enquanto o choque se imprimia de forma palpável em suas feições abatidas. No entanto, o seu amigo ansiava por ocultar suas marcas, essas lembranças infames que ecoavam um passado sombrio e que despertavam horrores adormecidos nas entranhas da história. Eles concordaram em dar um novo sentido a essas marcas.

Entretanto, após seu amigo deixar o estúdio, o tatuador comentou com os outros tatuadores sobre o ocorrido. Coincidentemente, um dos integrantes da equipe também era familiarizado com o sujeito em questão, o que fez com que ele levantasse uma dúvida incômoda ao tatuador: será que a tal expressão de remorso realmente transparecia veracidade? Uma tensão palpável pairava no ar, preenchendo o ambiente com um clima tenso e inquietante. O tatuador ficou boquiaberto e decidiu indagar a seu colega se ele tinha algum conhecimento sobre o assunto em questão. De forma instantânea, foi revelado que havia uma avalanche de registros recentes na internet que ainda conectavam seu amigo àquela ideologia. Diante dessa revelação, o tatuador se viu imerso em um conflito interno intenso, lutando entre a palavra de seu amigo e as provas contundentes apresentadas perante ele. Uma batalha de pensamentos e emoções começou a se desenrolar em seu íntimo.

³²Consideramos as marcas decorrentes de tentativas de suicídio como diferentes das escarificações. De acordo com Le Breton (2007), existem indivíduos que não se sentem conectados com sua própria pele, sentindo-se aprisionados em uma identidade insuportável. Para essas pessoas, as escarificações se tornam uma forma de expressão pessoal, uma maneira de aliviar o sofrimento interno. Portanto, as escarificações são estratégias de sobrevivência escolhidas por jovens que enfrentam momentos difíceis. É importante destacar que esses atos de violência contra o corpo não indicam uma vontade de se autodestruir ou morrer, mas sim uma vontade de encontrar uma forma de viver plenamente (LE BRETON, 2007).

Ao deparar-se com um impasse, o tatuador se viu envolto por colegas descontentes, prontos para expressarem sua discordância com a situação. Cada palavra era pronunciada com convicção, as frases carregadas de ressentimento e rebeldia. Os tatuadores unidos, em uma demonstração de força. O tatuador sentiu o peso da responsabilidade em seus ombros. Era como se o destino lhe apresentasse uma encruzilhada, na qual suas escolhas teriam consequências inimagináveis. Cada gesto, cada olhar acusatório, alimentava o turbilhão de emoções que se agitava em seu interior. O tempo parecia dilatar-se, permitindo que cada segundo fosse saboreado como um suspense insuportável. Envolto nessa atmosfera, o tatuador sabia que precisava responder com sagacidade e delicadeza. Suas palavras seriam a ponte entre o caos e a reconciliação, entre a revolta e a compreensão. Sabia que sua decisão poderia selar não apenas seu destino, mas também a dos tatuadores que o rodeavam. Ele implorou por tranquilidade, sentindo a urgência de refletir e ressuscitar a conversa com seu amigo.

No dia seguinte, a situação tinha se tornado um verdadeiro pandemônio. Os grupos de WhatsApp estavam pegando fogo, exigindo uma posição sua, enquanto no *Instagram* eclodiam manifestações de descontentamento. Ao confrontar as evidências fornecidas pelos seus colegas, não restava dúvida de que o sujeito ainda estava mergulhado em círculos nazistas. O tatuador decidiu que o processo de ressignificar a cicatriz que ele ostentava não era um mero sinal de transformação autêntica ou arrependimento legítimo. Pelo contrário, era apenas uma artimanha astuta para ocultar suas verdadeiras convicções, especialmente porque sua profissão demandava uma exposição pública intensa. O tatuador acionou o indivíduo que um dia ele chamou de amigo e recusou-se a realizar a arte em sua pele.

As duas narrativas que vivenciei no campo se entrelaçam para ilustrar a complexidade da escolha de voluntários. Entretanto, a história sobre o amigo do tatuador é uma prova inegável de que a escolha dos voluntários baseada nos laços que unem as experiências dos voluntários e dos tatuadores ao longo do processo é uma decisão acertada. Com o intuito de explorar de forma abrangente o projeto Fracta, gostaria de compartilhar as fascinantes narrativas acerca da seleção minuciosa dos meus interlocutores.

Em uma busca por me conectar com aqueles que conseguiram superar seus momentos mais difíceis, dei um passo importante. Eu sabia que seria difícil abordá-los diretamente, então decidi pedir a ajuda dos tatuadores do projeto. Com o intuito de estabelecer conexões genuínas, confiei aos tatuadores a tarefa de intermediar minha presença durante as sessões. Sabendo que eles têm uma lista cuidadosa de todas as pessoas envolvidas no projeto, solicitei aos tatuadores que confirmassem o consentimento de cada uma delas em relação à minha presença durante as sessões. Depois de muitas negativas angustiantes, finalmente, Luana,

Angela, Milena e Bernardo decidiram dar um passo extraordinário e abrir suas cicatrizes para que eu pudesse testemunhar todo o processo. Fiz questão de deixar claro que minha intenção não era meramente observá-los, mas também descrever essas experiências em minha dissertação. Embora tenham inicialmente resistido, ao explicar que minha abordagem não se concentraria nas tentativas de suicídio³³, mas sim na busca de um novo significado para suas cicatrizes por meio da arte da tatuagem, eles decidiram abrir-se para uma conversa franca e sincera³⁴.

1.6 - LUTA IMPRESSA ATRAVÉS DA CORAGEM.

Luana, uma jovem de 27 anos, carrega consigo um diagnóstico de depressão há 8 longos anos. Em sua árdua jornada, ela trilhou um caminho repleto de desafios até chegar ao Fractta. Primeiramente, buscou auxílio em seu terapeuta, alguém que a acompanhou desde a sua dolorosa tentativa de suicídio. Uma cicatriz física a perturbava, testemunha silenciosa daquele ato desesperado. Ao longo de meses de diálogos profundos, ambos exploraram incansavelmente o tema, visando proporcionar à Luana a segurança necessária para tomar uma decisão tão permanente. Determinada a encontrar uma solução, Luana deu início à sua árdua busca por tatuadores que dominassem a arte de cobrir cicatrizes. Sua busca não era marcada por pressa, afinal, estávamos falando de algo que deixaria uma marca indelével. Enquanto a procura continuava, o destino interveio quando seu terapeuta, uma peça estrategicamente posicionada, ouviu através de sua paciente e tatuadora Francyni sobre uma alternativa: o Fractta. Neste momento, o terapeuta teve um *insight*, ao perceber que o projeto poderia desempenhar um papel fundamental na vida de Luana. Não era apenas um instrumento qualquer, mas sim uma ferramenta capaz de trabalhar diretamente com as cicatrizes profundas e dolorosas resultantes das tentativas de suicídio que Luana enfrentou. Movido pela importância desse encontro de possibilidades, o terapeuta compartilhou com Francyni a história de Luana, pedindo para que ela fornecesse seu contato de forma que Luana pudesse entrar em contato o mais rápido possível. O pedido era uma verdadeira súplica, uma

³³ O que representa uma tentativa suicida na vida de uma pessoa apenas é possível identificar a partir da compreensão de como tal experiência foi vivida e que impacto ela gerou na pessoa que tentou se matar.

³⁴ Conforme argumentação de Dunker (2016), a forma como narramos, justificamos e compartilhamos nossas angústias está intrinsecamente ligada a uma teia de dinâmicas de poder. Nela, encontramos tanto o poder dos opressores como o das vítimas, o poder dos indiferentes e até mesmo o poder que surge da indiferença ao poder. É uma recorrente luta pelo empoderamento daqueles que têm o poder de reconhecer o sofrimento, seja esse poder atribuído ao Estado ou àqueles que fazem parte de nosso círculo social. Essa perspectiva, intensamente profunda, nos faz refletir sobre a busca por reconhecimento, dignidade e atenção em meio às adversidades cotidianas. É um chamado à reflexão acerca da importância de legitimidade tanto por parte das mais altas esferas governamentais quanto daqueles com quem compartilhamos nossa existência diária.

urgência que ecoava no coração de Francyni. Era como se o destino lhe tivesse entregado um precioso presente, uma oportunidade única e inegável. Sentia-se imbuída da responsabilidade de compartilhar seu contato com aquele profissional que tratava de Luana. Tinha a esperança de que esse encontro pudesse, enfim, trazer a tão almejada cura.

Luana ficou perplexa ao receber a notícia do terapeuta sobre o projeto e imediatamente decidiu entrar em contato com Francyni. A tatuadora, que é amiga de Alexandre, ansiosamente atendeu a ligação de Luana e a apresentou ao tatuador. Com Alexandre já estando a par da história de Luana, ele prontamente explicou para ela a grandeza do trabalho e expressou sua felicidade em poder ajudá-la. No dia marcado para a realização da sua tão sonhada tatuagem, Luana aproveitou sua folga no trabalho para visitar o estúdio e testemunhar o início de uma nova etapa em sua vida. Contudo, assim que adentrou o estúdio, um misto de medo e excitação tomou conta dela, provocando calafrios em sua espinha. Percebendo o estado de Luana, Alexandre prontamente sugeriu um chá ou um refrigerante para acalmá-la. Mas, gentilmente, ela recusou a oferta. Em vez disso, aceitou o convite do tatuador para adentrar o misterioso espaço de atendimento exclusivo. Ao dar os primeiros passos naquele ambiente peculiar, Luana não pôde deixar de comentar o quão similar era à sala de seu terapeuta. Divertindo-se com a coincidência, Alexandre brincou: "espero que seja um elogio". Ambos riram e, num piscar de olhos, a tensão se dissipou, dando lugar a uma atmosfera mais leve e relaxada.

Alexandre, seguindo as diretrizes do projeto, pediu a Luana que compartilhasse um pouco sobre sua existência, suas expectativas em relação à arte que seria criada, seu vínculo com a cicatriz e como ela acreditava que a tatuagem transformaria sua vida. A conversa se estendeu por duas horas, durante as quais Luana revelou sua história enquanto o tatuador, ao mesmo tempo, compartilhava sua própria vivência. Inspirado por tudo que ouviu, Alexandre sugeriu que eles modificassem juntos o esboço original. Ao deparar-se com a sua cicatriz no pulso esquerdo, que se estendia pelo antebraço, e ao ter a coragem de falar mais abertamente sobre sua vida, Luana começou a enxergar aquele desenho de forma completamente nova. Agora, ela sentia uma profunda vontade de adicionar outros elementos que representassem a experiência compartilhada entre eles. A medida que finalizavam o desenho, ambos se dirigiram à sala onde a tatuagem seria feita.

Angela, uma mulher de 27 anos, sempre foi apaixonada por arte em forma de tatuagem. Seu caso de amor com a tatuagem começou aos 16 anos, quando ela corajosamente se voluntariou para ser coberta de tinta por um amigo que estava iniciando no ramo. No entanto, à medida que amadurecia, Angela sentia que suas exigências também cresciam. Ela

buscava por tatuadores profissionais que pudessem capturar sua visão com perfeição. Foi então que Angela encontrou o estúdio onde a tatuadora Francyni dava vida às suas criações. As habilidades de Francyni eram tão impressionantes que garantiram a fidelidade de Angela. A cada visita ao estúdio, Angela se maravilhava com a capacidade de Francyni de transformar sonhos em realidade, através de sua talentosa agulha. Um dia, entre sessões, Angela decidiu compartilhar algo pessoal com Francyni. Ela falou sobre uma cicatriz em seu corpo que era uma lembrança de uma tentativa de suicídio do passado. Angela revelou que estava considerando fazer uma tatuagem para cobrir essa marca indesejada.

Francyni, embora grata pela confiança de Angela, sabia que essa era uma tarefa delicada e exigiria mãos hábeis e uma sensibilidade especializada. Por isso, Francyni decidiu sugerir o projeto Fraccta para sua paciente. O projeto não apenas tatuavam a pele, mas também ofereciam apoio emocional e uma conexão única, tudo aquilo que Angela precisava naquele momento. Angela, cheia de esperança, entrou em contato com o projeto e foi acolhida com entusiasmo. Ela se tornou rapidamente uma voluntária, ansiosa para transformar sua cicatriz em uma obra de arte corporal. Afinal, um gesto de amor por si mesma poderia ser a chave para superar seu passado doloroso. Com a ajuda de Francyni e do projeto Fraccta, ela estava pronta para se reinventar e transformar sua dor em beleza. Seria uma jornada dramática, repleta de lágrimas e sorrisos, mas Angela estava determinada a abraçar seu novo começo e deixar que sua nova tatuagem narrasse a história de sua resiliência.

Aos 26 anos, Milena mergulhava cada vez mais fundo em um abismo de sombras, após uma tentativa desesperada de dar fim à própria vida. Três anos intermináveis se arrastaram, transformando sua existência em um intrincado labirinto de escuridão, roubando-lhe a essência. Cada respiração era arrastada para um precipício desconhecido, um abismo perdido entre a sanidade. A ideia de dar um novo significado à sua cicatriz era inicialmente perturbadora, despertando apreensão e incitando uma tormenta de sentimentos em Milena. Mexer na cicatriz era tocar em uma ferida íntima e dolorosa, ela recorda: "uma das primeiras lembranças que tive no hospital foi olhar para o meu corpo e ver as horrendas marcas. Chorei incessantemente durante dois dias. Desejei intensamente arrancá-las de mim".

Então surge Douglas, trazendo consigo uma proposta que faz os olhos de Milena brilharem com curiosidade. Num mundo caótico e cheio de obstáculos, uma ligação indestrutível é forjada entre eles, transcendendo as amarras do tempo e desafiando todas as adversidades. Douglas ansiava por ter Milena como sua primeira voluntária, e com uma obstinação imparável em conquistar sua confiança, ele meticulosamente visualiza uma estratégia inovadora. Agindo como o intermediário entre Milena e outros voluntários,

Douglas tece um ambiente repleto de segurança e confiança. Cada movimento calculado, cada palavra escolhida com cautela, ele vai construindo uma malha de proteção em volta de Milena, garantindo que nada possa abalar sua fé nesse projeto. E, assim, em um encontro de coragem e esperança, a decisão é finalmente tomada.

Fui totalmente arrebatada quando Douglas abriu as portas do projeto Fractta para mim. Era uma experiência avassaladora e delicada ao mesmo tempo. Eu descobri um refúgio onde a minha tristeza poderia ser transformada em pura arte. A conexão que senti com aquele lugar foi verdadeiramente terapêutica, havia um contexto visual envolvente que me guiava para um lugar de conforto. Cada detalhe foi minuciosamente cuidado, até mesmo a trilha sonora foi escolhida especialmente para mim. Se não fosse pela energia desse local, acredito que eu não teria tido coragem de prosseguir com essa tatuagem. Foi uma experiência intensa e profunda, um mergulho tanto na arte quanto em mim mesma.

Bernardo, um espírito inquieto de 32 anos, sempre viveu em busca de novidades. Porém, uma experiência recente mexeu profundamente com ele, fazendo com que a ansiedade o consumisse. Ele já não podia mais manter esse segredo para si, pois havia descoberto algo revolucionário através de uma reportagem televisiva. Essa reportagem revelava o poder intrigante da tatuagem em desvendar e libertar os nós emocionais que tanto o atormentavam. Com tantos obstáculos que a vida recentemente lhe empurrara, Bernardo estava à beira da loucura, desesperado por uma solução que pudesse colocar um pouco de ordem em sua bagunçada mente e coração. Algumas semanas se passaram desde o primeiro contato com a matéria, e ele se encontrava em uma montanha-russa de emoções. Decidiu compartilhar com sua amiga, Letícia, a tempestade que assolava sua alma, uma verdadeira odisséia turbulenta que não se encaixava nas peças que compõem seu ser. Com os olhos brilhando intensamente, entregou sua vulnerabilidade aos cuidados dela, que o acolheu com uma atenção e delicadeza sem igual.

No turbilhão caótico. Letícia emergiu como uma "estrela-cadente da esperança em meio à minha angústia". Ela é não só uma amiga querida de Rodrigo, mas também uma cliente fiel do estúdio Fractta. Ao compartilhar sobre o projeto com Bernardo conseguiu trazer um raio de luz para dissipar sua escuridão. Ele recorda de quando soube a respeito do projeto, "meu coração palpitou de curiosidade e anseio por essa nova possibilidade de ordenar meu mundo interior. Uma corrente elétrica percorreu meu corpo, como se todas as incertezas que me atormentavam estivessem prestes a encontrar seu devido lugar". Ao adentrar o estúdio, Bernardo foi imediatamente envolvido por uma aura acolhedora que envolvia seus sentidos como um abraço caloroso. O dia que ele passou com Rodrigo transcendia meras conversas superficiais, mergulhando em um oceano de reflexões profundas. Em meio a trocas de

experiências e compartilhamento de emoções que permeavam suas vidas, Bernardo sentiu as paredes do estúdio se transformarem em murais vivos de metamorfoses emocionais. Cada palavra derramada equivalia a uma revolução interior, desafiando seus pensamentos e dissolvendo quaisquer resquícios de inquietação. Aquele encontro, tão carregado de significado, revelou-se como um marco em sua jornada pessoal.

1.7 - REFLEXÕES DO CAMPO

Uma verdade impactante que se revelou fundamental na construção de uma conexão profunda com meus destinatários foi revelar-lhes minha percepção aguçada da intrincada complexidade dessa situação. Afinal, vivenciei de maneira íntima e dolorosa os abismos do luto e da aflição quando minha família enfrentou o trágico suicídio de meu tio³⁵. Além disso, em um esforço sincero de transmitir empatia e solidariedade, empreendi conversas frutíferas com meus entes queridos, com o intuito de entender melhor como podemos abordar esse tema delicado. Minha família foi envolvida em uma teia de sentimentos sombrios, como culpa, acusações e desentendimentos mútuos. Foi uma batalha árdua encontrar algum tipo de amparo para enfrentar essa situação, a fim de reconstruir nossas visões condenatórias sobre o ato do suicídio. Entendo que o assunto do suicídio desperte diversas questões relacionadas ao não reconhecimento social (SILVA, 2015; AQUINO, 2009, FUKUMITSU, 2019; CASELLATO, 2015) e ao luto (BUTLER, 2015; FUKUMITSU, 2019; FONTENELLE, 2008; JORDAN E MCINTOSH, 2011; FLEXHUNG & YAZGANOGU, 2008). Contudo, deixaremos esses tópicos de fora dessa investigação, conforme mencionado anteriormente, ao destacar que minha abordagem não se voltará para as tentativas de suicídio, mas sim para a busca de um novo propósito para suas marcas por meio da tatuagem.

³⁵ O ato de suicídio, afeta as pessoas próximas, como, por exemplo, familiares, amigos, colegas de escola e outros envolvidos no ocorrido. Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), cinco a dez pessoas são afetadas por um óbito, número este que pode variar conforme a realidade sociocultural local (World Health Organization, 2008; Scavacini, 2011). Portanto, o suicídio é vivido como um fenômeno intersubjetivo e como experiência de perda de um mundo partilhado que deixa de existir com a morte, cabendo ao enlutado a resignificação de seu existir, e não o retorno a uma vida anterior.

A compreensão do significado de uma tentativa suicida³⁶ na vida de alguém só é possível ao entendermos como essa experiência foi vivida e qual o impacto que causou na pessoa que tentou se matar. Cada indivíduo reage de forma única e singular a uma tentativa de suicídio, embora algumas manifestações sejam comuns na maioria dos casos. Assorla (1998) argumenta que o suicida deseja viver e morrer simultaneamente, o que torna sua experiência muito mais complexa do que apenas um processo de desmotivação. No entanto, essa decisão afeta muito mais do que apenas o corpo do indivíduo. A experiência suicida tem um impacto significativo tanto na pessoa que tenta quanto em seus familiares.

Ressalto que não foi uma jornada fácil, algumas questões surgiram no caminho. Desde o início da minha imersão no campo, deparei-me com uma adversidade que se manifestava de maneira sutil, logo nas primeiras trocas de palavras com meus interlocutores. Essas conversas iniciais foram capazes de despertar reflexões profundas sobre dilemas políticos e éticos relacionados à prática antropológica. Embora eu tenha usado os nomes verdadeiros dos tatuadores sem problemas, a proteção da identidade dos sobreviventes foi a questão mais importante para eles. Apesar de parecer um mero detalhe técnico, Claudia Fonseca (2005a) chama atenção que mais cedo ou mais tarde em praticamente todas nossas pesquisas, questão do “sim ou não” sobre como nomear nossos interlocutores aparecera. Pensando em proteger meus interlocutores, decido pelo uso de nomes fictícios, compreendendo que o anonimato não implica numa atitude politicamente omissa do pesquisador, muito pelo contrário. O anonimato seria a maneira do antropólogo assumir sua responsabilidade autoral diante das pessoas que colaboram na pesquisa.

O segundo dilema diz respeito ao uso da palavra “suicida”, os sujeitos não a empregam para descrever o ato, pois pode ser visto como estigmatizante. Embora, autores como Nagafuchi (2017; 2018) e Nagafuchi e Adorno (2016), apontem que seja possível classificar aqueles que tentaram uma morte voluntária de acordo com categorias de “suicidas”, a utilização do termo é uma forma de incluir mais um estigma em um estigma. Os

³⁶ Macedo e Werlang (2007) investigaram a sequência de eventos que ocorre durante uma tentativa de suicídio, na qual o indivíduo experimenta excesso, dor e, finalmente, realiza o ato em si. Essa sequência está enraizada em experiências traumáticas vividas pelo sujeito. Com base nesses estudos, os autores cunharam o termo "ato-dor" para descrever a tentativa de suicídio resultante de traumas. No ato-dor, o ato em si se torna predominante como uma forma de aliviar a dor psicológica causada pelo excesso, mantendo o indivíduo preso em um ciclo repetitivo. Para uma melhor compreensão da ocorrência e dinâmica desse tipo de ato, é necessário recorrer aos conceitos de trauma, dor psicológica, compulsão à repetição e irrepresentabilidade. A teoria por trás dessa proposição, de que a tentativa de suicídio é um ato-dor, pode ser inferida a partir do texto de Freud de 1920, no qual ele explora o conceito de trauma como algo violento e intrusivo, que requer um processamento psicológico significativo. Neste artigo, alinhamos nossas ideias com essa perspectiva, propondo uma exploração da inter-relação entre experiências traumáticas, dor psicológica e ato. Devido à impossibilidade de simbolizar essas experiências de forma adequada, o traumático não encontra uma maneira de ser processado psicologicamente. A operação que falha é a simbolização.

autores indicam que a melhor forma de elaborar, então, é o seguinte: “a pessoa que tenta se matar opera em diversos discursos de suicídio, e estes são modos de comunicação não necessariamente verbais”. Portanto, o suicídio, pode ser interpretado por um viés socioantropológico como um ato comunicativo (MARQUETTI, 2012; 2014). Revelando algo não apenas sobre o sujeito, mas também sobre a sociedade e o mundo. Assim procuro me referir a esses interlocutores como “sobrevivente da tentativa de suicídio”, essa escolha é feita porque no Brasil, o uso das expressões “sobrevivente” ou “sobrevivente de suicídio”, pode gerar uma interpretação ambígua, podendo se referir tanto a alguém que perdeu um ente querido por suicídio quanto a uma pessoa que sobreviveu a uma tentativa de suicídio. Minha principal preocupação é garantir o uso de uma linguagem respeitosa, evitando assim julgamentos ou acusações.

Ao longo da pesquisa, fui percebendo a importância de ouvir suas histórias, dores, lamentos, frustrações e, principalmente, como a esperança surgiu – e continua surgindo – em meio ao processo de ressignificação de suas marcas. Forsey (2010), atribui a função da escuta participante como a catalisadora para a reflexão antropológica. Além da escuta, a narrativa mostrou-se fundamental para os meus interlocutores. De acordo com Clark (2007), dentre as muitas maneiras de amparar uma pessoa enlutada, a narrativa tem uma função indispensável, visto que proporciona para a pessoa a possibilidade de recriar novas compreensões, seja revisitando o passado, ou por novos caminhos para o futuro. Ouvir implica naquilo que Cardoso de Oliveira (2000, p.21) define como uma postura de abertura para a escuta. No qual o saber ouvir “ganha em qualidade e altera uma relação, qual estrada de mão única, numa outra, de mão dupla” – pessoas com tatuagens usadas para cobrir cicatrizes decorrentes de tentativas de suicídio e observar os sentidos atribuídos pelos participantes durante a prática da tatuagem para compartilhar histórias e experiências.

Para tanto, é necessário o exercício de deixar ser afetado, como afirmado por Favret-Saad (2005). Mas vale destacar que “deixar ser afetado” não se trata de ter acesso às impressões nativas, pelo contrário, o exercício de afetação diz respeito a ocupar este lugar específico – possibilitado pelos sujeitos em campo – que nada informa sobre as afecções do outro, e sim atualiza o nosso estoque de imagens, de apreensões, nos modificando, sem nos instruir sobre os afetos daqueles que nos colocamos em posição de estudar. Este posicionamento, a partir de Favret-Saada (2005), abre a possibilidade de uma comunicação específica com os sujeitos a partir tanto da comunicação verbal, quanto não verbal, possibilitando uma afetação que informa tanto a nós mesmos quanto aos nativos. (FAVRET-SAADA, 2005, p.159). Nesse processo a etnografia transforma-se em uma experiência em

que o pesquisador começa a perceber a partir de suas próprias vivências, alcançando assim um novo mundo para si. (MEDEIROS, 2015)

CAPÍTULO 2 - TATUAGEM COMO TERAPIA

Diversas pesquisas (FERREIRA, 2014; PEREIRA, 2013; PEREZ, 2006) apontam para que a tatuagem seja pensada em termos de processo de socialização, como uma forma de identificação com os outros, já que é uma experiência e um signo compartilhado, construções de um corpo estético e no desenvolvimento de individualizações, subjetividades e singularizações etc... entretanto, hoje as marcas também surgem como uma opção para os sujeitos no alívio das experiências traumáticas³⁷. Em contextos que envolvem estúdios de tatuagens, muitas pessoas têm utilizado essa ferramenta para superar traumas, enfrentar dores, transtornos psíquicos, tratamentos e terapias. Despertando a possibilidade de transformar experiências dolorosas em arte, a qual, segundo o escritor e poeta Ferreira Gullar (2015), pode ser entendida como “aquela que transcende a dor e transfigura o sofrimento em beleza”.

De acordo com Shainna Ali (2018), um número cada vez maior de sobreviventes de traumas está escolhendo lidar com suas feridas por meio de tatuagens. Segundo seu ponto de vista, a tatuagem pode ser comparada à arteterapia, na qual sobreviventes são convidados a desenhar ou pintar como um meio de superar seus traumas. Mas a tatuagem apresenta um aspecto a mais: estudos indicam que a dor faz parte da experiência de fazer uma tatuagem e que o desconforto da agulha, mesmo que tolerável, pode ajudar a aumentar a sensação de presença e reflexão sobre eventos dolorosos. Kimberly Baltzer-Jaray, professora de Estudos da Mulher no *Kings University College*, relata que a tatuagem, relacionada a sessões de terapia, auxiliou na diminuição de seus sintomas de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), depressão e doenças autoimunes. “Em particular, a tatuagem ofereceu uma transição positiva para os meus mecanismos de enfrentamento, como a automutilação”, revela Kimberly³⁸. Em uma pesquisa divulgada pela *IBIS World*³⁹, a indústria global de tatuagem

³⁷ A mesma técnica usada para tatuar, dando picadas fundas na pele como injeção, é utilizada para aplicar remédios contra várias doenças. Outras vezes, picadas leves, como na acupuntura, ou pequenos cortes na pele, provocando cicatrizes (escarificações), já constituem o tratamento. Em regiões do Senegal, alguns cortes na testa são recomendados para tratar a dor de cabeça. Já tintas para pintura corporal, quase sempre preparadas com óleo ou gordura, servem também como repelente, livrando o corpo das picadas de insetos (ARAÚJO, 2005).

³⁸ Especialistas recomendam tatuagem em terapia pós-trauma. **Agência o Globo**, Rio de Janeiro, 11 de abr. de 2022. Disponível em: <<http://www.agenciaoglobo.com.br/dinonews/Default.aspx?idnot=93425&tit=Especialistas+recomendam+tatuagem+em+terapia+p%C3%B3s-trauma>>. Acesso em: 20 de nov. de 2022.

³⁹ Tattoo Artists Industry in the US. **IBISWorld**, New York, 11 de jun. de 2022. Disponível em: <<https://www.ibisworld.com/united-states/market-research-reports/tattoo-artists-industry/>>. Acesso em: 23 de

apresentou um crescimento de 1.4 bilhões de dólares em 2022. A pesquisa ainda revela que nos últimos dois anos, o mercado de tatuagens tem sido impulsionado por diversos motivos, incluindo o isolamento social e a perda de pessoas queridas por conta da pandemia da Covid-19. Durante a pandemia, segundo pesquisa publicada pela *Insider*⁴⁰, os estúdios norte-americanos têm recebido muitos pedidos de retratos ultrarrealistas e desenhos com motivos espirituais. Os desenhos exclusivos, com significados pessoais, estão em alta.

Iniciaremos nossa discussão a partir do conceito de *narrativa da tatuagem*, definido por Shilling (1993) e Sweetman (1999). De acordo com esses autores, as narrativas de tatuagem são traçadas como uma busca pelo equilíbrio com o "eu". É uma forma pela qual indivíduos tatuados expressam suas vidas através de suas marcas corporais. Nosso objetivo é compreender como as pessoas utilizam a tatuagem como uma forma de contar suas histórias, transformando as marcas provenientes de tentativas de suicídio. A proposta desses autores vai além do que essa breve descrição indica. No entanto, não nos interessa discutir a validade de sua teoria, suas lacunas e contribuições. Trouxemos esse argumento à tona, pois ele oferece uma interessante dica metodológica para continuarmos a investigar como as pessoas usam as tatuagens para enfrentar a construção de suas experiências de vida. Isso é o que mais nos chama a atenção nesses autores, seu enfoque. É importante mencionar que o objetivo dessa análise não é promover a prática da tatuagem como uma forma exclusiva de terapia ou como uma alternativa aos métodos já utilizados. Mais do que isso, nosso objetivo principal é dar voz às histórias daqueles que optaram por essa prática como uma maneira adicional de encontrar um novo sentido às suas cicatrizes desencadeadas pela tentativa de suicídio.

Visando aprofundar nosso conhecimento, a análise explora as quatro principais motivações para a obtenção de uma tatuagem: ritual, identidade, talismã e decoração, sugeridas por autores, tais como Atkinson (2014; 2003), Forbes (2001), Wohlrab, Stahl & Kappeler (2007), Mun, Janigo e Johnson (2012).

2.1- A AGULHA COMO UM ENCANTO QUE LIBERTA ALMAS INQUIETAS

Conforme mencionado por Cavalcanti (2007), o ritual se apresenta como um contexto sociocultural e situacional característico. Neste ambiente permeado por crenças e valores, os

nov. de 2022.

⁴⁰Tattoo artists share 6 designs everyone will want this year, and 2 that'll be less popular. **Insider**, New York, 8 de mar. de 2022. Disponível em: <<https://www.insider.com/tattoo-designs-expected-to-be-popular-and-not-in-2022-3#:~:text=%22Spiritual%20tattoos%20%E2%80%94%20hamsa%2C%20mandala,for%202022%2C%22%20he%20said%20>>. Acesso em: 26 de nov. de 2022.

símbolos desempenham plenamente seu papel como articuladores de percepções e classificações, tornando-se fatores capazes de impulsionar e organizar a ação e experiência humanas, revelando os temas culturais subjacentes. É importante destacar que o conceito e as significâncias de um ritual variam de pessoa para pessoa na nossa sociedade, sendo influenciados tanto pela herança sociocultural quanto pela história de vida individual. Não é necessário adotar rituais maoris ou indígenas para atribuir um profundo significado à tatuagem. Dessa forma, o ritual pode ser uma forma de reconexão com as próprias raízes ancestrais, além de fortalecer relacionamentos, práticas religiosas, laços familiares, criar experiências pessoalmente significativas e funcionar como um processo terapêutico.

De acordo com Le Breton (2013), a tatuagem tem um papel singular na sociedade ocidental moderna, diferentemente das marcas convencionais que eram utilizadas para registrar conexões com os antepassados e rituais de passagem (VAN GANNEP, 2011) que marcam os ciclos da vida humana, tanto naturais quanto sociais, como o casamento, a maternidade, a integração do indivíduo na comunidade, a chegada da puberdade ou a entrada na vida adulta (OANTA, STOLERIU, IRMIE, BRANISTEANU E MORARUI, 2014). Contudo, os ritos de passagem que envolvem tatuagem despertam grande curiosidade na sociedade ocidental contemporânea, segundo Le Breton (2002), isso ocorre pela ausência desses rituais na sociedade e a perda gradual de sentido dos poucos que ainda existem. Esse interesse tem atraído principalmente os mais jovens, especialmente aqueles que frequentam a universidade.

Norbert Elias (2001) destacou que as maneiras tradicionais de lidar com situações difíceis da vida se tornaram ultrapassadas e pouco autênticas, especialmente para os mais jovens. Nessas circunstâncias, eles são os que mais precisam confiar em suas próprias habilidades e recursos para se expressar e transmitir seus sentimentos por meio de gestos e palavras. Assim, além de estarem em um momento de liberdade nova, também passam por uma fase de formação de identidade e transição para a vida adulta. De acordo com Araújo (2005), há uma antiga fascinação da sociedade ocidental por práticas tradicionais, como a arte da tatuagem. Um momento que exemplifica esse interesse ocorreu em 1769, quando James Cook embarcou em uma viagem à Polinésia e teve a oportunidade única de vivenciar a cultura Maori⁴¹, da Nova Zelândia.

Apesar de parecer inofensiva, essa fascinação por cerimônias de transição tradicionais pode gerar processos de objetificação e estranhamento do outro, reforçando uma ideia que

⁴¹ Cook também revelou para a Europa a tatuagem moko dos Maori. Eram desenhos impressionantes: espirais tão profundas na pele que mais pareciam entalhe na madeira. Os dolorosos rituais duravam anos para cobrir todo o rosto dos homens nobres e guerreiros (ARAÚJO, 2005).

separa o “nós” (moderno, ocidental), do “eles” (primitivo, tribal). A importância da tatuagem para cada um desses povos é perdida nessas narrativas, e o único aspecto que realmente importa é como essa cultura é vista pelo viés ocidental. Um exemplo claro disso são os movimentos *Neo-Primitivos*⁴² que promovem o resgate dos rituais tradicionais. A tatuagem nesse contexto, mesmo tendo passado por uma completa ressignificação, ainda mantém um poder simbólico que remete à memória e aos costumes coletivos. O processo de apropriação pode ser descrito como *canibalismo cultural*, como Pitts (1998) aponta. Conseqüentemente, nosso propósito é priorizar a tatuagem terapêutica no contexto ocidental contemporâneo, o interesse pelos processos tradicionais é um ponto de referência, mas não é o tema central. Exploraremos os principais elementos do ritual de tatuagem, que são frequentemente mencionados pelos meus interlocutores, como a dor, o controle e a intimidade.

2.1.1 - Dor nunca pareceu tão brilhante

Segundo Otte (2007), “não se pode evitar a suspeita de que a dor não é um efeito colateral indesejado da tatuagem, mas que de fato é essencial para o seu sucesso”. A dor faz parte do momento do ritual, como se houvesse uma espécie de anseio humano em se confrontar com esse sentimento. Mais do que isso, nas palavras de Berlinck (1999, p.09), “(...) o humano habita na dor. Não sentir dor coloca o humano num radical desamparo”. A dor pode ser uma maneira que o sujeito encontra para revelar, simultaneamente, sua singularidade, a particularidade da cultura, na qual se manifesta, e a universalidade da condição humana (VILHENA; NOVAES, 2009). Van der Kolk (2014) argumenta que alguns sujeitos encontram na experiência de sentir dor como uma possibilidade para reinterpretar uma situação traumática, a dor surge como analgésico, algo para aliviá-lo das cicatrizes emocionais (p.33). Muitos dos interlocutores deste estudo discutiram de bom grado sentir a dor como um processo, que eles poderiam superar e voltar, fornecendo-lhes um distintivo para simbolizar seu processo de superação e transformação. Segundo Kim Hewitt (1997), a dor física pode ter funções pacificadoras e harmonizadoras, podendo ser vistas como um meio de recuperar a força sobre o próprio corpo e liberar sentimentos que não foi permitido sentir (FAVAZZA, 1996; MCLANE, 1996).

⁴² O movimento atual é caracterizado por uma forte influência dos rituais tradicionais, trazendo um revivalismo incrível. Jamie Summers, um talentoso tatuador, descreve o processo de tatuagem como uma verdadeira metamorfose ritualística. (FERREIRA, 2011).

Luana estava bastante apreensiva com a possibilidade de sentir dor, uma vez que muitas pessoas a condenaram por provocar uma sensação voluntária em algo que já trazia esse sentimento. Antes de dar início à sua sessão, ela caminhava de um lado para o outro, procurando interagir com as pessoas que estavam no ambiente. Ao me aproximar, ela me perguntou quantas tatuagens eu tinha. Respondi que possuía algumas e ela comentou sobre a dor. Ao perceber seu nervosismo tentei tranquilizá-la, “nessa parte do braço que você vai tatuar é mais tranquilo”, com uma expressão de alívio momentâneo, ela disse que acreditaria em mim. Pedi para me unir à sua sessão, ela respondeu, “claro, só não ria de mim se eu me contorcer de dor”, prometi, “não farei isso, pode ficar tranquila”. Embora saiba que tatuar pode ser doloroso, sua principal preocupação era com a técnica do *brutalblack*⁴³ aplicada por Alexandre e com a duração da sessão, que duraria até quatro horas para tatuar de modo agressivo. Apesar de haver variações na tolerância à dor de pessoa para pessoa, o “*blackwork*” é conhecido por ser um estilo de tatuagem mais doloroso, devido ao uso de máquinas com um maior número de agulhas - geralmente 23 ou 35 - em comparação com as 15 utilizadas em desenhos tradicionais. Enquanto o tatuador nota o nervosismo de Luana, ele brinca dizendo “tenho mãos de fada”, o que a faz sorrir enquanto ele pisca para mim. Ao entrar em contato com as agulhas, ela diz: “pensei que seria pior”. Com o decorrer do tempo, ela afirmava que a dor possuía um propósito, um sentido, “aqui, a dor se expressa em formas e linhas, até se converter na arte escolhida”. A sensação dolorosa estava cumprindo sua função terapêutica naquele momento, “de forma singular, essa sensação trouxe um novo significado para minha presença aqui, sem apagar a verdadeira razão pela qual estou aqui”. Ao passar pelo processo, na narrativa da tatuagem de Luana, é evidente como a dor desempenha um papel crucial. Ela conclui, “apesar de algumas áreas serem mais sensíveis, ao finalizar o trabalho e admirar o resultado no espelho, a sensação de satisfação é indescritível”.

Para Angela, já era sua quarta tatuagem, sentir dor já era algo comum. Cada uma delas contava uma história diferente através da sensação dolorosa. “No joelho foi bastante incômodo [...], já no braço algumas foram bem tranquilas. A primeira fiz no ombro, muito tranquilo, nem lembro da dor, mas a segunda fiz no pé, não indico para ninguém fazer no pé, nem sei se um dia vou ter coragem de retocar, dói muito”. Para ela, “suportar a dor é parte do processo, algo inevitável”. Assumir a dor é uma maneira de desafiar a punição e afirmar a si mesma. Além disso, Angela descreveu a experiência como um processo que a ajudou a liberar uma carga emocional do trauma.

⁴³ O estilo começou a fazer sucesso quando os tatuadores Valerio Cancellier, Cammy Stewart e Phillip 3Kreuze deram vida ao projeto “*Brutal Black Project*”, com o objetivo de transformar a dor em um verdadeiro ritual. Durante as sessões, o trio e um voluntário mergulham juntos nessa experiência intensa e única.

Bernardo me contou durante nossa conversa qual era o significado que ele atribuía à dor da tatuagem, e mencionou que nunca havia sido um fator preponderante até aquele momento, “essa é a primeira vez que parei para pensar em como ela faria parte do processo”. Embora fez questão de ressaltar que sempre buscou métodos para minimizar-lá, como o uso de pomadas anestésicas⁴⁴. Ao ressignificar sua cicatriz, a dor da tatuagem se tornava o agente estimulador do momento de transformação, uma tentativa de sentir emoções. Para ele, a dor surgia como sensação analgésica, algo para aliviá-lo das cicatrizes emocionais. Em suas palavras, “é no meio do caos que tudo começa a fazer sentido”.

Milena também discutiu de bom grado sentir a dor como um processo, ela poderia superar e voltar, fornecendo-lhe um distintivo para simbolizar seu processo catártico: “tenho duas na costela e não achei tão horrível como dizem. Achei até tranquilo. Um pouco mais dolorida do que no antebraço e em cima do cóxis, nada de mais. Tanto que tinha uma na costela e semana passada fiz outra”. A dor como uma experiência consentida⁴⁵ permitiu que ela expressasse emoções e memórias dolorosas, tornando-se uma passagem ritual para uma nova forma de ser, “Não só sobrevivi a dor, como encontrei beleza no outro lado. Minhas tatuagens também representam uma experiência transformadora com dor”. Ao contrário da dor experimentada durante o evento traumático, a dor da tatuagem foi autoimposta e com um objetivo específico. A dor não era um fim em si mesma, mas um meio para a expressão criativa.

Vejamos como as *narrativas de tatuagem* dos meus interlocutores também são influenciadas pela noção de boa dor. A sensação é um sentimento positivo, pois guia a pessoa para fora do caos em direção à segurança e à compreensão da vida. A tatuagem surge como um meio para eles encontrem sua própria voz. Entretanto, é importante ressaltar que essa percepção definitivamente não é obrigatória, visto que nem todos os indivíduos tatuados relatam a dor como uma parte positiva da experiência. Para muitos, ela é apenas uma etapa necessária para alcançar um objetivo final, a tatuagem em si

2.1.2 - Um sussurro necessário para restaurar o controle sobre o próprio ser.

⁴⁴ Importante ressaltar que a utilização da pomada não é recomendada pelos tatuadores. A pomada, em absorção com a pele, ainda mais em lugares mais vascularizadas e traumatizadas pelo agulhamento, pode provocar reação adversa, processo alérgico ou até mesmo consequências mais sérias como o óbito. Especialistas garantem quem quanto maior a superfície de pele em contato com o anestésico, maior será a absorção do medicamento.

⁴⁵ A dor pode ser involuntária ou provocada pelo sujeito, recebendo inúmeros significados que podem ser compreendidos como meio de educação ou punição (LE BRETON, 2013) ou até mesmo, uma experiência consentida, como na tatuagem.

A dor também é descrita como uma forma de se reconectar com o corpo quando o indivíduo se sente alienado dele. Maxwell (2017) discorre sobre como, em suas entrevistas, mulheres tatuadas relatam que a tatuagem serviu como uma forma de encerrar um capítulo traumático e deixando de vivê-lo constantemente. De acordo com Oksanen e Turtiainen (2005) um dos efeitos do trauma é a repetição das situações, existe um poder terapêutico em conseguir, definir esse encerramento e mudança de perspectiva, pois, embora a tatuagem carregue consigo um importante elemento de permanência, o corpo tatuado ainda é capaz de uma certa maleabilidade simbólica, permitindo uma reinterpretação constante possibilitando que o indivíduo ressignifique seu trauma, e assim crie uma narração do corpo, sobre o corpo. Segundo um dos entrevistados por Otte (2007), a experiência de lidar com o trauma precisava ser realizada de forma corporal para ser eficaz. Algumas pessoas mencionam uma discrepância entre os sentidos; para elas, o corpo não havia seguido a mudança essencial que ocorreu em suas mentes e corações. Desta forma, o procedimento físico da tatuagem se manifesta como uma maneira de ordenar os eventos da tragédia em uma narrativa, e de sincronizar todos os seus sentidos.

Luana encontrou na tatuagem uma maneira de estruturar eventos e emoções caóticas de forma organizada, seguindo uma ordem subjetiva e pessoal. Toda vez que ela olhava para a cicatriz, um sentimento a invadia. Sentia que aquele não era seu corpo. “Não era vergonha”, recorda, mas uma sensação de que algo não estava no seu lugar. Era como se ela observasse um espelho quebrado, “onde eu só percebia os fragmentos”. Destaca que após tatuar sentiu que “havia retomado o controle do corpo e conseqüentemente da vida”. Ao ter o controle sobre seu corpo novamente, ela poderia contar sua história de outra perspectiva. Não era mais sobre alguém que tentou se matar, mas sim sobre alguém que está criando uma nova conexão com a vida. “Meus amigos afirmam que minha visão de futuro mudou de sombrio para um horizonte esperançoso”. Foi relatado também que a sensação de não ter controle sobre o próprio corpo resultou em uma noção de desconexão que se estendeu por dois momentos distintos de culpabilização. No primeiro, houve um sentimento de culpa em relação aos outros por ter tentado tirar a própria vida, “me culpei por trazer tanto sofrimento para as pessoas que me amam [...] e eu não tinha como mudar isso”. E o segundo, tendo que lidar com a impressão de incapacidade por não conseguir sucesso em seu ato, começou a sentir muita raiva. Ela percebeu que não tinha o controle sobre sua vida e nem sobre sua morte. Tomar as rédeas da própria vida foi um processo que ela sentiu ser bastante arrastado, uma decisão que precisava ser reafirmada todos os dias. Cada escolha que fazia por si mesma era motivo de comemoração. “Hoje, estou aqui neste projeto devido a uma decisão diária que tomo em

relação à forma como apresento meu corpo, e certamente é uma das decisões mais importantes que já fiz”, conclui.

Bernardo comparou sua jornada de retomar o domínio de seu próprio corpo a atravessar uma ponte, buscando alcançar a plenitude de sua existência. "O trajeto que reconectaria minha mente com o corpo". Para ele, atravessar essa ponte era um passo crucial. Ter o controle sobre seu próprio corpo foi um dos elementos que o fez entender todo esse processo como terapêutico, uma parte fundamental da recuperação de um sobrevivente. Para ele, a tatuagem representa sua capacidade de escolher como se revelar para o mundo. Seu desejo era ser uma pessoa segura e autônoma, capaz de decidir sobre sua própria trajetória. Essa busca por autonomia é uma consequência inevitável de um evento traumático que roubou o controle da vítima.

Angela mencionou que sua cicatriz sempre despertou muita curiosidade nas pessoas. Lembra de uma experiência que teve em um mercado enquanto aguardava na fila, uma criança chama a atenção de todos ao perguntar em voz alta sobre suas marcas no braço, “foi traumático, a menina apontou para mim e logo todos me olhavam. Cada olhar era tão invasivo, como se os outros tivessem direito ao meu corpo. Eu me sentia suja, como se eu estivesse sendo abusada”. Por estar em um lugar visível, “era impossível as pessoas não olharem, comentarem e até especularem”, recorda. De acordo com Tanabe e Moreira (2022), as cicatrizes têm a incrível capacidade de atrair a atenção e despertar a curiosidade das pessoas em relação às marcas e símbolos misteriosos que as adornam. Essas marcas se tornam verdadeiros enigmas aos olhos dos espectadores, provocando especulações e despertando o desejo de desvendá-las. Muitas vezes, essas marcas se tornam verdadeiros facilitadores para a evocação de narrativas intrigantes. Com o passar dos anos, sua autoestima foi prejudicada, a ponto de usar apenas roupas de manga comprida para evitar tais olhares. A tatuagem foi uma experiência dolorosa, mas permitiu que ela tivesse o controle sobre a maneira de expor seu corpo, dando-lhe um novo significado à marca, o que a auxiliou a alinhar seu corpo com seu estado emocional atual.

Ao longo da discussão, os “sobreviventes da tentativa de suicídio” mergulharam profundamente em suas emoções e vulnerabilidades, explorando de que maneira a experiência da dor e a busca pelo domínio do próprio corpo influenciaram suas perspectivas sobre o potencial terapêutico das tatuagens. A fim de exemplificar esses momentos reveladores, permitam-me compartilhar duas experiências que tive a oportunidade de presenciar durante minha pesquisa de campo.

Enquanto Milena aguardava ansiosamente para ser tatuada, seu olhar se perdia na contemplação da cicatriz refletida no espelho. Parecia como se estivesse se despedindo dela. Curioso, me aproximei e pude ouvi-la murmurar para o tatuador: "Sinto que, através dessa tatuagem, finalmente irei recuperar o controle sobre meu corpo. É o meu momento, o meu processo de cura". Solicitei para acompanhar a sessão e ela permitiu. Enquanto a agulha perfurava sua pele, ela começou a compartilhar sobre suas tentativas de tirar sua própria vida, os caminhos percorridos para que estivesse ali, viva. Milena baixou a cabeça, como se tivesse tentando esconder seu rosto, começou a morder seus lábios, seu corpo começou a tremer, ficando rígido, seus punhos cerram. Percebendo sua reação, o tatuador decidiu por dar uma pausa. Ela vai até a sacada, fuma um cigarro, respira um pouco. Após retornar à sala, Rodrigo consultou sobre sua condição para continuar. Sua resposta afirmativa foi com um leve aceno com a cabeça. Ao recomençar a sessão, diante da narrativa do traumático, relata o que sentiu "é como se revivesse o trauma, mas de uma maneira diferente. Não era apenas dor, mas meu corpo dizia que aquilo pertencia ao passado, era como se uma dor sobrepujasse a outra". Ela vivenciou essa experiência como um cessar-fogo, "sentia que não era mais a mesma. Parece que algo se ligou dentro de mim, não sei explicar. As reações do meu corpo foram totalmente involuntárias".

Angela, durante a sessão, começou a soluçar e gemer, logo em seguida, foi tomada por tremores e deslizou da cadeira. O tatuador sugeriu adiar a sessão, mas ela estava determinada. Ela pediu apenas para colocar uma playlist que havia selecionado especialmente para aquele momento. Cada música naquela lista representava uma fase importante de sua vida. Apesar de chorar compulsivamente e interromper a sessão algumas vezes, ela confessou que sentia seu corpo tremer por dentro, mas não queria mostrar isso ao tatuador. Angela decidiu manter os olhos fechados durante toda a sessão. Após reviver o trauma, ela decidiu enfrentar aquele momento com a coragem de quem está superando uma situação traumática sem abrir os olhos. Ouvi sair de sua boca um grito: "eu tenho o controle da minha vida. Isso não vai mais definir quem eu sou. Estou redesenhando minha vida com amor."

Quando as pessoas escolhem compartilhar suas histórias, elas não apenas buscam aliviar o próprio sofrimento, mas também transformar o impacto do trauma em algo simbólico. De fato, as narrativas se tornam uma poderosa ferramenta para confrontar o passado doloroso e assimilar suas consequências. Ao testemunharem, as vítimas não apenas tornam públicas as experiências terríveis que enfrentaram, mas também garantem que essas feridas, outrora seladas pelo silêncio e pelo esquecimento, não se tornem uma infecção que contamine o futuro eternamente (Kehl, 2011, p. 312). Através desses testemunhos, os

“sobrevivente da tentativa de suicídio” conseguem atribuir um significado simbólico ao horror que atravessaram. Segundo Kehl (2011), esse processo de simbolização não pode ser feito de forma solitária, mas sim de modo coletivo, como, por exemplo, através de um analista - ou, neste caso, um tatuador - ou de comunidades que se unem para lembrar as atrocidades vividas. O objetivo não é simplesmente reviver o passado ou repetir os acontecimentos, mas sim registrar no campo simbólico, nas representações coletivas, as marcas do que foi vivido (Kehl, 2011, p. 317). Afinal, para as vítimas e seus entes queridos, é insuportável que a violência se torne insignificante aos olhos do mundo, pois há situações em que o esquecimento é uma segunda violência, ainda mais duradoura que a primeira (Kehl, 2011, p. 317).

Suas *narrativas da tatuagem* se conectam com a perspectiva de Rebecca Lester (2013), que propõe uma compreensão alternativa do ponto de vista antropológico do trauma, considerando-o como um processo de desenvolvimento que se estende além dos eventos em si, sem fixá-los no tempo. Como alguém que já teve a oportunidade de conviver com pessoas traumatizadas, a autora entende que os eventos traumáticos são como uma interminável série de acontecimentos, que persistem mesmo após o fim dos fatos em si. Com frequência, eles revisitam experiências passadas com grande vivacidade, dificultando discernir entre o que é uma memória e o que está acontecendo no momento. Dessa maneira, os eventos traumáticos não se tornam apenas algo do passado que a pessoa está tentando superar, mas sim parte da experiência cotidiana vivida no presente. Isso impacta a maneira como as pessoas se relacionam com os outros, interpretam novas vivências e vislumbram possibilidades para seu futuro. Embora possa parecer difícil de lidar com essa repetição e retraumatização, ela também pode ter um potencial de cura. Cada vez que as memórias ressurgem, é como se a pessoa estivesse vivenciando situações únicas, permitindo que novas conexões, sensações, emoções e ideias se acumulem. Com o passar do tempo, a natureza da experiência vivenciada pelo trauma pode ser alterada. Como diferentes significados estão ligados à lembrança das experiências traumáticas passadas, o momento da lesão torna-se, literalmente, um evento distinto.

2.1.3 - Comandando meu pincel de vida, o artista oculto

O processo de seleção da tatuagem adequada e do tatuador pode desempenhar um papel terapêutico significativo para aqueles que estão a considerar embarcar na jornada da tatuagem. Ao tomar a decisão de tatuar a pele, é crucial passar por um cuidadoso processo de

seleção para garantir que a escolha seja a mais acertada possível. Essa seleção minuciosa e criteriosa pode trazer benefícios terapêuticos aos indivíduos, à medida que se envolvem em um processo de autodescoberta e autoexpressão. Escolher a imagem ou símbolo a ser tatuado é uma oportunidade única para mergulhar em conexões emocionais e simbólicas. É uma chance de explorar a história pessoal, descobrir aspectos escondidos da personalidade e representar as próprias crenças e valores mais profundos.

Trabalhar com tatuagens e os significados que elas expressam seria inútil sem a presença das imagens - afinal, tatuagens são imagens em si. A interpretação sem a ajuda visual seria insuficiente, já que a humanidade está intrinsecamente ligada ao simbolismo, que molda nossa cultura e nossa capacidade de sobrevivência. Vivemos em uma era dominada pela imagem, onde mostrar-se e deixar-se ver é essencial. A mídia e as redes sociais virtuais, armadilhas para o olhar, nos incentivam a sair do anonimato, nos expondo de corpo e alma em uma sucessão de instantâneos. Soler⁴⁶ chama isso de "narcisismo da imagem", um engajamento desmedido e sem precedentes.

Assistimos a uma verdadeira cultura da imagem, pensem na prática do *selfie* (temos o espelho no bolso) e todas as técnicas atuais de corpos imaginários, primeiramente com as normas em uso da silhueta, com a indústria da moda que o recobre, a cirurgia estética que o transforma, mas também a nutrição que lhe dá volume. Sem esquecer das práticas do mercado do corpo de objetivo distinto, que vão das tatuagens até o body art.

David MacDougall (2009) destaca que a arte e a ciência desempenham um papel fundamental no nosso entendimento do mundo ao nosso redor. No entanto, além dessas disciplinas, é essencial considerarmos a forma como observamos e interpretamos as coisas no nosso cotidiano. Nesse sentido, o significado que atribuímos ao que vemos é tanto uma necessidade quanto um obstáculo. O significado é o que preenche uma imagem com tudo que sabemos sobre ela, tornando-a familiar e dando-lhe vida cada vez que a contemplamos. No entanto, quando impomos significados às coisas, corremos o risco de nos cegarmos, vendo apenas aquilo que esperamos ver ou negligenciando muitos outros aspectos. As imagens são mais do que simples reflexos do pensamento, elas têm o poder de conduzi-lo. Ao capturarmos pessoas, objetos e eventos com uma câmera, estamos sempre dizendo algo através delas. É uma forma de apontar, descrever e julgar. As imagens domesticam e organizam a visão, tanto ampliando quanto diminuindo. Ao diminuir, deixam de fora as conexões da vida que o fotógrafo é incapaz de ver, impondo explicações simplistas em eventos complexos. Ou então

⁴⁶ Soler, C. (2017). Nova economia do narcisismo. Revista de Psicanálise Sylus, (34), p.32.

fazem isso de forma deliberada, sacrificando a relevância em prol de algum argumento ou efeito dramático.

MacDougall (2009) ressalta a poderosa técnica do enquadramento ampliado, que consiste em selecionar algo específico e isolá-lo de seu contexto habitual, permitindo uma observação mais minuciosa e profunda, como uma única folha em meio a uma densa floresta. Essa abordagem não apenas destila e concentra a experiência, mas também revela associações e conexões que poderiam passar despercebidas anteriormente. Pode ser utilizado para capturar os gestos particulares de uma pessoa ou destacar como um tema cultural específico emerge em diferentes contextos. Essa intensificação e aprimoramento da percepção nos torna mais conscientes do mundo ao nosso redor, mas há o risco de entorpecer nossas respostas se utilizado em excesso. Nesse sentido, selecionamos cuidadosamente a lógica por trás da divulgação das imagens de nossos interlocutores. Não buscamos apenas enfatizar a cicatriz em si, mas sim mostrar como elas foram ressignificadas. O enquadramento, portanto, tem dois propósitos interligados - focar e ao mesmo tempo revelar o que existe além ou apesar do enquadramento. Destaca-se que durante minhas conversas com meus interlocutores, eles sugeriram que nenhuma outra forma de expressão artística captura a dramatização com tamanha intensidade e vivacidade como a fotografia em preto e branco. Ela é como um eco silencioso e indispensável que desperta em nós as emoções mais profundas, nos transportando para um universo onde a realidade é banhada por sombras e luzes intensas. Nessa sinfonia monocromática, cada imagem pode se tornar uma história única, compondo uma trama que captura nossa atenção desde o primeiro olhar. A ausência de cores não é uma limitação, mas sim um convite para explorar as nuances da existência de maneira verdadeiramente singular.

Após longas conversas com o tatuador, Luana vai se apaixonando cada vez mais pela ideia de tatuar um belo floral em seu corpo. Inspirada por diversas imagens encontradas na internet, ela dedicou horas a sonhar e revisitar memórias em busca do projeto perfeito. A motivação por trás dessa escolha tão pessoal foi revelada quando Luana compartilhou um momento íntimo com sua irmã em uma floricultura. "Durante muito tempo, imaginei como seria meu funeral", ela conta em tom reflexivo. Luana explica que passou madrugadas escrevendo sobre como desejava que seu velório fosse conduzido, chegando até a redigir uma carta que planejava deixar para sua família. Enquanto rememorava essas noites insones, ela percebeu que esses sentimentos começaram a se manifestar em seu corpo. Surgiram cheiros e

sensações vívidas, como o aroma da flor de Jasmim, que anteriormente ela associava à morte. Essas sensações persistiram mesmo quando ela chegou em casa, com mãos geladas e arrepios percorrendo sua espinha. Sem hesitar, Luana enviou uma mensagem ao tatuador na mesma noite, perguntando se ele estaria livre no dia seguinte. Felizmente, ele respondeu positivamente e eles marcaram um encontro no estúdio. Após horas de conversa acerca do desenho, eles finalmente chegaram a um resultado incrível. O símbolo que antes estava ligado à morte, agora representa o renascimento de Luana. É um jardim que floresce em seu coração através da sua bela tatuagem.

No entanto, embora sua ideia tenha trazido uma nova perspectiva para sua cicatriz, ela não queria perder a essência da tristeza que viveu durante aquele período. Por isso, decidiu fazer uma tatuagem de um desenho floral utilizando apenas tinta preta e flores sem vida. Quando perguntada sobre a importância dessa escolha, ela reconheceu que ter controle sobre o desenho foi um processo terapêutico que "revisitou algumas coisas que eu insistia em manter escondidas".

Figura 12- Luana usa tatuagens de flores murchas em preto



Fonte: Instagram pessoal de Rodrigo (2002)

Milena contou durante nossos encontros que sua principal motivação para tentar tirar sua vida foi não saber lidar com a perda prematura de sua mãe. “Nos últimos anos, tenho lutado diariamente contra a perda da minha mãe. Em 2018, perdi uma parte de mim. Perdi minha melhor amiga, um pilar de força e minha luz guia neste mundo sombrio.” A cicatriz não é apenas um lembrete doloroso de seu ato, mas também da falta que sua mãe faz.

Desde então, tenho tentado encobrir os sentimentos de pesar, tristeza e desespero, fingindo estar bem e sorrindo para as pessoas ao meu redor... na esperança de que minha turbulência interior nunca afete aqueles que amo. Por fora, você pode ver uma pessoa forte, confiante, determinada e motivada a ter sucesso, mas essa personalidade só existe porque tenho pavor da alternativa que pode ser... uma mulher atormentada pela perda que se tornou frágil, quebrada e desgastada. Essa é a maior batalha que já travei, sempre preso em uma guerra silenciosa nas trincheiras da minha mente. Mas me esforço diariamente para superar todos os meus dias mais sombrios, todas as minhas inseguranças e para ser a pessoa que minha mãe sabia que eu poderia ser.

Sua escolha está relacionada a duas situações que estão intimamente ligadas. Por isso decidi ressignificar sua cicatriz com um desenho de um olho. Mas não “qualquer olho”, ela ressalta, é o olho de sua mãe. “É a memória dela que me impulsiona a seguir em frente quando me sinto fraca e abatida pelas tensões desta vida para continuar”. A tatuagem, além de dar novo significado à sua ação resultante da tentativa de suicídio, também funciona como símbolo de proteção. Milena reconheceu o valor terapêutico no processo de escolher o desenho que será tatuado em sua pele como uma forma de controle, mencionando “ser capaz de fazer essa escolha saudável por si, é uma sensação incrível”. Ela afirma acreditar que sua decisão teve um resultado positivo e que com o tempo, a promessa de melhora, não apenas em sua saúde mental, mas também nas relações com as pessoas mais próximas e na capacidade de amar e compreender os que também passaram por tragédias e traumas.

Figura 13- Milena procura redefinir sua cicatriz com o olho de sua mãe



Fonte: De autoria própria (2022)

Angela compartilhou o mesmo sentimento de Milena, acreditando que escolher o desenho é uma maneira de se conectar com o símbolo que será tatuado em sua pele. Para ela, a escolha é um importante recurso para lidar com a confusão mental que muitos sobreviventes enfrentam no dia a dia. Como no seu caso, que após o evento quase fatal, ela passou a enfrentar um estresse pós-traumático grave que causou ansiedade incapacitante.

Eu ainda luto para superar isso. A ansiedade me consome intensamente, deixando-me em um estado de pânico quase constante. A mínima sensação estranha me faz temer estar à beira da morte. Frequentemente, sou obrigado a ligar para as pessoas que amo e perguntar se estou morrendo. Os ataques de pânico se tornaram uma parte diária da minha vida, alguns mais intensos do que outros. Sinto-me um fardo para aqueles ao meu redor, pois estou sempre me certificando de que não estou prestes a morrer. O trauma impactou-me de maneira que jamais imaginei, e ainda estou aprendendo a enfrentar minha ansiedade.

A escolha de Angela pelo desenho abstrato foi uma maneira de liberar sua mente de todos os transtornos. As linhas criam trajetos não convencionais em sua jornada e, segundo ela, um trabalho abstrato ainda pode contar uma história ou destacar sua personalidade. Angela afirma que as linhas a ajudam a lidar com o vazio em seu coração, evidenciando o turbilhão de pensamentos que a consomem. No entanto, essas linhas também apontam para um caminho de esperança. Ela adora quando as linhas se enroscam, criando uma teia de aranha hipnotizante. É como se estivesse assistindo a uma dança mágica e orgânica, onde cada movimento sugere uma transformação iminente. Essa curva fluida conta uma história de evolução constante, uma mutação em progresso. Não consigo conter minha animação ao observar essa metamorfose prestes a acontecer. Embora possua várias tatuagens, ela afirma nunca ter feito tatuagens figurativas, ela diz que “suas criações são inspiradas na estética mecânica das máquinas de xerox, explorando as distorções das imagens”.

Figura 14 - Angela usa a arte abstrata como uma forma de escape e expressões



Fonte: De autoria própria (2021)

Bernardo decidiu ressignificar sua cicatriz com a adição de um corvo. A escolha dessa figura se deve à sua conexão enigmática entre o mundo dos vivos e dos mortos. Ao optar pela representação desse pássaro, Bernardo se utiliza da flexibilidade simbólica para brincar com essas dualidades e conseqüentemente com sua identidade. Embora muitos associem o corvo à morte, solidão e má sorte, ele destaca aspectos positivos, tais como cura, sabedoria, fertilidade, proteção e esperança. Dessa forma, sua escolha lhe permite retomar o controle de

maneira criativa e perspicaz. "Enquanto estava em busca de um desenho para tatuar, "decidi pesquisar sobre o significado simbólico do corvo. Meus amigos acharam estranho eu considerar algo que é associado à morte". No entanto, "ao me aprofundar nas minhas pesquisas, descobri que, para os Ameríndios, o corvo era considerado uma entidade divina, representando proteção contra energias negativas. Além disso, na mitologia nórdica, os corvos eram os mensageiros de Odín, o deus supremo dos nórdicos". Diz gostar muito do escritor estadunidense Edgar Allan Poe, que se immortalizou através do poema *O Corvo*, se popularizando como um dos autores mais famosos do romantismo sombrio.

Figura 15- Bernardo escolhe tatuar um corvo em sua cicatriz.



Fonte: Instagram pessoal de Rodrigo (2021)

Os interlocutores demonstraram que quanto mais simbolismo presente em suas tatuagens, mais benéficas elas pareciam ser. Porém, as tatuagens que cobriam cicatrizes compartilhavam temas comuns, como símbolos de crescimento e empoderamento, que forneciam uma representação visual da transformação pessoal de cada indivíduo. Além disso, muitos escolheram símbolos de espiritualidade e fé, assim como símbolos que refletiam sua identidade atual, como forma de aprofundar ainda mais seu autoconhecimento. A escolha

cuidadosa desses desenhos mostra a importância que a tatuagem pode ter na vida de alguém, proporcionando uma forma única de expressão e autovalorização.

2.1.4 - O artista da tinta que eternizará sua história.

Durante a entrevista, surgiu a reflexão sobre a verdadeira natureza terapêutica da relação entre os tatuadores e as pessoas que passam por tentativas de suicídio. Além do procedimento em si, que envolve dor e contato direto, essa relação especial cria um espaço de diálogo imediato entre o tatuador e o tatuado, permitindo que as experiências relacionadas àquela tatuagem sejam compartilhadas. Quando essa relação é positiva, ela fortalece o significado simbólico da tatuagem e proporciona uma maior satisfação para ambas as partes envolvidas. É uma experiência íntima e confortante.

O relacionamento com os tatuadores é indispensável para garantir conforto e segurança, especialmente quando se trata de tatuagens com propósitos terapêuticos. Durante esse processo, um relacionamento é construído e uma conexão íntima é estabelecida entre os participantes e seus artistas. Essa ligação se revela crucial para proporcionar conforto durante o procedimento da tatuagem. Luana destacou a relevância de um tatuador comprometido no processo. Além da escolha da arte, “é fundamental sentir-se à vontade o suficiente com o artista para compartilhar as motivações por trás da tatuagem”. Para ela, isso é essencial para se sentir confortável durante o procedimento. Ter a compreensão de que o artista está desempenhando um papel ativo na cura, mesmo que seja apenas ouvindo o que o participante tem a dizer, possui um valor terapêutico para os sobreviventes.

Milena ressaltou a necessidade de estabelecer uma conexão com o tatuador para que o processo se torne verdadeiramente terapêutico. Segundo ela, a existência desse vínculo é crucial: "Após uma conversa com o tatuador e sentir que temos alguma conexão, acredito que o aspecto terapêutico se torna possível". Ela também enfatizou a importância da escuta atenta para criar laços: "O fato de ter alguém interessado em ouvir minha história me deixou confortável".

Por sua vez, Bernardo compartilhou que desenvolveu uma relação de amizade com seus tatuadores. Para ele, a conexão foi tão intensa que eles se tornaram amigos próximos: "minha relação com eles se tornou tão forte que agora são meus amigos. Eles frequentam minha casa e conhecem minha família". Ele se refere ao tatuador como um amigo genuíno: "É uma amizade que desejo manter por toda a minha vida. Ele participou de um momento muito

importante e quero que continue sendo parte de outros momentos no futuro. É alguém que aprendi a amar como um irmão".

Os indivíduos envolvidos na conversa frequentemente discutiam como a dor instantaneamente criava uma conexão íntima, na qual o diálogo fluía de forma natural, semelhante a uma experiência terapêutica. Seja a dor, a conexão emocional ou a "vibração" pessoal que provocavam essa intimidade, todos os envolvidos sentiam-se melhor ao conhecerem mais o tatuador. Além disso, se o cliente compartilhasse a motivação por trás da tatuagem, o tatuador poderia torná-la uma experiência ainda mais pessoal, resultando em uma maior satisfação por parte do cliente. Portanto, a necessidade de laços afetivos que garantam que a pessoa não está sozinha nessa jornada foi considerada de extrema importância pelos sobreviventes. “Minha tatuagem tem sido uma porta de entrada para interações surpreendentes com pessoas que compartilham experiências similares”, revela Angela.

Uma das grandes vantagens dessa forma de exposição é a possibilidade do indivíduo exercer controle sobre o quanto deseja se expor. Assim, ele pode superar sua vergonha, culpa ou insegurança em seus próprios termos. Embora os símbolos gráficos carreguem um significado poderoso, é difícil compreender toda uma narrativa subjetiva apenas olhando para uma tatuagem. A interação com os sobreviventes proporciona uma perspectiva esclarecedora em relação às tatuagens. Essas marcas na pele têm o poder de instigar diálogos profundos entre pessoas que possuem experiências muito diferentes, oferecendo um alívio em meio à incerteza e estabelecendo um ponto de união que fortalece o entendimento mútuo.

2.2 - RISCANDO IDENTIDADES

De acordo com Castells (1999, p.22), as identidades são um processo de construção de significado que se apoiam em um atributo cultural, ou ainda “[...] um conjunto de características culturais inter-relacionadas, o(s) qual(ais) predominam sobre outras fontes de significado”. As identidades são moldadas pela cultura ao dar significado à experiência, e possibilitam escolher um modo específico de subjetividade (LARAIA, 2005; WOODWARD, 2014). As identidades podem ser vistas como um conjunto de características que definem a maneira como os indivíduos se apresentam, fornecendo também um conjunto de códigos pelos quais esses mesmos indivíduos se identificam e se deixam identificar. Assim, por meio desse enfoque, as identidades poderiam se definir “[...] tanto no intercâmbio entre as crenças e construções simbólicas quanto na dinâmica das trocas.” (FLORES, 2011, p. 23).

Expor e discutir as tatuagens que carregam é uma forma de reafirmar sua identidade, definindo-a para si e para os outros, mostrando que sua base está enraizada em um estilo de vida particular. Como mencionei no primeiro capítulo, o desenvolvimento da minha identidade foi profundamente influenciado pelas bandas de rock que eu era fã e pelo modo de vida dos seus membros. Essa influência desempenhou um papel importante na escolha das tatuagens que escolhi carregar no meu corpo.

A arte da tatuagem proporciona uma forma única de expressão, permitindo que uma imagem transmita um poderoso discurso visual por meio de linhas, cores e temas cuidadosamente escolhidos. Essas obras de arte na pele não apenas destacam características observáveis por outras pessoas, mas também expressam as peculiaridades, qualidades e traços individuais que tornam cada pessoa única. As tatuagens podem contar histórias incríveis de superação, representando batalhas pessoais contra adversidades que moldaram o caminho de alguém.

Angela, por exemplo, possui tatuagens que simbolizam sua luta corajosa contra vícios, depressão e baixa autoestima. Cada traço da tinta em sua pele é um lembrete constante de como ela enfrentou esses estados emocionais e suas consequências. Embora tenha enfrentado momentos difíceis que a fizeram questionar sua força, encontrou alívio na possibilidade de eternizar suas lutas em obras de arte na pele. É um testemunho visual de sua jornada. Ela escolheu olhar para frente e deixar que as marcas do passado sirvam como lembretes sutis de seu crescimento pessoal. Foi sua maneira de transformar suas lutas e experiências em símbolos de poder e superação.

Descobri o verdadeiro sentido da minha existência e a cura para as dores da minha alma através das narrativas gravadas na minha pele. As tatuagens são o lembrete constante de que o caminho à minha frente está à espera para ser desbravado, independente dos desafios que possam surgir. Elas transcendem a superfície da minha pele, tornando-se símbolos audaciosos de coragem, perseverança e autocompaixão.

Segundo Hall (2001), as identidades modernas passam por constantes fragmentações, separações e deslocamentos. Isso significa que a forma como nos vemos e nos apresentamos ao mundo está sempre em transformação. A identidade de alguém que sobrevive a uma tentativa de suicídio transcende as expectativas comuns e abrange uma complexidade muito mais profunda. Não estamos apenas falando da identidade pessoal propriamente dita, mas também de outros aspectos que estão intrinsecamente envolvidos. Como argumentado por Maxwell (2017), é crucial que essa identidade esteja enraizada na própria pessoa, e não no evento traumático ou no agressor. Ela deve ser capaz de integrar quem a pessoa era antes,

durante e depois do trauma, resultando em uma identidade única e indivisível. É aqui que a tatuagem se apresenta como uma opção valiosa para muitas vítimas, pois oferece a possibilidade de reconstruir uma nova identidade.

Segundo Milena, há cerca de dois anos ela estava em um lugar muito sombrio. Ela se sentia perdida, desconectada de quem realmente era. A automutilação era uma constante em sua vida, e ela não conseguia entender o que estava errado com ela. No final de 2020, tudo o que ela queria era acabar com a dor. Ela achava que se sentir bem estava fora de seu alcance, e a esperança tinha desaparecido completamente. Mas após fazer uma tatuagem, algo mudou. Para Milena, ter uma tatuagem foi um marco importante em sua jornada. Sentiu que tinha progredido, que estava mais confiante em si mesma, ou melhor, em um estado menos problemático do que antes.

Luana revelou que fazer uma tatuagem foi uma experiência genuinamente transcendental, declarando: "ao cobrir a cicatriz que eu mesma infligi, senti uma libertação das sombras que me acompanharam desde a adolescência. Foi um divisor de águas para mim aceitar que sou duas pessoas diferentes. Para mim, a tatuagem é uma forma de expressar minha identidade". Os últimos três anos da sua vida foram extremamente desafiadores, para não dizer desoladores. Em um determinado momento, se retrai e se negou a sentir mais, porque deixar todo o peso a consumir parecia esmagador demais. Então, acabou se tornando uma pessoa anestesiada. "No começo, sobreviver dessa maneira pode ter sido útil, mas ao longo dos anos, tornou-se mais do que apenas uma maneira de passar os dias. A anestesia se tornou uma parte intrínseca de quem eu sou". Isso prejudicou seus relacionamentos e reduziu todas as interações a um nível superficial. "Eu nunca fui alguém que valorizasse seus próprios sentimentos, e esse período da minha vida apenas aprofundou ainda mais a falta de conexão comigo mesma. Nunca consegui desfrutar dos momentos de silêncio, porque nunca eram verdadeiramente silenciosos". Ela podia ouvir seu eu interior gritando, aprisionado lá dentro. Parecia que nada poderia romper a casca que ela havia construído em volta de si mesma. Foram noites incontáveis compartilhando com seus amigos o que realmente estava acontecendo. Foram anos de terapia. "Procurei estar cercada de minha família sempre que possível. Tive que me abrir intencionalmente, mesmo com o medo persistente e profundo que assombrava meus pensamentos". Ao valorizar seus sentimentos e compartilhá-los, começou a considerá-los válidos. Foi um processo longo, mas finalmente começou a sentir novamente. Grande parte disso foi dolorosa, mas também houve esperança. "Recentemente, tive momentos em que, ao respirar fundo, não senti mais como se agulhas estivessem bloqueando a expansão dos meus pulmões". É uma batalha árdua, mas agora Luana tem certeza de que há

uma luz no fim do túnel. E, com certeza, “a tatuagem encontrou um lugar especial nessa jornada em busca da esperança”.

Bernardo compartilhou uma visão impactante sobre como a tatuagem foi fundamental na reconstrução de sua identidade: "a tatuagem ajudou a superar minha covardia e enfrentar a imensidão da minha dor. Agora consigo perceber que minha vontade de viver aumentou drasticamente." Ao ser questionado sobre os benefícios de transformar uma cicatriz através de tatuagem, Bernardo simplificou a resposta: "é crucial reconhecer a capacidade de ter uma identidade própria, independente do trauma... Não é uma cicatriz que me define." Ele descreveu a perda de identidade que os sobreviventes podem enfrentar e como a arte do corpo pode mudar essa perspectiva. Ao indagá-lo sobre a importância da identidade para sobreviventes de tentativas de suicídio, ele respondeu: "Sim, eu acredito que seja vital, especialmente a identidade e outras coisas, pois em situações como essa, você acaba se tornando apenas mais uma estatística." Ele também relacionou essa nova identidade à cura, enfatizando: "Acredito que recuperei minha identidade, minha confiança e meu controle da situação. Isso é extremamente crucial para se curar do trauma causado por uma tentativa de suicídio."

O controle desempenha um papel vital na construção da identidade dos sobreviventes, moldada através das experiências traumáticas que enfrentaram. Ao abraçar essa nova identidade, eles descobrem força, crescimento pessoal e autenticidade. A tatuagem se torna uma forma poderosa de expressar essa identidade de forma intencional, permitindo que eles se orgulhem de sua beleza e confiança renovada. Em sua busca por plena saúde emocional, eles se aventuram em desafios físicos, sempre em busca de significado em meio às tragédias. Acreditam firmemente que a cura só pode ser alcançada por meio de estímulos visuais e táteis combinados.

2.3 - TALISMÃ E DECORAÇÃO

Em suas falas, é possível notar dois aspectos importantes que merecem destaque. O primeiro diz respeito a uma função bastante interessante da tatuagem, que é o seu papel como um amuleto ou talismã. Para muitas pessoas, ter uma tatuagem na pele representa uma certa proteção, como pudemos observar com Milena e Bernardo. No contexto terapêutico, a tatuagem pode ser encarada de forma simbólica, como uma maneira de evitar futuros traumas, interromper ciclos destrutivos e neutralizar o poder do trauma passado sobre o indivíduo. Isso implica que, em algum nível, é a presença do símbolo em si que exerce um poder sobre o

indivíduo, mais do que a transmissão de uma mensagem. A tatuagem se torna uma metáfora para superar desafios. Mesmo que seja apenas uma aparência, um recurso de representação externa, nesse caso ela tem a capacidade de sustentar o "eu". Mesmo em um contexto totalmente ocidental, a conversa sobre tatuagens pode ser conduzida com respeito e reverência, quase como um ritual religioso. Essa perspectiva é claramente demonstrada nas entrevistas documentadas por Oksanen e Turtiainen (2005).

Milena decidiu ressignificar sua cicatriz com o desenho do olho de sua mãe, conectando ao místico Olho de Horus, um símbolo egípcio antigo que apresenta um olho estilizado e duas pernas, sendo a contraparte do olho de Isis. Segundo as lendas da mitologia egípcia, o deus Hórus teria perdido um de seus olhos em uma batalha. Assim, o Olho de Hórus concederia o poder da visão ampliada, também conhecida como intuição. Dessa forma, o olho de sua mãe alertaria quando algum inimigo estivesse planejando prejudicá-la ou quando falsos amigos estivessem prestes a traí-la. “Ao olhar para a tatuagem, sinto a presença dela, como se estivesse me olhando”. Ela conta que já deixou de cometer algumas atitudes apenas por olhar para a tatuagem e sentir que sua mãe estava ali, presente, dizendo-lhe para não prosseguir. Bernardo afirma que o corvo é a representação da ausência do “Grande Mistério”. Na contramão das conotações negativas associadas ao corvo na maioria das culturas ocidentais, antigas mitologias enxergavam essa ave como uma guardiã secreta, portadora de regeneração e portadora de mensagens auspiciosas (BRANDÃO,2000; VICENTINO, 2019; LANGER, 2018). Bernardo vê o animal como um ser divino e cheio de sabedoria, “é meu amuleto de proteção”. Angela relata que sinuosas linhas entrelaçadas narram sagas de existência, desempenhando para ela o papel de um amuleto protetor. “Cada trilha representada simboliza os caminhos já percorridos, transformando-se em testemunhas de minha jornada”.

O segundo ponto a ser considerado diz respeito às narrativas dos meus interlocutores, as quais parecem minimizar o valor estético/decorativo das tatuagens. No entanto, ao analisarmos o impacto dessas tatuagens no contexto de um trauma, torna-se inegável o poder que elas possuem para restaurar a autoestima do indivíduo tatuado. É como se essas marcantes imagens na pele se transformassem em símbolos de força e superação, transcendendo seu simples status de enfeite. Rancière (2009, p. 50) aponta “a lógica estética como um modo de visibilidade que, (...) revoga o modelo oratório da palavra em proveito da leitura dos signos sobre os corpos das coisas, dos homens e das sociedades”. Em diversas circunstâncias, a decisão de qual imagem tatuar tem como base unicamente a busca por beleza estética, a preferência individual e a impressionante visualização que a marca proporciona. Quando a

pessoa se depara com uma tatuagem sem ter refletido muito sobre sua escolha, é como se um chamado misterioso surgisse posteriormente, despertando sua curiosidade e interesse pela marca. No decorrer desse processo “se produz uma forma de revelação ao sujeito: a de encontro de sentido, de vínculos que vêm à superfície, de associações que permitem identificar facetas de si mesmo, da relevância e do lugar que tal experiência tem em sua vida” (PÉREZ, 2006, p. 199).

Para os meus interlocutores, as tatuagens terapêuticas não apenas possuem o poder de reconstruir o que foi perdido, valorizar a cobertura de cicatrizes e celebrar seus corpos, mas também podem se tornar belas marcas decorativas que carregam significados profundos. Eles se aventuraram em uma jornada fascinante, descobrindo os poderes ocultos das tatuagens ao resgatarem o próprio ego ferido. A estética, em si, não era de grande preocupação para eles, mas quando desvendaram as possibilidades da arte corporal, uma chama intensa foi incendiada em suas almas. Foi uma revelação transformadora, capaz de elevar sua angústia a um patamar sublime e glorioso. Compartilharam experiências que transcendiam a mera beleza física, penetrando nas profundezas de suas essências. No entanto, foram nas habilidades artísticas das tatuagens que encontraram a oportunidade única de transmutar suas cicatrizes em algo verdadeiramente magnífico. Afinal, a arte transforma e a tinta na pele os liberta.

2.4 - ACEITEMOS A DOR DE BRAÇOS ABERTOS

Durante minha pesquisa, pude perceber a importância crucial de ouvir as histórias, dores e frustrações das pessoas. Mas o que verdadeiramente me impressionou foi como a esperança se manifesta, mesmo no meio de tanta tristeza. De acordo com Forsey (2010), a prática da escuta participativa desempenha um papel essencial na reflexão antropológica. Não devemos subestimar o poder transformador das narrativas na vida daqueles que enfrentam sofrimentos. Entre as diversas formas de consolo, a narrativa desempenha um papel fundamental ao conceder à pessoa a oportunidade de encontrar novas interpretações e trilhar novos caminhos. Seja revisitando o passado ou orientando-se para o futuro, ela oferece momentos de alívio e superação. Ao prestar atenção cuidadosa a essas palavras, pude constatar o poder terapêutico que elas conferem no momento em que são compartilhadas com tatuadores, estabelecendo assim uma teia de conexão entre eles.

Angela se abriu e compartilhou a árdua batalha que travou em sua jornada, uma verdadeira prova de sua força e paciência. No entanto, ela finalmente encontrou um imenso alívio ao compartilhar sua história com alguém que, genuinamente, ansiava por ouvi-la. Ao

expressar profunda gratidão em relação aos tatuadores que cruzaram seu caminho, ela afirmou: "Tentar transmitir a intensidade da gratidão que sinto ao encontrar pessoas empáticas é um imenso desafio, uma missão que exige habilidades excepcionais. Esses tatuadores possuem o dom de dar voz exatamente ao que minha alma ansiava por ouvir. Acredito firmemente no poder transformador das palavras, afinal, foi por meio delas que encontrei a cura que tanto buscava, várias e várias vezes".

A jornada de Milena ao compartilhar sua dor foi como um suspiro libertador para sua alma. Ao dividir sua história, ela presenciou a agonia que consumia sua mãe ao sufocar suas próprias dores, entregando-se a um tormento interminável. Uma reflexão sobre o poder destrutivo do silêncio em nosso mundo emocional. Entrelaçadas em lágrimas e suspiros, as palavras de Milena ecoavam no vazio, trazendo consigo um senso de dor que envolvia as almas daqueles que a ouviram. O peso das histórias não ditas por sua pairava no ar, pesando sobre os ombros de todos os presentes. A jornada de Milena se tornava um fio condutor para a urgência de expressar os terremotos emocionais que nos assombram. Enquanto cada palavra encontrava seu caminho para fora de seu peito, Milena percebia o alívio e a liberação que o ato de compartilhar podia oferecer. Ela vislumbrava um mundo onde o silêncio não mais abarcaria a dor, onde o grito interior encontraria sua voz e o caos emocional naufragaria em tempestades de revelações. A dor de sua mãe servia como um espelho para todas as almas que preferiram afogar sua angústia, tentando assim evitar a tempestade de emoções que se formava dentro de si mesmos. Um alerta sombrio sobre o perigo da supressão de nossa verdade emocional, sobre os danos causados pelas paredes construídas por silêncios dolorosos.

Certa vez, me deparei com um texto revelador sobre o poder devastador do silêncio em nossas vidas emocionais. Essas palavras ecoam incessantemente em minha mente desde então. O silêncio permeou as paredes de meu lar por décadas intermináveis. Minha mãe partiu deste mundo sem pronunciar uma única palavra sobre a partida de nosso irmão. No entanto, quando finalmente tive coragem de quebrar o eco silencioso, uma sensação avassaladora de liberdade tomou conta de minha essência. Um fardo gigantesco foi retirado de meus ombros. Descobri pessoas extraordinárias que se fizeram essenciais em minha vida, almas que me proporcionam segurança e um espaço sagrado para desabafar, indivíduos verdadeiramente habilidosos na arte de ouvir. Essa experiência remodelou completamente minha caminhada. Agora, como mãe, anseio por estabelecer com meu filho um vínculo pautado na abertura e confiança, onde ele se sinta à vontade para confidenciar absolutamente tudo a mim e eu estarei sempre pronta para acolhê-lo com um amor incondicional e compreensão profunda.

Para Luana, compartilhar seus sentimentos, não foi um caminho fácil de percorrer. Uma fortaleza emocional ergueu-se ao seu redor, transformando-se em um cobertor protetor para suas emoções mais profundas e intensas. Poucos são os amigos corajosos o suficiente

para enfrentar a aparentemente intransponível muralha que envolve sua alma. Somente os amigos mais íntimos são dignos de adentrar nesse mundo secreto. Entretanto, ao sentir-se segura no projeto, relata:

Ao longo da vida, tive a fortuna de encontrar alguns amigos verdadeiros que estiveram ao meu lado em todos os momentos, oferecendo-me apoio incondicional. Quando decidi me mudar para Curitiba, percebi que era a oportunidade de abrir as portas para algumas pessoas escolhidas a dedo. No entanto, como em toda multidão, sempre existem aqueles indivíduos desrespeitosos que estão prontos para proferir palavras venenosas e diminuir o valor de minhas emoções. Contudo, meus verdadeiros amigos nunca me viraram as costas. Eles preferem apenas ouvir-me, sem julgamentos ou críticas. E é isso que realmente importa. Compartilhar nossos fardos com pessoas de confiança nos traz um sentimento de liberdade, mesmo que seja permeado por toda a dramaticidade que acompanha nossas histórias.

Ao escutarmos atentamente as histórias dos sobreviventes, somos capazes de entender a perspectiva subjetiva de como eles estão reinventando suas trajetórias. Seguindo a visão de Becker (2009), devemos encarar esses relatos como uma forma de acessar diferentes realidades culturais. Ao ouvirmos, validamos a experiência humana e permitimos que os sobreviventes liberem emoções suprimidas e as reconstruam, levando a um comportamento mais resiliente. Esses relatos não são apenas narrativas da vivência, eles promovem conexão e organização do comportamento, relacionando o tempo e espaço essenciais e destacando a diversidade de acontecimentos e relações entre as pessoas.

Ao serem indagados sobre como lidam com desafios emocionais e como o projeto os ajudou nessa jornada, eles afirmam que a convivência estabeleceu laços mais fortes. Essa conexão profunda e duradoura se revela como um testemunho do poder transformador do projeto. Há uma percepção nítida de que as dificuldades compartilhadas os uniram ainda mais, proporcionando um suporte mútuo valioso durante momentos dolorosos. É evidente que, ao atravessarem essas adversidades juntos, eles encontraram uma força e resiliência que são características intrínsecas de uma verdadeira parceria. Como resultado, eles se sentem mais capacitados para enfrentar futuros desafios, com a certeza de que, independentemente do que a vida lhes reserve, terão um apoio incondicional. A intensa conexão que eles desenvolvem é uma prova de que, quando confrontados com desafios, é viável encontrar uma rede sólida e valiosa de apoio, assim como ocorre no estúdio Fractta. Para ampliar a força desse discurso, compartilharei os depoimentos completo de Angela e Milena, registrado durante um dos nossos encontros, em sua totalidade:

A convivência, um elo que nos une e nos transforma. A convivência é o fio que nos une, formando um nó resistente e duradouro. Nesse emaranhado de vivências, encontramos companheiros de jornada, criando laços que transcendem o tempo e o espaço. Somos seres sociais por essência, em busca de conexões que alimentam

nossa alma. A convivência é o combustível que nos impulsiona a seguir adiante, a compartilhar momentos, risos e lágrimas. É nesse contato com o outro que nos descobrimos e aprendemos, expandindo nossos horizontes. A cada encontro, somos desafiados a nos adaptar, a compreender e aceitar as diferenças. A convivência nos torna flexíveis e nos ensina a respeitar o espaço e o tempo do outro. É através do diálogo e da empatia que superamos obstáculos e construímos pontes para uma convivência harmoniosa. Mas a convivência também pode ser um nó apertado, que sufoca e limita. É preciso habilidade para desatar os nós que nos prendem, para podermos seguir nossa própria trajetória. (Angela)

O relato de Milena enfatiza a poderosa força da dor como um catalisador para a conexão humana, capaz de unir indivíduos, facilitar o compartilhamento de experiências e oferecer conforto mútuo:

Aprender a conviver é um processo constante de autoconhecimento e de compreensão do mundo ao nosso redor. A convivência nos desafia a enxergar além das aparências, a olhar para dentro de nós mesmos e encontrar respostas. É um convite para a descoberta, para a ampliação de horizontes e para a construção de laços verdadeiros. Sejamos, pois, nós, os nós que tecem a convivência com leveza e sabedoria. Que possamos desembaraçar os nós que nos prendem e construir uma convivência baseada na compreensão mútua, na aceitação e no amor. Que cada encontro seja uma oportunidade de aprendizado e crescimento, onde possamos nos tornar melhores seres humanos. A convivência é o maior presente que podemos nos dar, é a chave para uma vida plena e feliz. Então, vamos juntos desvendar os nós da convivência, transformando-os em laços que nos unem e fortalecem. Vamos tecer uma teia de encontros e descobertas, deixando nossa marca no mundo e fazendo a diferença na vida daqueles que cruzarem nosso caminho. Que a convivência seja sinônimo de união, de respeito e de dignidade. Que possamos construir um mundo melhor, onde cada nó seja um elo de amor e compreensão. Vamos viver de forma autêntica e plena, honrando a convivência como um dos pilares fundamentais da nossa existência. Chegou a hora de sermos nós mesmos, numa convivência livre de amarras. Vamos desatar nossos próprios nós e abraçar a vida com coragem e determinação. A convivência é a dança da existência, e nós somos seus protagonistas.

Bernardo desabafa sobre como abrir seu coração para os tatuadores e seus colegas sobreviventes do projeto o fez enxergar uma nova perspectiva: “a tristeza não precisa ser em vão. A vida é viver, amar, aprender, crescer. E sem os pontos baixos de dor e tristeza, é impossível experimentar os pontos altos de entusiasmo e felicidade. Toda a vida é um equilíbrio”. Para ele, buscar ajuda quando mais precisa é a maneira mais fácil de aprender e crescer a partir de qualquer situação que o esteja puxando para baixo, mantendo-o acordado à noite. É por isso que acredita que o trabalho de terapia através da tatuagem que o estúdio oferece é uma ferramenta essencial para uma vida plena. É também por isso que “toda vez que estou passando por momentos difíceis ou confusos em minha vida, a primeira coisa que faço é procurar ajuda. Gostaria que não houvesse um estigma tão negativo em relação à terapia, porque ela realmente fez coisas incríveis por mim e por muitas pessoas próximas a mim”.

Para meus interlocutores, buscar apoio e compartilhar seus desafios nos momentos mais difíceis é como descobrir um ponto de descanso no meio do deserto. É a chave para

aprender e crescer diante das adversidades que ameaçam nossa paz, proporcionando noites de sono tranquilas. Eles veem o trabalho terapêutico oferecido pelo projeto Fractta como uma ferramenta indispensável para alcançar uma vida plena. "Sempre que me deparo com situações complexas ou confusas, minha primeira atitude é buscar ajuda. É triste que a terapia através de tatuagens ainda seja vista de forma tão negativa, porque ela realmente teve um impacto extraordinário em minha vida e na vida de muitas pessoas ao meu redor" (Bernardo).

Podemos analisar suas palavras seguindo o viés do pertencimento, o qual Erickson (1987) define como a participação do indivíduo em organizações formais e informais, onde ele se sente parte de um grupo reconhecido mutuamente pelos seus membros. Já Sarmiento (2002) explora que o pertencimento é construído por meio de relações comunitárias, referências, valores, normas de comportamento e distribuição de poder, intrínsecos à pertença a uma comunidade (p. 276).

A percepção do sentimento de pertencimento revela-se por meio de dois fatores primordiais em suas *narrativas da tatuagem*: o local e as pessoas envolvidas. A experiência de fazer parte de algo começa ao estabelecer conexões fundamentadas na construção de uma história com um local específico. É ao se familiarizar com o entorno e com as rotinas diárias que o sentimento de pertencimento floresce. Além disso, a presença humana desempenha um papel fundamental nessa sensação, pois é por meio das interações estabelecidas nos lugares em que habitamos que somos capazes de cultivar laços profundos.

CAPÍTULO 3 - TATUA(DORES) - RECONSTRUINDO REFLEXOS DE SI

No capítulo anterior, pudemos compreender como as narrativas emocionantes dos sobreviventes nos revelaram o poder terapêutico da tatuagem, ajudando-os a reconstruir suas emoções e lidar com os traumas. No entanto, percebemos que ouvir apenas os sobreviventes não era suficiente. Era necessário ir além e explorar a perspectiva dos tatuadores para enriquecer nossa pesquisa. Ao analisar o uso da tatuagem como prática terapêutica, identifiquei algumas ambiguidades nos relatos dos tatuadores durante o processo de pesquisa. Inicialmente, constatei uma certa semelhança nas narrativas em relação aos objetivos e propósitos do trabalho realizado entre eles. No entanto, as palavras de Loic Wacquant (2002) nos alertam sobre a superficialidade das observações. Dessa forma, decidimos investigar se há um consenso entre os tatuadores do projeto em relação à forma atual de utilização da tatuagem como terapia. Para isso, adotaremos uma abordagem profissional, buscando

compreender a dinâmica e o funcionamento dessa prática terapêutica através da perspectiva dos especialistas.

3.1- A CONVIVÊNCIA, UM SÓ COMO UM NÓ/NÓS.

O escritor curitibano, Paulo Leminski, sabiamente observou que, embora nossa cidade não tenha um mar para chamar de nosso, temos bares o suficiente para nos sentirmos em casa. Essa peculiaridade da capital paranaense permite uma proximidade mais íntima com meus interlocutores. Com o intuito de desafiá-los e incentivá-los a explorar novas abordagens, decidi marcar alguns encontros com os tatuadores fora do ambiente do estúdio. Queria que suas respostas fossem livres de influências do ambiente de trabalho, incentivando-os a sair da zona de conforto. No entanto, observei que, após essas interações, suas narrativas passaram a mostrar tensões e conflitos. A dinâmica de interagir com os tatuadores em outros lugares é crucial para a metodologia dessa pesquisa. É importante ressaltar que, ao dialogar com eles fora de seus estúdios, não estou ignorando as etapas que envolvem uma sessão de tatuagem, desde o planejamento até a pós-prática. Essas etapas serão relevantes em momentos posteriores. Estou apenas destacando que as respostas obtidas podem apresentar divergências em relação às obtidas nos locais de trabalho.

Rodrigo foi minha escolha estratégica. Conheço-o há bastante tempo e nossa conexão é instantânea, permitindo-nos compartilhar experiências de forma aberta. Essa sintonia facilitou nossa conversa e colaborou para uma fluência natural. Segundo Biehl (2008), ao acompanhar a trajetória de uma pessoa específica, podemos compreender melhor as infraestruturas cotidianas que moldam algumas vidas e impedem outras. É importante ressaltar que nossas discussões serão a base para minhas interações com os demais tatuadores do projeto.

Durante nossos encontros, debatemos amplamente sobre a tatuagem como forma de terapia. Embora não seja uma ideia nova, considerar o artista como mediador do processo terapêutico tem se tornado cada vez mais comum, com a ascensão de técnicas como a arteterapia⁴⁷. Nesse processo, o terapeuta-artista atua como facilitador, auxiliando os indivíduos a explorarem seus sentimentos, superarem conflitos emocionais, dificuldades de

⁴⁷ Como explicado por Philippini (2004), a arteterapia é um dispositivo terapêutico que reúne conhecimentos de várias áreas do conhecimento, sendo uma prática transdisciplinar que visa resgatar a integralidade do ser humano através do autoconhecimento e transformação.

relacionamento e recuperarem a autoestima, tudo por meio de expressões criativas. Conforme destacado por Ciornai (2004), a longo dos anos, a arte tem sido amplamente empregada como uma ferramenta terapêutica eficaz. Desde os tempos mais remotos, os seres humanos já desenhavam seus medos e buscavam representações e organizações do mundo em que viviam nas paredes de cavernas, além de utilizar dança, música, tatuagens e outras formas de expressão em seus rituais, invocando as forças da natureza. Portanto, proponho o termo *tattooterapia* para destacar a prática do uso da tatuagem como forma de terapia. É uma forma profissional e inovadora de entender como a tatuagem pode desempenhar um papel importante na busca pelo bem-estar e autocuidado.

Nos nossos encontros, o tatuador destacou a importância da tatuagem como um processo artístico que ajuda o sujeito a lidar com o trauma. Rodrigo explicou que vê “a arte no geral como um processo terapêutico extremamente necessário para si mesmo e para os outros. Observando a resposta do tatuador podemos analisar sob duas perspectivas diferentes. O primeiro surge a partir de sua experiência subjetiva. Rodrigo destaca que a *tattooterapia* é uma maneira de se conectar consigo mesmo, enfrentar medos, superar limites e descobrir novos caminhos em sua trajetória pessoal e profissional. O segundo ponto aborda a relação com o outro. A conexão é estabelecida por meio do trabalho com enfoque terapêutico, não somente pela atividade em si, mas como uma missão. O tatuador acredita que o vínculo é essencial para que seu trabalho se expanda em novas dimensões, um exemplo disso é passar por um processo sensorial no qual os sentimentos de ambos estão imbricados. Segundo ele, ao se “colocar no ponto de vista da pessoa que está recebendo o trabalho, é possível sentir a perspectiva dela”. Ele frisa a relevância de se ver refletido no outro para se conhecer melhor.

Ele recorre à metáfora⁴⁸ do espelho para explicar essas concepções: “quando me deparo com a dor do outro, percebo-me nesse lugar de transformação, como se estivesse diante de um espelho. Às vezes esse espelho está estilhaçado, e de alguma forma precisamos restaurar as partes”. O reflexo do espelho convoca a ideia de sujeito, com seus traços, linhas, gestos e expressões. Ainda estilhaçada, a imagem que é refletida é aquilo que acontece agora, o que está neste instante diante dele. O reflexo no espelho pode levar à descoberta de uma nova perspectiva de si mesmo. Espelhos revisitam tanto o passado quanto o presente. Em suas palavras: “eu me entrego a mim mesmo, ao outro, a mim mesmo, ao outro, até que tudo se

⁴⁸ De acordo com Ricoeur (1984), a narrativa pode ser interpretada como uma metáfora perspicaz. Na retórica, a metáfora age como uma figura de linguagem que transforma o significado de uma palavra utilizando uma substituição engenhosa. É crucial ressaltar que ela não deve ser subestimada como um simples adereço, mas sim vista como uma ferramenta essencial na disciplina antropológica, pois potencializa a expressão, interpretação e comunicação do significado de experiências enriquecedoras.

torna eu, e tudo se torna o outro. Somos, todos, no encontro que se faz, nossas próprias aparições e desapareções. Apareço e desapareço no outro, e ele em mim”. A fala de Rodrigo nos lembra do texto de Michel Leiris (1982, p. 74), sobre a função do artista como “construtores de espelhos”:

Se o problema essencial a que se esforçam por responder todas as religiões é a neutralização dos males e principalmente da morte, o problema que se devem propor os construtores de espelhos - isto é, aqueles que se tornam, pela criação estética ou por qualquer outro meio, artesãos lúcidos de nossas revelações - consistiria antes na assimilação desses males, pouco importando que nos arruinemos ou corrompamos, contanto que seja infimamente operada sua transmutação mítica em fermentos de exaltação [...] Incorporar a morte à vida, torná-la de certa maneira voluptuosa, tal deve ser a atividade desses construtores de espelhos, quero dizer: de todos aqueles que têm por propósito mais urgente agenciar alguns desses fatos que podemos tomar por lugares onde o homem tangencia o mundo e a si mesmo, que, portanto nos alçam ao nível de uma plenitude portadora de sua própria tortura e de sua própria derrisão.

As palavras de Rodrigo revelam uma perspectiva, na qual o artista não se contenta apenas em criar espelhos, como bem apontado por Leiris (1982), mas também os reconstrói com maestria. Essa abordagem nos permite explorar uma nova interpretação sobre as obras terapêuticas, utilizando a metáfora do espelho fragmentado. Dessa forma, podemos enxergar o trabalho terapêutico como um processo de reconstrução, em que o artista utiliza suas habilidades para reinventar a realidade, ampliando nossas percepções e sentimentos. Através dessa nova lente, os trabalhos adquirem uma profundidade e complexidade ainda maior, refletindo as nuances e os desafios da nossa jornada emocional. Essa visão nos convida a contemplar a terapia como um verdadeiro ato de reconstrução, em que o artista transforma não apenas nossas angústias e traumas, mas também nossos sonhos e esperanças, em poesia visual. É uma abordagem que nos convida a repensar o papel do artista e sua influência benéfica no processo de cura. Com a maestria de um verdadeiro mago das formas e cores, o artista do espelho fragmentado nos instiga a olhar para nós mesmos de maneira profunda e corajosa, utilizando sua arte como um instrumento de transformação e libertação. Seu domínio da técnica e sua visão única nos convidam a mergulhar em um mundo de possibilidades, em que as fronteiras entre realidade e fantasia se esvaem, permitindo-nos explorar todos os cantos escuros e luminosos de nossa essência. Portanto, ao adentrarmos nesse universo terapêutico, guiados pela visão resiliente de Rodrigo, somos levados a compreender que, assim como os espelhos, nós também podemos ser reconstruídos. Ao enxergar através das rachaduras e fragmentos de nossa própria imagem, descobrimos a beleza e a força que se escondem em nossas imperfeições. E, com a orientação do artista, somos

capazes de criar uma nova narrativa, uma história de superação e resiliência, que nos fortalece e nos conecta com nossa verdadeira essência.

Diante de um projeto que se afasta dos tradicionais limites terapêuticos, sou hábil em estabelecer uma conexão entre ele e a construção de um espelho. Mas quando falamos de tatuagens desse mesmo projeto, essa analogia se dissipa, como se o espelho estivesse quebrado em fragmentos. Surge então um delicado trabalho de reunir cuidadosamente cada parte, uma de cada vez, com uma paciência meticulosa, para reconstruir esse espelho que representa tanto o outro como a mim mesmo, simultaneamente.

Durante minha conversa com os outros dois tatuadores do projeto, Douglas e Alexandre, pude notar que compartilham da mesma visão de Rodrigo. Através de conversas individuais com ambos, percebi que, embora não tenham mencionado a metáfora do espelho, a palavra "propósito" ressoa em sua essência. Para eles, a tatuagem terapêutica se sobressai em meio às demais, transcendendo fronteiras. Alexandre declara que essas tatuagens terapêuticas possuem um caráter singular, "enquanto algumas erguem, outras têm a corajosa missão de reconstruir". Em certo momento, o tatuador chega a fazer uma associação entre a tatuagem terapêutica e a fragmentação da alma.

A essência do que somos se espalha em fragmentos perdidos, como peças de um quebra-cabeça. A cada pedaço arrancado da alma, nos desfiguramos, transformando-nos em sombras distorcidas de quem já fomos. Carregamos o peso dessa fragmentação como uma corrente, arrastando-nos para um abismo melancólico, onde nos perdemos nas memórias do passado distante. Mas talvez seja nessa escuridão solitária que encontra-se a oportunidade de reinvenção. São nas rachaduras e fissuras que surgem as possibilidades de construção. Uma alma quebrada transforma-se em algo mais fortalecido e resiliente. Como um mosaico intrincado, nossos fragmentos ganham vida e formam novas experiências, um renascimento de esperança. Pois, ao final, é nessa busca por nós mesmos que encontramos as peças perdidas, reconstruindo e revelando nossa verdadeira natureza humana. Apesar da dor, a fragmentação da alma é uma chance de autodescoberta e crescimento. Não devemos temer nossas cicatrizes, mas sim honrá-las como marcas de uma batalha interior intensa. É através desse constante combate para reunir nossos fragmentos que encontramos a verdadeira força da alma em sua totalidade.

As palavras que escapam dos lábios de Douglas reverberam com uma força devastadora:

As tatuagens terapêuticas são uma força incontrolável da natureza. Não tem como não se sentir inspirado ao testemunhar a resiliência dessas pessoas, lutando para restaurar tudo o que o destino lhes tirou. No entanto, talvez seja nas sombras solitárias que elas encontram uma oportunidade de renascer. É quando estamos completamente dilacerados e vulneráveis que surge um espaço para a reconstrução".

Na compreensão dos tatuadores entrevistados, podemos identificar duas categorias distintas: a "construção" e a "reconstrução". Enquanto o primeiro se refere às tatuagens

comuns, feitas no dia a dia, sem qualquer finalidade terapêutica, o segundo está diretamente ligado àqueles que desejam encobrir as marcas de tentativas de suicídio. Antes de aprofundarmos nossa investigação nessas categorias, é fundamental ressaltar como a visão única que cada tatuador possui em relação à arte influenciará tais categorias. Ressalto que não tenho a intenção de investigar a polifonia da noção de arte⁴⁹. O objetivo aqui é elucidar como os tatuadores do projeto Fractta interpretam a própria perspectiva artística. Desse modo, é primordial destacar que a concepção de arte para esses tatuadores é uma categoria nativa. Vale ressaltar que as opiniões de outros tatuadores podem variar fora do escopo desta análise.

3.2 - A ARTE ATRAVÉS DOS OLHOS DOS TATUADORES

Clifford James Geertz, em seu ensaio "A arte como um sistema cultural", aborda a complexidade da arte, que desperta o interesse e a discussão das pessoas, embora seja algo que não possa ser completamente explicado por meio de palavras. Geertz enfatiza que, quando não somos capazes de falar sobre algo, devemos ficar em silêncio, mas uma pessoa que se expressa artisticamente, como um tatuador, encontra nessa atividade uma forma essencial de comunicação. Segundo Geertz, as formas de arte não são meras transmissoras de doutrinas, mas sim manifestações que refletem uma forma de viver, revelando assim um modelo de pensamento através dos objetos. Nessa perspectiva, o valor atribuído a elementos artísticos como traços e linhas varia conforme os significados presentes em cada cultura. Portanto, o que se fala sobre arte, inclusive o que passa despercebido no discurso estético, é crucial para refletir sobre a origem e os valores artísticos em diferentes sociedades.

Nesta seção do capítulo, vamos expor as visões dos meus interlocutores tatuadores sobre o discurso que relaciona a valorização da tatuagem com a arte. Entendo que essa visão será relevante para os desdobramentos que resultarão em suas interpretações sobre o que é e o que não é uma tatuagem terapêutica. Mantendo a intensidade das palavras, utilizo meu diário de campo para descrever suas falas.

Rodrigo proclama que a arte é imune a limites e distinções. Seja por meio de um quadro em branco ou de uma tinta que rabisca eternamente a pele, ela possui o incrível poder de transcender e emocionar. A tatuagem, em particular, exige uma atenção especial, como se

⁴⁹ Embora esta pesquisa prefira não se enveredar pelo debate espinhoso das distintas perspectivas em relação à arte, é relevante mencionar um ponto pertinente levantado por Mota (2017) sobre o papel desempenhado pela arte. Segundo o autor, a arte age como uma forma de expressar o que não se pode dizer verbalmente. Em outras palavras, por meio de uma atividade criativa meticulosa, consegue-se transmitir aquilo que não pode ser comunicado de outra maneira. A arte é a linguagem da alma, capaz de despertar desejos e evocar algo inexplicável

fosse a alta classe da arte, uma vez que cada traço, cada detalhe, se torna uma marca indelével no corpo de alguém. Não há espaço para erros, apenas um compromisso inabalável com a perfeição

Alexandre se propõe a transcender os limites convencionais da tatuagem, enxergando-a como uma linguagem artística que percorre caminhos insólitos e intrigantes. Sua visão é um turbilhão criativo, em que a tinta se funde com a arte em uma dança intensa. Em um profundo mergulho dentro de si mesmo, Alexandre absorve influências provenientes de várias manifestações artísticas. Suas criações são a soma de suas concepções, onde conceito e expressão se entrelaçam em um abraço ardente. Cada marca em sua pele traz consigo a essência de seu ser, espelhada nas pinceladas vibrantes de pinturas renomadas e nas sombras obscuras e enigmáticas que dançam com as melodias do *Black Metal* norueguês, tudo se transforma em matéria-prima para sua expressão dramática. Em cada tatuagem, Alexandre cria um espetáculo de sentimentos dilacerados. Sua paixão pela arte e pela tatuagem se fundem em uma explosão de criatividade que deixa marcas indeláveis na alma de quem se atreve a contemplá-las. Em suas palavras:

A minha produção artística se molda por completo pela minha visão singular da arte e pelas influências que absorvo dela. Cada obra que crio carrega consigo uma preocupação profunda com o conceito e outros elementos peculiares. Nada nasce do vazio em meu trabalho, sempre busco inspiração em fontes artísticas que de alguma forma se conectem com o meu ser.

Douglas proclama ter uma conexão visceral com a natureza, uma poderosa fonte de inspiração que alimenta sua alma. Para ele, a arte é a sinfonia que reverbera através da vida. Essa influência transcendental faz com que o tatuador anseie pelo extraordinário, pelo desconhecido, valorizando as idiosincrasias e as curvas sinuosas que simbolizam o eterno processo de transformação. "Desde muito cedo, fui cativado pelo diferente, em realizar algo que transcende os limites do convencional. Trabalhar com a imperfeição, com uma estética orgânica e fluida, sempre me acompanharam, pois acredito que isso espelha minha própria essência." O objetivo de Douglas é insuflar em sua arte uma pitada de imperfeição, desafiando os cânones pré-estabelecidos e abraçando o devir constante e imprevisível.

Eu sempre fui obcecado por ser único, esse é o meu lema. Desejava inovar e desbravar caminhos diferentes dos demais, escapando das amarras do convencional. Atraía-me a ideia de explorar a beleza do imperfeito, valorizando a essência orgânica das coisas. Essa perspectiva espelhava a minha própria natureza, pois eu me enxergava como alguém um tanto imperfeito, mas em constante transformação. Observar uma linha levemente torta e irregular despertava em mim uma sensação de

movimento e fluidez, como se ela estivesse constantemente evoluindo. É como se o mundo se tornasse algo muito mais dinâmico, imergindo numa atmosfera dramática.

Assim, os tatuadores valorizam a tatuagem como arte, elevando o nível de exigência em seus trabalhos, não apenas em termos técnicos, mas também na inovação de conteúdos provenientes de suas experiências em diversas áreas artísticas, situações e eventos que ocorreram em suas vidas. No entanto, eles argumentam que nem toda tatuagem é reconhecida como arte. De acordo com Pereira (2016, p.103), existem “juízos artísticos e estéticos envolvidos para que a marca seja considerada arte”, visto que o “campo da arte é marcado por jogos de inclusão e exclusão, por sua natureza hierarquizante e hierarquizada, em que a arte cria diferenças”.

Durante a elaboração de uma tatuagem, é comum que os tatuadores entrevistados as classifiquem como “comercial” ou “artística”, como uma maneira de destacar seu valor estético e integrá-las ao discurso de validação no campo da arte. Na tatuagem de estilo comercial, um dos atributos comuns, embora não o único, é a replicação de desenhos populares em tendência. Tal prática é considerada por eles como algo destituído de criatividade e significado, enquadrando essas tatuagens no escopo da mera cópia⁵⁰ ou plágio⁵¹. Segundo os tatuadores entrevistados, a linha entre cópia e plágio não é claramente definida, pois ambos representam uma verdadeira ameaça no mercado das tatuagens. No entanto, Walter Benjamin (1985) argumenta que a cópia se diferencia do plágio por ser feita de forma inconsciente, o que leva a uma dessacralização do culto à originalidade por meio da reprodução da imagem.

Rodrigo diz: “felizmente eu não trabalho com cópias⁵². Particularmente é algo que me incomoda. Fazer algo que não gosto é apenas uma tática para conseguir sobreviver, embora eu

⁵⁰ Antes da existência da gravura como uma forma de produzir imagens em grande escala, copiar um desenho era a única maneira de garantir a transmissão de conhecimento que não podia ser comunicado de outra forma. No entanto, havia uma desvantagem nesse processo: uma limitação técnica que fazia com que a cópia perdesse suas características mais marcantes. Durante o Renascimento, copiar uma pintura tinha uma função didática, ajudando os aprendizes a desenvolverem suas habilidades no ateliê do mestre. Eles poderiam copiar a composição ou imitar o estilo e a técnica do mestre. Ser original não era um requisito nem uma necessidade naquele tempo.

⁵¹ A condenação de um talentoso tatuador por plágio está provocando intenso debate na comunidade. É interessante notar que a origem da palavra “plágio” remete a um sentido de desvio e atravessamento, fazendo alusão àqueles que não produzem nem compram, mas apenas intermediam negócios. Na Roma antiga, o termo também era utilizado para aqueles que roubavam escravos ou vendiam homens livres como escravos.

⁵² Uma cópia pode ser definida como “uma reprodução exata, feita por meios mecânicos ou manuais, de um texto ou imagem, com o objetivo de parecer o mais idêntica possível ao original e transmitir a mesma informação” (KOREY, 2005, p. 32). No entanto, quando apresentada como se fosse sua própria criação, essa cópia se torna um plágio, o que faz com que ambos os termos sejam frequentemente considerados equivalentes nas definições dos dicionários. A gravura de reprodução ou tradução, por um lado, desempenha um papel paradoxal na disseminação da fama e do conceito de originalidade. Por outro lado, ao facilitar a cópia de elementos individuais que tornam as obras “originais”, pode levantar questões sobre autoria, originalidade, precisão e até mesmo a veracidade das imagens (KOREY, 2005, p.31).

até me arrisque a fazê-lo. Mas não posso negar, não é uma experiência que me traz prazer”. Alexandre, por sua vez, oferece sua explicação ao comparar a "tattoo de mercado", como ele chama o estilo comercial, com a perda da identidade do indivíduo. “Quando eu crio algo singular, sinto meu coração entrelaçado na arte, preenchendo aquele vazio que inevitavelmente nos acompanha. A comercialização da arte, para mim, é apenas técnica em excesso e sensibilidade em falta”. Douglas, em contrapartida, lança um olhar de descrença sobre aqueles que veem a tatuagem como um mero passatempo, optando apenas por um desenho comum de algum artista mais em conta e, em menos de um ano, já se lamentam de sua decisão. Em suas próprias palavras, "simplesmente não consigo acreditar nessa mentalidade. Para mim, a tatuagem é um verdadeiro ritual a ser respeitado, pois estamos escolhendo uma obra de arte para nos acompanhar em todos os momentos da nossa vida".

É indispensável exercer cautela ao ponderar sobre essa perspectiva. Dois pontos cruciais foram enfatizados pelos tatuadores entrevistados, os quais merecem nossa atenção minuciosa ao discorrer sobre a tatuagem como uma expressão artística com fins comerciais. O primeiro deles é a tendência de atribuir a suposta "falta de criatividade" a esses trabalhos, o que pode levar a uma perspectiva simplista dessa profissão. É necessário abandonar a ideia preconcebida de que a tatuagem comercial é apenas uma forma de arte comercial sem criatividade. Ser um tatuador é ser um artista que usa a pele como tela e a tinta como sua paleta de cores. É um ofício complexo que exige habilidade técnica e sensibilidade estética. A abordagem desses tatuadores precisa ser considerada levando em conta sua expertise e habilidades artísticas. Afinal, a tatuagem requer um equilíbrio delicado entre técnica e expressão criativa. A escolha do desenho, as nuances de cor, a colocação na pele - tudo isso é pensado cuidadosamente pelos tatuadores para garantir uma obra. Autores como Antonio Candido, Silviano Santiago e Roberto Da Mata apontam a prática da cópia como uma estratégia de sobrevivência dentro do contexto nacional, embora inadequada, mas essencial diante do outro. O segundo aspecto questiona o equívoco de pensar que tatuagens "comerciais" são desprovidas de "significado". No entanto, aqueles que as escolhem não compartilham dessa visão limitada. Como destaca Perez (2006), o indivíduo sente a necessidade de construir um "conjunto de associações - uma história - para tentar explicar e/ou justificar o significado da imagem escolhida. Ele sabe que sua tatuagem é apreciada [...], mas isso não é o suficiente. Também é preciso inseri-la em seu próprio universo de significados”.

Quando se trata de tatuagens consideradas por eles como artísticas, a abordagem ganha uma nova dimensão. Em suas falas encontramos elementos que procuram explorar

sentidos e significados singulares, criando desenhos exclusivos para cada cliente a partir de um conceito próprio. De acordo com Rodrigo, “a pessoa tem que entender que eu tenho que ter uma liberdade para me expressar, por mais que eu vá representar o que a pessoa quer, eu quero ter a total liberdade de explorar mais esse desenho e tentar trazer mais a minha identidade para o projeto”. Alexandre reforça: “Mesmo que seja encarregado de dar voz aos sonhos dos outros, é preciso que eu tenha total liberdade para mergulhar fundo nessa obra e impregná-la com minha própria essência”. Observa-se que aqui existe um entendimento entre os tatuadores de que a “definição do desenho não é algo trivial [...], mas é de fato a busca de 'algo' com o qual a pessoa se identifique e, nessa medida, adquira o valor de ser inscrito e *eternizado no corpo*⁵³” (PEREZ, 2006, p.185, grifo nosso). Os tatuadores entrevistados claramente estabelecem uma hierarquia, uma vez que eles resistem a trabalhos que não valorizam a originalidade e a inovação.

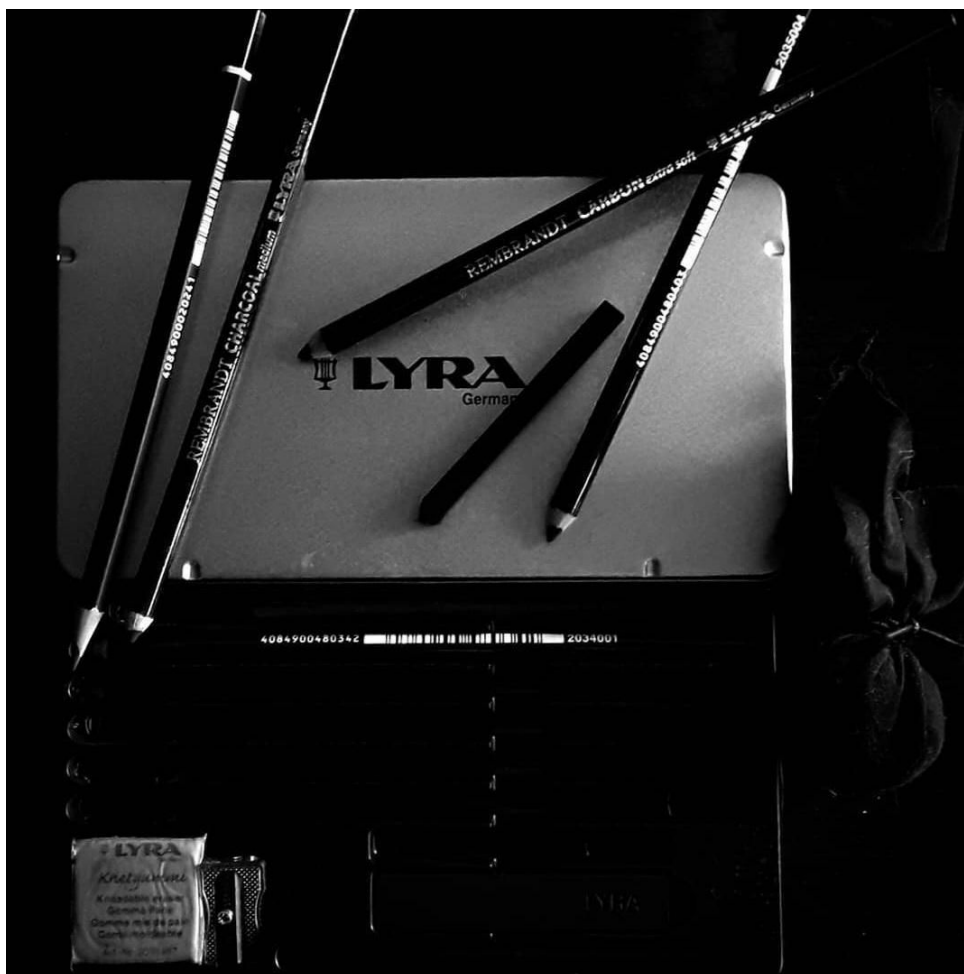
⁵³ O processo de perpetuar uma tatuagem pode ser objeto de questionamentos atualmente. Muitas pessoas escolhem eternizar momentos especiais ou expressar sua singularidade por meio de tatuagens. Contudo, compreende-se que as preferências e circunstâncias podem mudar com o tempo, levando alguns a optarem pela remoção dessas obras de arte corporal. A evolução dos métodos para retirar tatuagens tornou o processo cada vez mais acessível e menos desconfortável.

Figura 16- Processo de criação de Rodrigo



Fonte: De autoria própria (2021)

Figura 17- Materiais de Alexandre



Fonte: Instagram pessoal de Alexandre (2019)

A partir de suas palavras percebo que há uma busca constante por algo que atribua um caráter artístico em seus trabalhos, uma “tentativa de apresentá-la como meio de expressão estética potencialmente inovadora, produtora de desenhos originais e criativos, e não apenas como reprodutora de exemplares iconográficos previamente instituídos, de valor estético limitado” (FERREIRA, 2006, p.546). Não é só o indivíduo que carrega uma tatuagem única e inovadora que se destaca, mas também aquele que a criou.

Como visto anteriormente, o campo da tatuagem é caracterizado por tensões que podem influenciar diretamente a dinâmica de produção de arte desses profissionais. Nosso objetivo é entender como a utilização dessas duas categorias podem trazer consequências para que a marca seja vista, ou não, como uma prática terapêutica. Com o propósito de alcançar esse objetivo, serão utilizados os conceitos de "construir" e "reconstruir" em conjunto com a ideia de Ferreira (2006) sobre os processos de hierarquização.

3.3 - AS TATUAGENS QUE CURAM A ALMA

Conversando com os tatuadores do projeto, fiquei surpreso ao descobrir que uma tatuagem terapêutica segue critérios muito específicos para realmente se enquadrar nesse propósito. Rodrigo fez questão de destacar que uma tatuagem terapêutica não pode ser tratada da mesma forma que uma tatuagem comercial. Alexandre, por sua vez, reforçou que é impossível comparar uma tatuagem normal com uma tatuagem que tem o poder de curar. Agora, do ponto de vista profissional, é importante entender a diferença entre esses dois tipos de tatuagem e reconhecer a importância de uma abordagem terapêutica correta.

Com a metáfora do espelho estilhaçado, podemos ir além na interpretação dos tatuadores para as tatuagens terapêuticas ao considerarmos o conceito de “reconstruir”. Entre os processos que merecem atenção estão o processo de preparação do tatuador, os materiais utilizados durante o procedimento e a relação entre o profissional e o paciente-cliente, que pode ser um momento de conexão única, já que são marcadores que diferenciam uma tatuagem considerada terapêutica das demais.

3.3.1 - A Preparação dos Tatuadores

Dois momentos cruciais são destacados por Rodrigo em sua preparação. O primeiro é quando ele adentra um estado de elevada inspiração, um processo que ocorre em sua residência ou durante sua jornada para o estúdio. A cannabis, sutil facilitadora, tem a habilidade de acender a chama da criatividade em sua mente, banhar seu corpo em tranquilo relaxamento e abrir as portas para um mundo de experiências que estão prestes a se desenrolar. O segundo momento, carregado de significado, se desenrola no estúdio, quando suas mãos tocam com determinação a pele que será eternizada, numa tentativa de fazer uma conexão transcendental e mergulhar no corpo do outro. Para o tatuador, essa união misteriosa entre suas mãos ágeis e a carne receptora do paciente-cliente cria uma harmonia convergente. Por um instante fugaz, ele compartilha, em um nível profundo, as dores e as emoções desses pacientes incertos.

São infinitas as sensações que o processo de execução de uma tatuagem desperta. No contato com o corpo do outro os sentidos prendem a nossa atenção em um mesmo objetivo. Há uma sinergia, as suas “emoções, passam a ser minhas, em uma escala e dimensões diferentes. Durante algumas horas fazemos parte de um mesmo desígnio, onde eternizamos um significado em seu corpo (Rodrigo).

Durante o processo de transmitir a energia através das mãos, há um princípio de focalização para trazer o presente à mente, estabelecendo uma conexão profunda entre corpo e mente. Na etapa anterior à realização da tatuagem, Rodrigo ressalta a importância do silêncio como um elemento essencial. "Preciso de silêncio para me concentrar e permitir que as coisas se alinhem e vibrem da maneira adequada. Preciso sintonizar a frequência certa." Para garantir que o trabalho seja executado da forma desejada, ele sempre busca passar um momento a sós com o cliente, destacando a importância do silêncio

Durante a intensa sessão, Rodrigo discorre sobre a riqueza da pluralidade de imagens multissensoriais, emoções avassaladoras e manifestações somáticas que emergem enquanto a agulha penetra a pele do paciente-cliente. Por exemplo, o coração se contraindo, estômago se revirando, sensação de calor, arrepios, energia saindo das mãos. "Por mais que eu não saiba a história da pessoa, eu consigo sentir como ela vibra, é como se a pessoa se sentisse suja por dentro, parece que eu me visto com a dor delas, não sei explicar". É um processo que necessita da colaboração de diferentes elementos para se concretizar.

As emoções são uma verdadeira montanha-russa quando se trata das pessoas que atendo. Quando me deparo com almas ansiosas, por dentro, minha inquietude se transforma em uma fera faminta, ansiosa para escapar de sua jaula. Não deixo que isso transpareça, mas meu próprio ser é corroído pelo nervosismo. Já quando lido com indivíduos estressados, meu próprio estresse se intensifica a tal ponto que me sufoco de agonia, sentindo um gosto amargo e um embrulho no estômago. É um turbilhão de sensações e cada pessoa que toco se torna parte desse submundo emocional. Algumas pessoas me arrepiam, enquanto outras desatam em lágrimas. Depende da história que carregam, mas independentemente disso, existem sensações que se tornam padrões. Essa inquietude vem em forma de ansiedade, mas é diferente de todas as outras... seu corpo fica rígido, suas articulações travam, como se um bloqueio tomasse conta de você. Essa é a sinfonia caótica que ecoa na pele que tatuamos.

Para que o tatuador perceba seu trabalho como terapêutico, é necessário que os processos sensoriais estejam presentes. Os trabalhos que possuem uma intersubjetividade são mais propensos ao reconhecimento.

Percebo esse processo como uma experiência sensorial completa, tanto para mim quanto para o cliente, de diversas maneiras. Considero que grande parte disso está relacionada ao que a pessoa me solicita para criar, a finalidade que ela atribui àquilo e a energia que ela investe nessa concepção. Acredito que todos esses elementos reverberam de forma quase inconsciente no meu trabalho.

Entender a tatuagem como uma forma de terapia não apenas impacta o trabalho, mas também o próprio tatuador, como veremos adiante. Rodrigo confessa: "atualmente, isso me afeta profundamente. Reconheço que é um desafio ser um ímã para as pessoas tatuadas, mas não posso negar que isso também pode ser emocionalmente desgastante". No entanto, ele

acredita que se conectar com cada pessoa pode ser estimulante, permitindo que seu trabalho flua de maneira excepcional. Ao se permitir ser afetado, ele é capaz de identificar os sentimentos daqueles que estão sendo tatuados e, a partir dessa compreensão, transformá-los em algo completamente novo. Isso não é apenas uma arte na pele, é uma terapia dramática, onde as emoções têm a oportunidade de se expressar e encontrar alívio no resultado final. Sua tinta se mistura com as lágrimas, os sorrisos e as cicatrizes de cada pessoa, criando algo único e profundo. É uma conexão emocional que transcende os limites físicos e se torna uma terapia visual. A cada marca, surgem novos sentimentos e reflexões, levando tanto o cliente quanto o tatuador a uma jornada de autodescoberta.

Figura 18- Tatuagem olho



Fonte: De autoria própria (2022)

Ao acompanhar Douglas, podemos notar com mais detalhes o processo ritual que acontece entre os diferentes momentos pré, durante e pós-tatuagem. O tatuador considera as três fases na totalidade. Ao utilizar a energia do reiki, dos cristais e do tarô, ele intensifica seu trabalho para que a sessão proporcione uma experiência única para o paciente-cliente. Seu

ritual passa por levar o chão do estúdio com as 7 ervas de proteção: alecrim, arruda, comigo ninguém pode, espada de são Jorge, Guiné, manjerição e pimenta. Ele menciona que costuma passar *Palo Santo* no estúdio e fazer os 4 símbolos do reiki nos 4 cantos da sala, que é repleta de cristais, banhados semanalmente na água do mar. Conforme Douglas menciona, o estúdio *Fraccta* é como um “portal que requer um ritual de abertura e fechamento a cada entrada”.

Figura 19- Douglas tatuando



Fonte: Instagram pessoal de Douglas (2021)

No processo ritual, os materiais são preparados e todos são abençoados. O paciente-cliente é convidado a escolher uma carta no oráculo dos anjos para “se conectar com o guia da tatuagem”. O primeiro procedimento consiste em fazer uma radiestesia no cliente, utilizando varinhas, para identificar quais chakras estão abertos e quais estão fechados. Em suas palavras: “não podemos deixar nenhum caminho fechado durante a sessão de Reiki, todos

precisam estar abertos”. Mantras, sons da natureza e frequências vibracionais de “amor, prosperidade e cura” são utilizados para iniciar o ritual do reiki. O paciente-cliente se deita na maca, fecha os olhos, se concentra em sua respiração e permite que a energia de cura do universo seja transmitida através de suas mãos como um canal. O tatuador é responsável por determinar a duração das sessões de reiki, considerando o que é preciso para abrir os chakras e alinhar-se com o paciente-cliente para a execução da tatuagem. Após concluir o ritual, Douglas realiza novamente a radiestesia, visando verificar a abertura de todos os chakras e compartilha com o paciente-cliente algumas das sensações dessa experiência, para então começar o processo da tatuagem. Em suas palavras “É muito lindo, pois simplesmente todos os clientes que participaram dessa experiência, relatam terem ficado muito mais relaxados e sentido muito menos dor após o reiki”.

Durante o processo da tatuagem, segue tatuando ao som de mantras e conectado com a respiração. Assim, como Rodrigo, o silêncio é um fator preponderante, “gosto de me manter concentrado, não quero perder a vibe”, embora, afirme que muitas vezes as “pessoas gostam de conversar durante a sessão”. Para Douglas, a execução se resume em um único processo e encerra-se na sessão. Para terminar o procedimento, o tatuador pode retirar mais cartas de tarô e compartilhar com os pacientes-clientes as lições aprendidas na sessão. O ciclo encerra-se quando o paciente-cliente deixa o local, o tatuador limpa o estúdio novamente com o banho de ervas no chão, o palo santo e os símbolos do reiki, fazendo assim o “fechamento desse portal”.

Já para Alexandre, sua preparação antes e durante a tatuagem “não exige procedimentos tão complexos”. Ele menciona que uma boa noite de sono, uma bebida energética e um maço de cigarros são suficientes para que ele esteja pronto para o trabalho. “Preciso estar descansado antes de tatuar e com meu material em ordem”. No entanto, é após a tatuagem que surgem suas reflexões sobre o procedimento: "gosto de chegar em casa, tomar um banho e refletir sobre o trabalho feito, depois gosto de escrever tudo que senti a respeito desse trabalho específico, é algo que me ajuda a me libertar daquele sentimento. Isso em outro tipo de tatuagem não rola". Alexandre considera a escrita sobre sua experiência diária como um fechamento, tal como Douglas. Para o tatuador, um ciclo se completa.

Figura 20- Alexandre preparando-se para iniciar o expediente.



Fonte: De autoria própria (2021)

Contudo, o tatuador mencionou que em algumas ocasiões não consegue sentir que o processo foi concluído completamente, relatando isso por meio de pesadelos e uma sensação de peso no dia seguinte. Seus pesadelos o ajudam a criar suas imagens mais perturbadoras: cenas de morte, paisagens com caveiras ou figuras deformadas. Neste período, o tatuador afirmou que tenta “fotografar os sonhos”. Em suas palavras o processo geralmente não consome muita energia, mas quando acontece é um momento difícil. “Sonho com a pessoa, e normalmente os sonhos não são agradáveis. Quando acordo, sinto-me como se tivesse acabado de sair de uma batalha, meu corpo dói, minha mente fica perturbada e fico remoendo esse sentimento ao longo do dia”. Para Alexandre, essas misturas invisíveis geram cenários alucinantes, que provocam um sentimento de ansiedade ao serem observados. Os desenhos interessantes são belamente abstratos, mas têm a capacidade de evocar referências do mundo real, o que os torna únicos.

3.3.2 - Os Materiais Utilizados

No âmbito da tatuagem terapêutica, o profissional seleciona os materiais conforme as necessidades do paciente-cliente e disponibiliza o que melhor atender à estimulação da criatividade. Tudo é planejado de forma única: tintas, o preparo do stencil. A maleabilidade do material ajuda o contato com as emoções, permitindo ao tatuador experimentar os afetos e conhecê-los melhor, aumentando o autoconhecimento.

Rodrigo inclui em suas tatuagens terapêuticas a presença de seu próprio corpo. Em suas palavras: “eu amo utilizar meu corpo para criar”. Ao utilizar o corpo como um elemento para compor o trabalho, ele afirma que “as pessoas gostam e se identificam”. Nos trabalhos com abordagem terapêutica, o tatuador sugere explorar mais do que apenas sua técnica, seu objetivo é “criar uma experiência e fazer algo que ninguém fez, vender uma experiência que trate de um sentimento para aquela pessoa com a minha linguagem”. A obra do pintor norte-americano Jackson Pollock (1900-1901), que utilizava todo o corpo no espaço artístico para criar suas pinturas, e do artista francês Yves Klein (1900-1901) que fazia corpos humanos se tornarem pincéis vivos, foram grandes inspirações para que o tatuador propusesse substituir as técnicas de decalque tradicional por um processo que utilizasse seu corpo como parte construtiva do projeto.

Gosto de usar meu corpo para criar um trabalho. É legal usar as mãos, mas eu pensei em ir bem mais além. Trabalhar com a falange dos dedos, usar essas partes do corpo para criar marcas onde eu consiga fluir com o trabalho, dar movimento, criar uma estética não só 'marcas de mão', fazer uma coisa diferente, usar o próprio corpo para criar a representação, criar o desenho na pessoa. Se abrir e deixar você criar é um lance muito particular para a pessoa. A tecnologia ajuda muito na composição, por exemplo, pego o Ipad e jogo uma imagem e crio em cima daquilo, só que isso não me identifica tanto, eu sei que posso ir além, e não ser só uma tatuagem, mas envolver sentimento nisso, e a partir do tato, do próprio corpo começar uma composição. É criar minha identidade com meu próprio corpo (Rodrigo, Tatuador)

Segundo Rodrigo, fazer um decalque somente com os dedos é uma “experiência visceral”, que faz com que o tatuador crie a cada instante uma nova interpretação para o projeto, considerando seu estado emocional do momento. Rodrigo até mesmo aproxima essa experiência a um processo mediador, o tatuador como um xamã⁵⁴. Portanto, na qualidade de xamã, o artista é capaz de realizar coisas incríveis. Utiliza diferentes meios e o próprio corpo para abrir as vias do encantamento. Seu trabalho interrompe o tempo comum e cria um espaço

⁵⁴ A nomenclatura xamã aqui é “aplicada a especialistas que praticam ritos semelhantes [...], que entram em transe, de forma passiva ou desenfreada, para curar os doentes, provocar mudanças climáticas desejadas, prever o futuro, controlar os movimentos dos animais e conversar com espíritos e animais-espirituais” (CLOTTE, LEWIS-WILLIAMS, 2010, p.13, tradução minha).

único. Sua habilidade estabelece uma dimensão que, mesmo sendo imaginária, não é contrária ao mundo real. Circula nos limites do real e do irreal, da história e da ficção, criando paralelos, correspondências, abrindo conflitos, fazendo ligações. Para ele, cada vivência é como se tivesse acabado de retornar de uma jornada xamânica.

São infinitas as sensações que o processo de execução de uma tatuagem desperta. No contato com o corpo do outro os sentidos prendem a nossa atenção em um mesmo objetivo. Há uma sinergia, as suas “emoções, passam a ser minhas, em uma escala e dimensões diferentes. Durante algumas horas fazemos parte de um mesmo desígnio, onde eternizamos um significado em seu corpo

A utilização do corpo está relacionada a um processo de criação espontânea que acontece em um momento de êxtase: “não tenho a menor ideia de como vai ficar, às vezes simplesmente sigo em frente, tenho a impressão de estar surdo, não ouço nada, foco muito naquilo e tenho que sentir na pele da pessoa e desenvolver a partir disso”. Peter Furst (1976) também ressalta o êxtase como fator técnico preponderante no xamanismo:

Para ele, a maneira de se relacionar com o corpo de alguém é uma maneira de se sentir único. O corpo é visto aqui sob uma perspectiva fenomenológica, onde o tatuador se concentra na experiência vivida através do corpo. Nesse contexto, a tatuagem pode ser vista como uma forma de expressão, onde as pessoas revelam sua existência no mundo, transformando o corpo humano em um palco para experiências significativas.

Figura 21- Tatuagem utilizando os dedos.



Fonte: De autoria própria (2018)

O tatuador emprega outros elementos além do corpo para auxiliar na superação do trauma de seus pacientes-clientes, algo que só é viável graças à relação que ele estabelece com o sujeito e pelo seu interesse em se aprofundar nas suas histórias de vida. Após conversar com seu paciente-cliente, Rodrigo permitiu que eu acompanhasse uma de suas sessões em que utilizou uma fita cassete como decalque para o trabalho. Eu estava empolgado, era a primeira vez que eu ia acompanhar um processo que utilizava outros elementos fora do padrão já utilizado pelos profissionais da tatuagem. A única exigência foi que eu não interagisse com o cliente e apenas observasse. De maneira discreta, me chamou em um canto e me pediu desculpa, argumentando ser uma decisão que vinha do seu paciente-cliente. Porém, ao nos dirigirmos à sala em que o paciente-cliente aguardava, ele faz questão de me contar que o sujeito tinha o desejo de tatuar a letra de uma música que o emociona profundamente e

descreve sua trajetória de vida. E prosseguiu dizendo: “o cara me falou que escutava essa música com seus pais na infância”. O tatuador, que conhecia bem a história, procurou por elementos que evocassem aquela memória afetiva. Já que se tratava de uma canção antiga, “desejei entender como a pessoa ouvia a música”, foi dito pelo sujeito que “eles passavam o dia todo ouvindo uma fita cassete em um aparelho de som que possuíam”. Ao compartilhar sua história, o paciente-cliente forneceu ao tatuador o que ele precisava para criar a tatuagem. Nesse momento, ficou evidente que a execução desse trabalho só seria viável graças à conexão estabelecida entre o tatuador e seu paciente-cliente, laço esse que ajuda a identificar os elementos significativos da história do indivíduo.

Figura 22- Tatuador utilizando a fita como elemento



Fonte: De autoria própria (2019)

O tatuador também utiliza elementos da natureza para compor seu trabalho

Figura 23- Decalque usando uma folha



Fonte: De autoria própria (2019)

Figura 24- Resultado do Decalque



Fonte: De autoria própria (2019)

Assim como Rodrigo, Alexandre procura se afastar dos padrões convencionais utilizados pelos tatuadores experientes e opta por diferentes recursos para tornar seu trabalho mais dinâmico. Em algumas situações, o próprio paciente-cliente pode participar da etapa, o que pode ser um fator determinante para estabelecer uma conexão entre ambos, “é bom ver a pessoa interagindo com o material e o próprio corpo. Como trabalho com o *brutalblack*, aprecio brincar com linhas sinuosas que refletem pensamentos confusos”. Ele considera que é

uma experiência que coloca o indivíduo como figura central do processo, ou que pelo menos se sinta integrante e tendo o comando sobre o próprio corpo e destino. Em suas palavras:

Minha primeira experiência com esse método surgiu quando me via incapaz de entender a essência que a mina desejava expressar. Foi então que, gentilmente, ela ofereceu-se para tomar as rédeas da situação, usando o pincel como guia, abrindo meus olhos para a importância da colaboração.

Após conversar com Rodrigo, pergunto a Alexandre se posso acompanhar sua sessão em que ele utiliza outros elementos. Procuo me comportar como na ocasião anterior, apenas como observador. Enquanto preparava sua bancada de trabalho, notei a presença de um pincel. Minha curiosidade foi maior do que a vontade de apenas observar, então questioneei sobre o objeto. Com um tom de brincadeira, ele diz “esse é o truque, o segredo”. O paciente-cliente ri, pois já tinha conhecimento do procedimento. Retorno ao meu lugar de observador.

O pincel é utilizado como alternativa ao decalque convencional. Indaguei-o sobre como é feita a aplicação do decalque com essa técnica. Ao me responder, ele explicou que usa o pincel para se conectar com o paciente. Segundo ele, é muito prático para a pessoa e proporciona maior fluidez ao trabalho, “como as tatuagens em preto costumam ser grandes, o número maior de agulhas serve para pintar uma área mais extensa da pele em menos tempo -- e também para dar o desejado efeito de pincelada”. Pude observar que ao declarar que se diverte com traçados sinuosos, o pincel é usado pelo tatuador para acompanhar o fluxo das cicatrizes. Durante a sessão, outro tatuador entrou na sala e começou a observar o trabalho de Alexandre. Depois de alguns minutos em silêncio, ele fala: “é muito legal essa técnica do pincel, é uma pena que seja muito restritiva para os clientes”, Alexandre discordou. Mas ao término da sessão, relatei o acontecido e ele respondeu de forma objetiva que quase 90% dessa técnica é aplicada em pessoas que passaram por traumas. Perguntei se ele tinha alguma explicação, Alexandre diz acreditar que sua “tatuagem escura e de pegada melancólica é como uma libertação para essas pessoas, porque ajuda a expressar no corpo um pouco da confusão mental que enfrentam no dia a dia”.

Figura 25- Trabalho desenvolvido por Alexandre utilizando o pincel como decalque



Fonte: Instagram pessoal de Alexandre (2019)

Embora eu tenha solicitado, Douglas não me permitiu acompanhar sua sessão com o paciente-cliente e não quis fornecer detalhes sobre os materiais utilizados durante aquela sessão. Também não concedeu permissão para a divulgação de fotos do procedimento. A decisão foi tomada levando em consideração a consagração dos materiais, como já explicado anteriormente. Para ele, a escolha dos materiais utilizados na tatuagem é guiada por uma entidade mística e essa decisão deve ser mantida em sigilo entre tatuado e tatuador. Mesmo não revelando quais os materiais utilizado, ressaltou que a escolha é crucial em seu trabalho e na forma como se relaciona com o cliente-paciente, de modo que essas pessoas se identifiquem com o procedimento, especialmente quando o trabalho envolve cicatrizes deixadas por um evento doloroso. Em suas criações, ele relata que procura “aplicar instrumentos que se relacionam com as situações enfrentadas pela pessoa. Depois, trabalhamos juntos para realizar mudanças e ajustes finais até que o resultado seja exatamente o que o paciente deseja”. Apesar de outros tatuadores já terem usado essa técnica para fins comerciais, ele acredita que seu uso é mais benéfico na tatuagem terapêutica, pois proporciona uma sensação de singularidade à pessoa.

Observe como o período de preparação de Douglas pode revelar uma sutileza em seu discurso, revelando uma certa espiritualidade em suas compreensões sobre arte. As ideias e conceitos relacionados à espiritualidade emergem de maneira discreta e indireta nessa forma de expressão, tornando-a única e não necessariamente religiosa. De acordo com Cordovil (2022), é fascinante notar como a abordagem da espiritualidade na arte moderna e contemporânea tem despertado uma conscientização sobre a alteridade. Este tema tem sido debatido por pesquisadores a partir de diferentes perspectivas, com diversos autores (DOMINGUEZ, 2016; ELKINS, 2004; LERNER, 2013; LINGAN, 2009) argumentando que a espiritualidade tem exercido uma profunda influência na produção artística moderna e contemporânea. Essas influências incluem o esoterismo ocidental, as práticas e técnicas espirituais do oriente (orientalismo), como o Reiki, e as práticas espirituais inspiradas em povos originários, como o xamanismo e o neopaganismo. Estamos falando de uma vasta gama de conhecimentos pertencentes às doutrinas esotéricas. Ao explorar universos simbólicos que podem ser desconhecidos para o próprio artista e o público, essa forma de arte estabelece uma relação única com a alteridade⁵⁵.

Embora utilizem técnicas diversas, é possível perceber uma certa similaridade em suas *narrativas de tatuagem*. No ritual dos tatuadores, é possível estabelecer uma conexão entre suas narrativas e as de seus pacientes-clientes, como foi demonstrado no capítulo anterior. Vale destacar que os tatuadores que participam da pesquisa não estão criando algo inédito, mas sim aplicando essas técnicas em um contexto terapêutico. Fora desse contexto, as práticas podem ter novos significados, mas esse não é o propósito da pesquisa.

Todos os participantes desta pesquisa afirmaram que as tatuagens têm um papel terapêutico para muitas pessoas, mesmo que alguns sejam mais conscientes disso do que outros. Isso levanta uma questão problemática sobre a identidade do tatuador como terapeuta, podendo ele optar por essa rotulação ou não. É nesse momento que as principais discordâncias surgem.

3.4 - AMBIVALÊNCIA ENTRE O SER E O DESEMPENHAR

⁵⁵ De acordo com Cordovil (2022), é necessário adotar medidas de precaução ao incorporar objetos artísticos não-ocidentais na arte ocidental, segundo Cordovil (2022). Isso evita a criação de uma falsa dicotomia entre culturas e a apropriação indevida dos artistas ocidentais ao criticar o cânone da arte ocidental.

Embora haja pontos em comum nas opiniões sobre vários assuntos, como a percepção da tatuagem como forma de arte e as distinções entre tatuagens "comerciais" e "artísticas", bem como as visões sobre a tatuagem como prática terapêutica, surge uma discordância quando se trata da aplicação do termo "terapeuta" aos tatuadores pesquisados. Durante a pesquisa, os tatuadores responderam de maneira semelhante ao primeiro contato, comparando seu papel ao de um terapeuta. Rodrigo descreveu com precisão: "sinto-me como um terapeuta". Quando questionado sobre o assunto, Douglas confirmou: "sim, nos tornamos terapeutas em pequena escala". Alexandre, com cautela, revelou: "Às vezes, sinto-me como um terapeuta".

Neste contexto da pesquisa é fundamental abrir um parêntese para algumas questões referentes ao uso do termo terapeuta. Trata-se do profissional que se dedica aos cuidados e à reparação de problemas prejudiciais à saúde, dentro da segmentação da área da saúde. Costuma ser o profissional de Psicologia⁵⁶ que atua na área clínica, propondo atendimento e ajuda psicológica. No entanto, não é preciso ter formação em Psicologia, Medicina ou Psicanálise para realizar a função. Por exemplo, o Terapeuta cognitivo comportamental, o Terapeuta Alternativo, Holístico, Complementar ou Naturoterapeuta não respondem a Conselhos de Classe, nem há Legislação Federal sobre a profissão⁵⁷. Logo, não é restrito ao psicólogo, psiquiatra ou a qualquer outro profissional. Não é obrigatório ter formação oficial em curso superior. Qualquer indivíduo que tenha formação em cursos livres pode exercê-las. Esta explicação se faz necessária devido ao fato que os tatuadores entrevistados mostram um certo desconforto com a falta de treinamento especializado.

É possível perceber que, ao abordar o assunto, os tatuadores Rodrigo e Douglas buscam destacar as semelhanças entre o que fazem e o trabalho de um terapeuta, como forma de comprovar a importância de seu trabalho. Suas falas merecem nossa atenção, pois evidenciam essa dinâmica. "Para mim, não há diferença entre o que um terapeuta faz e o que eu faço. Ambos auxiliamos a pessoa na busca por respostas, ajudando-o a lidar com o surgimento de certos pensamentos e atitudes", explica Rodrigo. Douglas reforça esta ideia ao mencionar como seu trabalho com sobreviventes de tentativas de suicídio auxilia a lidar com sentimentos, algo semelhante ao que um terapeuta faz. Em seu trabalho, ele menciona que "há uma relação com o luto, uma questão bastante delicada que deixa marcas tanto físicas quanto

⁵⁶O psicólogo não é, obrigatoriamente, um terapeuta, pois pode atuar em outras áreas da profissão, como na psicologia organizacional ou psicologia escolar.

⁵⁷ BRASIL. Ministério da Educação. **Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) ou Qualificação Profissional**. Brasília: Junho, 2021. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cursos-da-ept/formacao-inicial-e-continuada-ou-qualificacao-profissional>>. Acesso em: 9 out. 2022.

emocionais. Por isso, um tatuador ou terapeuta pode ser útil para ajudá-las a seguir adiante com suas vidas”.

Enquanto os dois tatuadores autodenominavam-se terapeutas, chamou-me a atenção a hesitação de Alexandre ao se considerar, por vezes, como um terapeuta. Sua resposta merece ser destacada, pois marcou o momento em que as narrativas começaram a se deslocar para uma compreensão distinta por parte dos tatuadores. Note que a resposta de Alexandre evidencia uma perspectiva que enfatiza mais as discrepâncias do que as semelhanças entre um tatuador e um terapeuta tradicional, diferente do que se nota nas respostas de Rodrigo e Douglas. É possível observar que o tatuador se dedica a não associar seu trabalho ao de um terapeuta tradicional. A cautela em não se parecer com um terapeuta tradicional traz à tona a reflexão sobre uma tensão entre o “ser” e o “exercer”. Em suas palavras, “acredito plenamente na tatuagem como uma prática terapêutica, mas não me enxergo como terapeuta”. Perguntado a respeito, ele prontamente deu sua resposta:

Estamos lidando com seres humanos, não com um objeto, e esses indivíduos estão enfrentando o trauma de uma tentativa de suicídio. É um tema bastante complexo. Eu acho que é muita responsabilidade e não estou disposto a me comprometer assim. Minha formação não inclui cursos, sou apenas um profissional da tatuagem e não um terapeuta. Às vezes me pego pensando como reagiria se recebesse uma ligação informando que uma dessas pessoas tirou a própria vida. Tenho a sensação de que meu psicológico ia para o caralho.

As respostas de Alexandre me fizeram perguntar aos outros dois tatuadores sobre o que foi dito por ele, em relação à importância da responsabilidade. Pergunto aos tatuadores sobre a utilização do termo “terapeuta”, tendo em mente a perspectiva apresentada por Alexandre acerca da responsabilidade, com a finalidade de compreender melhor as implicações que o uso desse termo traz. Minha pergunta aparenta gerar desconforto em Rodrigo que responde, “nunca me aprofundei nisso, apesar de sempre considerar o assunto”. Pedi que falasse sobre o que mais o afligia, e ele mencionou: “a responsabilidade”. Suas palavras sugerem uma concordância com a visão de Alexandre, por exemplo, a inquietação com a falta de formação acadêmica ou de cursos adicionais sobre o trabalho de terapeuta, bem como a responsabilidade inerente à ocupação, em particular, ao trabalhar com indivíduos que possuem um histórico de tentativas de suicídio. Rodrigo acrescenta relatando um episódio que aconteceu em uma sessão de tatuagem onde o cliente teve uma convulsão, que podemos usar como exemplo da responsabilidade por parte dos tatuadores:

Assim que iniciei minha jornada como tatuador, vivenciei um episódio aterrorizante que por pouco não me fez desistir da profissão. Fui participar de uma prestigiada

convenção de tatuagem. Mas o que deveria ser uma oportunidade de crescimento tornou-se um pesadelo. Durante uma sessão, enquanto eu usava todas as técnicas e cuidados recomendados, meu cliente subitamente teve uma convulsão. Fiquei desesperado, pois sabia que havia feito tudo corretamente. Aquela experiência me marcou profundamente, mas, ao contrário de desistir, usei esse incidente como uma motivação para me tornar ainda melhor no que faço.

Ao ouvir a história de Rodrigo, Douglas se aproxima e confessa que às vezes ele tem medo de se apropriar desse termo. Questiono o motivo e ele dá uma resposta breve e objetiva: “essa é uma responsabilidade enorme, não é mesmo? Às vezes me preocupo se minha formação é capaz de abordar todos os elementos que podem ajudar uma pessoa”. Assim como os demais tatuadores, ele demonstrou que há preocupação com sua preparação na formação como terapeuta. No entanto, sua preocupação se dá em um ponto distinto. Enquanto os outros dois tatuadores atribuem sua apreensão à falta de capacitação profissional, Douglas está preocupado com a possibilidade de seu curso de *Heiki* não ser capaz de suprir adequadamente as necessidades de seus pacientes-clientes.

Ao vincular o desempenho de sua função ao de um terapeuta tradicional, Douglas destaca a importância de elaborar estratégias para se defender de possíveis incidentes. Ao ouvir o relato compartilhado por Rodrigo, ele diz que “todos nós estamos expostos a situações que escapam do nosso controle.” Para isso, Douglas propõe a utilização do termo tatuador-terapeuta. Pedi que me explicasse mais sobre como essa ideia é utilizada. Em suas palavras, “é uma forma de dar novo significado ao termo terapeuta, assim posso exibir simultaneamente as duas facetas do meu trabalho”. Em outras palavras, o tatuador parece ter achado uma forma mais branda de suavizar o termo terapeuta e evidenciar que, mesmo que seu trabalho possa ser comparado ao de um terapeuta tradicional, ele ainda é um tatuador. Rodrigo argumenta que a explicação de Douglas para reestruturar o termo terapeuta é coerente. Para ele utilizar essa descrição é uma forma de se proteger, o que pode ser útil para os tatuadores.

Figura 26- Douglas e Rodrigo juntos no dia da nossa conversa



Fonte: De autoria própria (2022)

Os paralelos da terapia tradicional e da tatuagem não foram perdidos pelos tatuadores, mas é evidente que existe uma preocupação entre aqueles que preferem não ser reconhecidos como terapeutas, embora reconheçam que estão exercendo o papel de tal. E aqueles que reconhecendo que existe uma tensão no termo, ainda assim, preferem não se afastar da utilização do termo terapeuta.

3.5 - PROCESSO DE ADOECIMENTO MENTAL E FÍSICO DO TATUADOR

É fundamental esclarecer brevemente sobre o que iremos abordar ao discutir a experiência do adoecimento neste estudo. Para construir o conceito de experiência de adoecimento, nos baseamos em quatro trabalhos inspiradores: Turner (1986), Langdon (2001), Good (2008) e Kleinman e Kleinman (1991). Ao escrever sobre a experiência do adoecimento, é crucial considerar os impactos que uma doença pode ter na vida de uma pessoa. Este estudo se concentrará especialmente em compreender as perspectivas das pessoas

que enfrentam a experiência do adoecimento, como é o caso dos tatuadores. Vale ressaltar que, embora reconheçamos a importância das explicações biomédicas, estas não serão incluídas nesta compreensão.

Conforme o estudo de Eisenberg, Goog e Kleinman (1978), a doença tem o poder de causar mudanças na estrutura de um indivíduo, resultando em seu adoecimento. Porém, é importante ressaltar que a presença de uma doença nem sempre implica necessariamente em uma vivência de adoecimento. Esse último pode estar presente mesmo sem uma base biológica evidente. Quando essas duas condições se manifestam juntas, abre-se espaço para diferentes questionamentos. Para realmente compreender o processo de adoecimento, é imprescindível considerar todas as dimensões da vida, indo além do aspecto biológico e orgânico. Para uma compreensão verdadeira do processo de adoecimento, é necessário ir além da sua dimensão biológica e abordar todas as outras áreas que compõem a vida de um indivíduo. O entendimento pleno requer uma visão abrangente. Nesse sentido, Víctora (2000, p. 21) afirma:

Independente do fenômeno biológico, a doença pode ser vista como um fenômeno social, na medida em que só pode ser pensada como tal dentro de um sistema simbólico que lhe define, confere-lhe sentido e estabelece os tratamentos a serem adotados. Além disso, a doença, apesar de ser um acontecimento individual, mobiliza um conjunto de relações sociais. (...) ao pensar sobre saúde e doença, os indivíduos estão pensando sua relação com os outros, com a sociedade, com a natureza e com o mundo sobrenatural.

Turner (1986) propõe uma abordagem inovadora ao conceito de drama social, entendendo-o como uma unidade de experiência. Com base nas teorias de Dewey e Dilthey, ele mergulha nas profundezas do teatro para refletir e investigar esse fenômeno. Turner observa que as comunidades estão constantemente em movimento, passando por transformações ao longo do tempo e enfrentando "epítetos dramáticos". Esses epítetos desempenham um papel crucial na construção de conflitos entre indivíduos e suas comunidades, desafiando processos significativos para eles. Essa dinâmica é evidente na primeira fase do drama social, onde ocorrem conflitos entre indivíduos, grupos e facções. Esses conflitos expõem confrontos ocultos relacionados ao caráter, interesses e ambições. Turner chama essa fase de "limiar", caracterizada pelo caos que emerge das crises observadas na primeira fase do drama social. Após o surgimento desses conflitos, inicia-se uma segunda fase na qual ações são tomadas para remediar o mundo caótico. Nessa fase, há uma urgência em dar sentido a essas ações, que agora são guiadas pela razão, evidência ou questionam tabus. Essas ações remediadoras muitas vezes são ritualizadas e podem ser adotadas em nome da justiça ou da religião. Se o drama social passa por todas essas etapas, ele chega à última, a

que restaura a "normalidade" anterior ao conflito. Com uma abordagem profissional, Turner nos leva a uma profunda reflexão sobre os intrincados meandros do drama social.

Ao utilizar as obras de Dewey e Dilthey como referência para refletir e investigar esse conceito, Turner (1986) nos instiga a compreender a unidade da experiência por meio do teatro. De acordo com sua visão, as comunidades estão em constante movimento e passam por transformações ao longo do tempo, o que resulta em características dramáticas distintas. Essas características são fundamentais na construção de conflitos entre os indivíduos e suas comunidades, através do questionamento dos processos significativos para eles. Essa dinâmica está especialmente concentrada na primeira fase do drama social. "Conflitos entre indivíduos, secções e facções que seguem a violação original, revelando confrontos escondidos da ordem de caráter, interesse e ambição." (TURNER, 1986, p. 39). Nesta etapa intermediária, conhecida como "liminar", o autor explora o caos que emerge de fenômenos ambíguos, desencadeando crises na primeira fase do drama social. Após o surgimento desses conflitos, adentramos a segunda fase, caracterizada por ações que visam remediar esse mundo caótico. Surge, assim, a urgência de dar sentido a essas ações, inserindo-as na lógica da razão, da evidência ou enfrentando temas considerados tabus. "Ações remediadoras são ritualizadas frequentemente e podem ser tomadas em nome do direito ou da religião." (TURNER, 1986, p. 39). Ao concluir todas as fases do drama social, nos encontramos na etapa final, a qual reestabelece a tão desejada "normalidade" (TURNER, 1986, p. 39), que existia antes do conflito.

Turner (1986), argumenta que o processo de adoecimento se encontra na terceira fase, quando conflitos emergem devido a eventos imprevistos. Neste estágio, as aflições podem encontrar formas de expressão por meio de "cerimônias de crises", como o medo da morte causada pela doença. Essas circunstâncias transformam as relações, criando embates e obstáculos no cotidiano que era anteriormente familiar.

A experiência de adoecer pode ser comparada a um enredo de um drama social, pois dá sentido a essa vivência e passa por estágios que transformam uma perspectiva inicial em conflito. Segundo Turner (1986), buscamos dar significado às nossas experiências, e o drama social nos oferece uma maneira de estruturar esse momento tanto social quanto individualmente. Em outras palavras, organizamos nossa interação com os outros e nos relacionamos com a história única de cada indivíduo, levando em consideração nossa própria essência como seres humanos. No caso dos tatuadores, o conflito surge ao entrar em contato com um sobrevivente de tentativa de suicídio, resultando na interrupção dos processos

esperados para uma vida saudável. Essas transformações têm impacto no trabalho, frequentemente exigindo pausas temporárias ou suspensão do atendimento por um tempo.

Uma autora que complementa a abordagem de Turner é Langdon (2001), cujo trabalho nos convida a refletir através de narrativas que trazem à tona experiências. Langdon mostra que o adoecimento vai além das fronteiras biológicas, sendo também um fenômeno de natureza social.

Desta maneira, a doença diagnosticada pelo médico como alergia – um processo biológico – é vivida pelo doente num contexto sociocultural, no qual os sintomas físicos passam a ocupar uma posição de segundo plano e enquanto o drama social da doença continua. (LANGDON, 2001, p.256).

Dessa forma, podemos compreender a doença não apenas como um mero fenômeno físico, mas sim como uma experiência única e individual, expressa por meio de narrativas e interpretações personalizadas. Cada indivíduo que vivencia o adoecimento tem sua própria perspectiva e toma ações diferentes diante desse processo. Isso ressalta a importância de reconhecer que a experiência é singular e está intrinsecamente ligada ao universo particular de cada um. Kleinman e Kleinman (1991, p.277) entendem esse conceito como:

Experiência pode, em termos teóricos, ser pensada como o meio intersubjetivo de transações sociais em mundos locais e morais. É o resultado de categorias culturais e estruturas sociais interagindo com processos psicofisiológicos da forma como o mundo mediado é construído. Experiência é fluxo do que é sentido nesse meio intersubjetivo.

Nos parágrafos anteriores, nosso objetivo foi expandir o conceito de experiência e exemplificar como questões relacionadas a essa vivência são analisadas do ponto de vista antropológico. Os autores mencionados não apenas ofereceram suporte teórico para o desenvolvimento conceitual proposto, mas também demonstraram como a antropologia constrói seu conhecimento por meio de narrativas, que são uma maneira parcial de acessar as experiências em questão. Em suma, a jornada do adoecimento revela-se como uma experiência marcante para os tatuadores investigados, redefinindo o que antes era familiar de forma totalmente inovadora. É um momento de interrupção de eventos na vida dessas pessoas, especialmente quando traz consigo dor e sofrimento, capaz de reconfigurar as relações que já estavam estabelecidas.

Nesse sentido, irei debater acerca dos principais temas que surgiram com mais frequência no diário de campo da pesquisa e se mostraram extremamente pertinentes para os tatuadores envolvidos no projeto. Será essa perspectiva que guiara o meu trabalho. A fim de introduzir o assunto, o que eu chamo de "eixos" são, na verdade, questões que levanto para refletir sobre a experiência da doença. Para uma melhor compreensão de como esses aspectos

foram destacados no trabalho de campo, vou relembrar a história compartilhada comigo pelo tatuador.

Ao finalizar uma longa sessão, Rodrigo me convidou para tomar uma cerveja, enquanto ia em direção à geladeira, parou de repente, mudando seu caminho, foi até seu quarto e retirou seu contra-baixo que estava suspenso na parede e disse: “hei... chega aí, quero te mostrar uma coisa”, caminhei lentamente até seu quarto, “senta aí [apontou para sua cama] quero que você escute o som que acabamos de gravar”. Apesar de aparentar cansaço, pareceu ter se animado com o momento, “não costumo dividir uma composição até estar pronta”. Enquanto escutava a música, percebi que apenas o instrumental estava finalizado, indaguei se ele já tinha composto a letra ou se estava pensando em escrever algo, prontamente respondeu “estou [escrevendo]”. Perguntei qual o significado da letra, “é sobre meu dia-a-dia, letras que fletem sobre depressão e pensamentos suicidas... Todas [letras] falam sobre isso”. Ao me deparar com o seu caderno, decidi fazer uma transcrição do seu conteúdo.

Na imensidão oculta do meu dia a dia, me envolvo com as palavras que iluminam a angústia da depressão e os pensamentos que flertam com o abismo do suicídio. Sussurros melancólicos ecoam em minha mente, entrelaçados como harmonias. Meu pensamento é um território sombrio ao explorar essas batalhas internas. Como um ator interpretando um papel obscuro, busco autenticidade ao expressar esses sentimentos escuros. Desvendo as camadas de tristeza e desamparo, revelando aos que vão ouvir as profundezas inexploradas de um coração desesperado. Através da arte, compartilho minha jornada íntima, lançando um olhar através das diferentes perspectivas.

Essa entrada no tema do sofrimento mental por meio de sua composição abriu o debate para entender os processos de individualização do sofrimento aos quais os tatuadores da pesquisa estão submetidos. Uma das contribuições da abordagem antropológica do adoecimento mental é perceber como esses fatores diversos, que não são perceptíveis por diagnóstico, se imbricam nas trajetórias das pessoas adoecidas e nas redes de relações em que estas circulam e se localizam.

Com a disposição demonstrada por Rodrigo, decidi lançar uma provocação durante nossa conversa, trazendo à tona uma reflexão que havia registrado em meu diário de campo algumas horas antes. Naquela tarde, ele havia admitido que isso o afetava profundamente, chegando ao ponto de se sentir perdido e se tornar um "condutor de energia" para aqueles que tatuava. Não pude deixar de questionar: será que vale a pena arriscar sua própria saúde mental por isso? Um silêncio pesado se abateu sobre nós, e notei em sua expressão traços inquietantes.

De forma alguma Rodrigo respondeu de maneira ríspida minha provocação. Começou dizendo que minha interpretação era possível, afinal, adoecer “faz parte do seu trabalho e de todos que se propõem a se conectar com o outro”, e que “o processo de transformar vidas está sujeito a riscos”. Ao receber sua resposta, uma dúvida surgiu em minha cabeça, então decidi provocá-lo mais uma vez, perguntando por que nem todos os membros do coletivo colaboram com o projeto. Rodrigo é bastante enfático em sua opinião: “esse tipo de trabalho não é para qualquer pessoa. Tem que ter uma sensibilidade diferente, uma atenção maior a esse tipo de trabalho, porque envolve muito diálogo, mas entendendo que você tem que estar muito mais disposto a ouvir do que falar”. E conclui: “também tem que ter uma desenvoltura para conseguir acessar essas informações sem parecer algo forçado, invasivo [...] então tem que ter muito tato. Além da conexão, você tem que ter uns parâmetros que vão te ajudar a tirar o melhor resultado possível”.

Eu sempre chamo os tatuadores para participarem do projeto [...] sei que a maioria se identifica com essas questões como depressão, ansiedade e distúrbios mentais, então na minha cabeça, estou proporcionando uma oportunidade para esses caras ajudarem outras pessoas. No começo, todos dizem “que foda mano, quero participar, estou dentro”. Há um interesse genuíno na parada, mas quando começam a participar o que parecia ser o paraíso se transforma no inferno. Geralmente o primeiro contato causa um estranhamento muito grande, é um ponto que considero definitivo entre o tatuador continuar no projeto ou desistir. Se o tatuador não conseguir lidar com esse primeiro contato, com certeza ele não vai continuar [...] É muito perceptível que para alguns pode ser um buraco sem fim. Se o cara lidar numa boa [com o primeiro contato], ele continua e vai aprendendo a lidar com as pessoas que participam do projeto.

A meu ver, Rodrigo está definindo parâmetros para a escolha desses profissionais. Considerando a sua resposta, podemos dividir os critérios que ele utiliza para tal seleção. O primeiro, trata-se do que denominaremos de “entusiasmo prematuro”, que surge com o convite para participar do projeto. Ao aceitar a proposta, o tatuador terá que lidar com a situação real, onde se deparará frente a frente com o paciente-cliente e sua história de vida. É a partir deste momento que o tatuador decide se continua ou desiste. E o segundo, o “processo contínuo”, nesse momento, o tatuador já está imerso na prática e compreende toda complexidade do trabalho. Minha dúvida, então, era como esses processos eram relevantes para compreender a perspectiva nativa sobre o adoecimento entre os tatuadores do projeto. No decorrer do meu trabalho de campo, houve algumas mudanças nos nomes que os tatuadores atribuíam aos personagens que participaram ou desistiram do projeto. Foi o caso de Jotta e de

Fred⁵⁸, tatuadores escolhidos por Rodrigo como opção para entendermos como os conceitos se relacionam com sua visão sobre o adoecimento.

Jotta, 28 anos, morador de São Paulo, foi *guest*⁵⁹ no Fraccta entre 2017 e 2019. Ao ser convidado para participar do projeto, estava passando por um momento delicado em sua vida, tendo perdido um amigo próximo para a depressão. “Quando chamei o Jotta, senti que aquilo era o certo a se fazer”. Ao se deparar com o projeto, ele ficou muito animado, queria muito fazer parte daquilo, “se sentir útil, mudar a vida de alguém”. Contudo, a experiência foi completamente diferente do que ele esperava. O encontro com o paciente-cliente foi bastante angustiante. De acordo com Rodrigo, “ele travou”, sentiu-se como se estivesse diante de seu amigo, revivendo todo o processo de luto, isso o deixou muito confuso e emocionado. Suas mãos estavam trêmulas, sentiu o coração acelerar, por um momento pensou que estava tendo um ataque cardíaco, mas logo percebeu que era uma crise de ansiedade. Respirou fundo e caminhou até o banheiro para lavar o rosto. Solicitou cinco minutos para fumar um cigarro na tentativa de recompor-se, mas seu emocional já estava abalado. Não conseguiu concluir a tarefa. Naquela noite, entrou em contato com Rodrigo e disse: “não dá para mim, estou fora cara!”. Transcrevo a mensagem de Jotta para Rodrigo por *WhatsApp*⁶⁰:

Chaves [apelido de Rodrigo] quero te agradecer pelo convite e também te pedir desculpa. No caminho para casa fiquei pensando que foi a pior decisão que tomei durante meu tempo tramando com tattoo. Vi que eu não estou pronto para dar um passo nessa direção [...] Surgiram vários gatilhos que me fizeram perceber que continuar seria um erro da minha parte e que minha saúde mental não está preparada para lidar, não agora. Mas posso garantir que aprendi a te admirar e te respeitar muito mais. O trampo que vocês fazem é foda para caralho. Obrigado mano, e novamente, peço perdão se te decepcionei. (jotta, mensagem por *WhatsApp*)

Fred, de 34 anos, residente em Caxias, Rio Grande do Sul, trabalhou como *guest* no estúdio entre 2018 e 2019. No entanto, de acordo com Rodrigo, sua experiência foi muito diferente da vivida por Jotta. Segundo ele, o tatuador relatou que se sentiu ótimo durante o procedimento e realizou o trabalho com facilidade. Fred se prontificou a participar do projeto por se identificar com a causa. Fred passou por um momento difícil em 2015, quando tentou tirar a própria vida e precisou ficar internado por seis meses em um hospital psiquiátrico. O projeto mexeu com ele em um lugar muito íntimo. Entretanto, após algumas semanas, Fred optou por desistir, já que seu terapeuta recomendou que não tocasse na ferida, pois isso poderia despertar gatilhos. Fred preferiu não arriscar. Rodrigo recorda que o tatuador ficou

⁵⁸ É relevante ressaltar que não consegui entrar em contato com Jotta e Fred. Suas narrativas são contadas pela perspectiva de Rodrigo e por meio das conversas de WhatsApp que obtive por intermédio do tatuador. Ressalto que os nomes dos tatuadores são fictícios.

⁵⁹ Tatuador que é convidado, mas não faz parte da equipe definitiva do estúdio.

⁶⁰ Mensagem disponibilizada por Rodrigo.

extremamente frustrado ao ter que abdicar da experiência. Rodrigo recorda como foi essa conversa: “foi bastante complicado para ele e para mim. Ele desejava prosseguir, mas poderia estar se expondo demais, o que seria um risco desnecessário para seu tratamento”.

Poderíamos continuar lançando mão de uma série de exemplos que ajudariam, por analogia, a compreender a natureza complexa das relações que permeiam o que acontece no que denominados de “entusiasmo prematuro”. Portanto, observe como Jotta e Fred são personagens que tensionam a narrativa de Rodrigo. Apesar de Rodrigo não admitir a possibilidade de um adoecimento prematuro, é possível notar certa contradição em sua narrativa. Os casos de Jotta e Fred ilustram que o adoecimento pode ser vivenciado em um momento inicial de contato entre tatuador e paciente-cliente. Ademais, parece ser um fator relevante para a decisão do tatuador em prosseguir ou não com seu trabalho. Desde o começo da interação, o tatuador se depara com a realidade do adoecimento. Entretanto, na visão nativa, só é possível ficar doente quando se ultrapassa essa fase. Rodrigo acredita que o adoecimento é uma possibilidade quando o tatuador se envolve intensamente com o projeto e por consequência com o paciente-cliente. Para ele, essa relação não pode ser estabelecida com apenas um contato, mas sim através de um processo contínuo.

Fui convidado para participar de trabalho com crianças portadoras de HIV, fui apenas uma vez, gostei da experiência. Mas não posso dizer que faço parte do projeto, para eu assumir essa posição tem que haver mais, tem que se arriscar, depois da primeira experiência é muito perceptível que o trabalho pode levar para um lugar muito perigoso para alguns e prazeroso para outros.

Douglas e Alexandre compartilham da mesma compreensão. Embora não demonstrem interesse em explorar o assunto, suas perspectivas se aproximam da visão de Rodrigo, ou seja, a noção de experiência do adoecimento é “processo contínuo”, ou seja, decorre do envolvimento com os pacientes-clientes. De acordo com Douglas, “o envolvimento é a parte mais importante durante o momento que estou em contato com a pessoa”, Alexandre reforça: “o envolvimento é fundamental para o processo ter significado”. Suas visões encontram respaldo em Talcott Parsons, na qual apontava que devemos analisar o adoecimento como consequência da inter-relação entre o adoentado e o terapeuta.

A partir do “processo contínuo” é que vamos compreender as formas de individualização do sofrimento aos quais os tatuadores do projeto estão submetidos, cujas consequências afetam tanto a saúde mental quanto física. Portanto, é nessa etapa que o tatuador se depara com e seus processos de adoecimento e a busca pela cura. Vários fatores influenciam a visão sobre a escolha de cuidado, entre eles: “representações da saúde ou da

doença, os significados, a etiologia, as crenças, a família, as redes sociais, as condições socioeconômicas, pela disponibilidade ou não dos serviços” (ALZATE LÓPEZ, 2014, p.38). Embora inseridos no mesmo projeto, suas narrativas evidenciam as trajetórias, os significados, as experiências, e os planos construídos dentro das possibilidades.

No meu convívio com os tatuadores, foi perceptível notar o esforço que eles depositavam para que o trabalho seja visto como um relacionamento bilateral, mas a partir de uma conversa com Rodrigo percebe-se uma simetria entre os sentidos atribuídos entre todos os envolvidos. Enquanto os pacientes-clientes consideram o momento como algo terapêutico, o processo do tatuador parece ser mais complexo.

3.5.1 - “Enquanto coopero, quem me apoia?”

Durante o feriado de carnaval, Rodrigo tinha fechado seu horário com um cliente para tatuar. Mas no dia, o cliente desmarcou. Frustrado, o tatuador me ligou perguntando se eu “estava de boas”, se eu queria “dar um pulo no estúdio”, “trocar umas ideias e tomar uma cerveja”. Eu tinha programado passar meu dia sem fazer nada, queria estar só, experimentar a vida no silêncio que havia encontrado longe de todos, mas diante do convite, mudei de ideia e decidi ir ao seu encontro. Diferente de outras capitais, o carnaval de Curitiba é algo atípico. Os dias frios fazem com que os curitibanos “fujam” para o litoral, essa debandada faz com que muitos digam que “Curitiba não tem carnaval”, embora, tal afirmação não seja verdadeira, as ruas estavam testemunhando a favor daqueles que se orgulham com tal afirmação. O trajeto foi realizado de maneira rápida e tranquila. A calma das ruas contrastava com o humor de Rodrigo.

Logo ao chegar pude perceber sua inquietude, seus pensamentos pareciam querer gritar, poucas vezes o tinha visto deste modo. Minha primeira reação foi associar com a desistência de seu cliente, por ser uma situação recorrente na rotina dos tatuadores, confesso que já tinha presenciado inúmeros cancelamentos, fiquei surpreso com sua irritação, mas percebi ter algo a mais lhe incomodando. Apesar do frio, nos sentamos na varanda para fumar um cigarro, antes de qualquer assunto se desenrolar, Rodrigo diz “te chamei aqui porque confio em você”. Nossa conversa sobre adoecimento tinha de algum modo despertado em Rodrigo gatilhos, e ele queria falar sobre o “custo” emocional de lidar com sobreviventes de tentativas de suicídio.

Enquanto segurava seu cigarro entre os dedos da mão direita, virou seu corpo, levemente em direção ao cômodo utilizado para o projeto, mas virou-se de uma forma que

tentava não olhar em sua direção, apenas sua mão esquerda apontava para o local. Como se buscasse se distanciar, pelo menos, naquele instante. Como uma criança que mostra o resultado de sua bagunça, mas diante do olhar punitivo dos seus pais, preferiu não encarar sua desordem. Sua voz tremula e quase imperceptível, sussurrou: “enquanto eu ajudo os outros, quem me ajuda”. Sua fragilidade naquele momento contrastava com sua imagem do líder que tem tudo sobre controle. A personagem que todos se apoiavam parecia desmoronar bem na minha frente. Seu envolvimento integral no projeto parece cobrar seu preço.

Sinto que todo o novo trabalho é cavar um lugar profundo e desconhecido. Ao longo de minha vida, a arte e a expressão têm se mantido na vanguarda de tudo o que faço. Comecei a desenhar e tatuar quando era muito jovem, e o que parece ser uma vida inteira depois, sou abençoado por poder fazer o mesmo em um nível profissional. Embora a tatuagem me tenha dado inúmeras oportunidades para me expressar e ser criativo, eu luto constantemente com ansiedade e sendo uma pessoa introvertida. Reconhecendo que tenho estas, o que eu chamo de "grandes sentimentos", pode ser extremamente difícil navegar através deles de uma maneira consistente que seja propícia ao meu bem-estar. Há dias em que não vou olhar para o meu telefone, onde não vou sair da cama. Semanas em que eu evitaria qualquer contato com o mundo fora do meu próprio. Enquanto navego através destas emoções, há uma sensação de vulnerabilidade e consolo que encontrei quando se trata de me expressar da maneira mais genuína que posso. Ser capaz de desenhar, tatuar e pintar tornou-se uma saída tão catártica para processar através dos momentos de dor que vivi em minha vida. Estas emoções vêm em ondas, grandes e pequenas, e eu faço o melhor que posso todos os dias para surfar estas ondas. Ao surfarmos estas ondas, não temos que fazê-lo sozinhos. A tatuagem é minha maneira de comunicar com o mundo.

Percebi que não é possível discutir a existência de um “processo contínuo” sem conectá-lo, especialmente, a um “adoecimento contínuo”. Sua trajetória é fundamental para compreendermos sua visão. Rodrigo tem enfrentado sentimentos como a depressão e ansiedade ao longo de sua vida, “tenho lutado contra isso desde que me lembro. Mas foi por meio do projeto que entendi realmente esses termos. Tive crises tão profundas e tão intensas que o suicídio parecia ser uma alternativa para continuar”. Apesar disso, seu envolvimento permite a experimentação de novas possibilidades, significados e experiências em busca de sua cura, “sou grato por conseguir passar e ainda estar aqui para falar sobre isso”. Contudo, ele não nega sua vulnerabilidade diante das complexidades que são impostas nesse “processo contínuo”, sabendo que muitas vezes está em um lugar perigoso para si mesmo, “o simples ato de reconhecer que eu não estava bem era poderoso”. Disposto a compartilhar sobre o seu processo de adoecimento e como o está enfrentando, relembra o momento em que percebeu que estava adoecendo pela primeira vez.

Estava em uma noite na minha casa quando o celular tocou. Era uma pessoa do projeto no outro lado da linha. Sai de casa de madrugada para conversarmos. No outro dia eu estava sentindo o peso do mundo e comecei a perceber que eu não estava dividindo minha função. Rolou um sentimento duplo, enquanto minha razão

dizia para eu não me envolver além do projeto, havia dentro de mim uma necessidade de ajudar, uma necessidade em ser como um “salvador”. “Comecei a sentir que essa energia estava me levando para um lugar perigoso, eu não poderia ser o responsável por aquelas pessoas, foi quando tive uma crise de pânico, parecia que eu ia morrer, foi a primeira vez que questionei o tipo de trabalho que eu estava fazendo”.

Durante alguns dias, Rodrigo ficou em casa, lutando contra pensamentos suicidas, “eu acordava cedo e ia direto tomar um banho gelado para me sentir vivo. Além disso, enfrentou diversos bloqueios criativos nesse período, “não conseguia produzir nada, era um ciclo de começar a produzir algo e acabar na cama chorando por fracassar”. Foi quando resolveu buscar ajuda de alguns amigos que o acompanharam durante essa fase e o incentivaram a procurar um especialista em psicologia. Durante a conversa sobre sua experiência, ele se pôs de pé e disse: “vamos, levanta daí”.

Enquanto caminhamos em direção à sala onde as atividades do projeto são realizadas, indaguei: “já fiz terapia, tomei remédios prescritos e hoje uso medicamentos alternativos como o cogumelo e outras coisas”, tentei perguntar quais, mas fui interrompido pelo som da porta abrindo, apesar do frio, o entardecer ainda nos presenteava com o raio do sol iluminando o local. Ao entrar porta dentro, sentou-se em sua maca, seu olhar por um instante percorria cada centímetro do pequeno espaço. Logo o silêncio foi rompido por sua afirmação: “todos os tratamentos me ajudaram, mas é aqui que faço minhas perguntas e às vezes encontro respostas. Lidar com a realidade de outras pessoas é um processo de se conhecer melhor”.

3.5.2 - “Vamos, o dia está agradável hoje”

Em um determinado dia observava o trabalho de Alexandre, quando o tatuador perguntou se eu queria acompanhá-lo até a padaria para comprar um energético. Eram somente 10 horas da manhã, seu semblante já aparentava cansaço, afinal das contas, passou a madrugada viajando de ônibus de São Paulo à Curitiba. Seu horário estava cheio, voltaria para São Paulo no final do dia. Encarei aquele convite como uma oportunidade única, já que as relações construídas dentro do estúdio eram mais breves por conta do pouco tempo. Por estar próxima do estúdio, sugeri que fossemos caminhando até a padaria. “Vamos, o dia está agradável hoje”, respondeu Alexandre. Na manhã ensolarada, os sons dos animais e das folhas ao vento ecoavam perenes, contrastando com o barulho das máquinas dentro do estúdio, que refletia a inquietude interior de Alexandre.

Figura 27- Foto tirada durante o percurso até padaria



Fonte: De autoria própria (2021)

Iniciamos a conversa sobre a dificuldade de se deslocar de São Paulo até Curitiba para alguns poucos trabalhos, refletimos sobre como a primeira tatuagem do dia em um sujeito do projeto pode influenciar todo o seu dia. Mesmo com os questionamentos apresentados, ele brincava comigo, fazia piadas, não queria entrar no assunto. Foi então que me recordei de uma publicação em seu Instagram. Na postagem, ele mencionava a metáfora da mariposa em busca da luz. Pedi para que ele me explicasse essa metáfora. Ele ficou surpreso por me recordar dessa postagem. Animado ele diz:

Gosto dessa metáfora porque ela revela que a verdade só existe dentro de nós por meio de uma experiência subjetiva. A curiosidade das mariposas em descobrir o fascínio pela luz é a mesma que nos seres-humanos temos, cada um de seu jeito. Enquanto elas ficavam ali criando inúmeras teorias, como sempre fazemos, apenas uma decidiu voar em direção da luz e foi a única que descobriu o mistério, embora custasse sua vida. Para mim a lição que fica é que só a vivência sem medo pode nos impulsionar em direção da luz, seja lá o que ela for.

Concluindo seu relato, perguntei se aquela metáfora estava relacionada com sua saúde mental e profissional. Alexandre reduziu o ritmo dos passos, abaixou a cabeça e respondeu de forma abrupta: “Sim, ambos”. Notei que ele tinha muita vontade de compartilhar sua história, mas a presença do pesquisador desconhecido talvez fosse um obstáculo. Alexandre preferiu não se expressar em primeira pessoa, o relato trouxesse um comprometimento e uma fragilidade. Aqui observo uma importante consideração vindo de Alves e Rabelo (1999) que refletem sobre o uso de metáforas em processos de saúde e cura. Para os autores, o uso desta figura de linguagem sobre tais questões não representa apenas significados atribuídos à experiência, mas também questionam formas diferentes de configurá-las. A relevância disso está na forma das metáforas estarem ligadas à experiência vivida e na forma de expressá-la. No caso dos meus interlocutores, devemos compreender que o uso de algumas metáforas pode representar um significado específico para essa situação em que ela é empregada. E além de servirem unicamente para facilitar alguma explicação. Elas fazem parte das configurações de relações, dos posicionamentos, sobretudo, elas além relacionarem significado a experiência do adoecimento também mostram a perspectiva do mundo de quem vive esse momento.

Naquela manhã, conversamos rapidamente. Eu estava receoso de não conseguir me aprofundar no assunto. Inúmeras dúvidas surgiam em minha mente, como, por exemplo, “será que comecei cedo demais”, “fui muito incisivo na abordagem”, “será que terei outra chance”. Mesmo sem respostas, opto por continuar acompanhando a rotina do tatuador, apenas como um observador. Alexandre, após terminar a sessão, me chamou em um canto e perguntou “você tem compromisso hoje a tarde?”, não tenho, respondi, será que podemos trocar uma ideia sobre o que falamos de manhã?, “Claro, podemos sim”, respondi controlando o meu entusiasmo.

Na tarde daquele mesmo dia, nos encontramos próximo à rodoviária em uma pequena cafeteria, notei que o tatuador parecia estar mais disposto. Logo, minha suspeita se comprovou, “meu último cliente desmarcou o trampo. Graças a Deus consegui dormir duas horinhas”. Parecia ser um bom sinal. Horas antes, minhas anotações lembraram-me que Alexandre, assim como Rodrigo, também se valia da ideia do “processo contínuo” para se referir ao processo de adoecimento.

Alexandre discorre sobre seu tempo no projeto, recorda que demorou alguns meses para perceber que estava diante de um vazio existencial. Nesse processo, dúvidas começaram a fazer parte do seu cotidiano. Por exemplo, começou a ponderar até onde poderia ir, se estava ajudando ou atrapalhando seus pacientes-clientes, “como meus desenhos têm uma característica de transtorno da mente, quase 50% dos meus clientes têm algum tipo de

transtorno. Hoje mesmo tatuei uma pessoa com *borderline*", diz Alexandre. Ao compartilhar seus sentimentos, mais inseguranças apareceram, começou a imaginar que poderia estar diminuindo ou tentando apagar a história desses sujeitos, foi quando começou a se retrair, até o momento que sentiu que "não estava mais dando conta". Retomamos a ideia do "adoecimento contínuo", já que o tatuador busca destacar que o processo não ocorreu rapidamente. Como consequência, seu corpo parecia estar em "febre constante" e seus "ossos causavam desconforto".

Nesse período, chegou a rejeitar trabalhos do projeto. Imaginou que poderia estar influenciando seus pacientes-clientes negativamente, sua visão nihilista começou a incomodá-lo. Em seus pensamentos: "não parecia lógico essas pessoas me observarem e identificarem um vazio maior que o delas". Alexandre, divide esse processo em dois momentos. Primeiro, ao dividir seus medos e inseguranças com outros colegas de profissão, compreendeu que não estava sozinho. O segundo, encontrou na ajuda profissional de um psiquiatra os remédios que o ajudaram a controlar seus ataques de ansiedade. E das sessões terapêuticas da psicologia analítica aprendeu que naquele ponto "não tinha como voltar", pois decidiu não decepcionar ninguém.

Ao ser questionado sobre a utilização dos remédios, afirma: "eu reduzi a minha medicação; eu estou tentando com mais vontade. Se eu fico sem tomar por um dia, é como se fosse o antigo eu vezes um milhão, tipo, eu sou estúpido". Mas ele faz questão de dizer que ainda sente necessidade de sentir os velhos sentimentos, "assim que bate, eu estou apenas trabalhando e não tenho tempo para me conectar com a dor do outro, então eu sempre me certifico de ficar alguns dias sem tomar e ter alguns dias sendo eu mesmo". Entretanto, afirma que parar de tomar sua medicação "é algo fora de cogitação agora; é algo que eu não ousaria brincar porque isso está me fazendo muito bem. Eu não acho que se eu parar de tomá-los eu vou voltar para onde eu estava". Por fim, faz questão de enfatizar que não estou tentando glorificar ou romantizar o sentimento de tristeza e melancolia⁶¹:

O problema que nós temos na sociedade hoje é que é tão fácil ignorar a escuridão da sua mente, porque nós podemos estar o tempo todo entretidos. Nós não gostamos de ficar sozinhos; pessoas não estão sozinhas. Se você sai de perto de alguém, você vai direto pro seu celular. Nós temos medo de ficarmos com os nossos próprios pensamentos. Isso é tão ruim, porque se você nunca deixar as emoções tomarem conta de você, ou você nunca pensa nelas, ou você não consegue trabalhar elas, então se você está se sentindo mal com a sua aparência ou seu trabalho ou qualquer coisa, e você não processa essa informação, ela só fica nessa nuvem preta enorme voando em cima de você para sempre. Ao invés disso, você está deixando essas coisas crescerem, e eu acho que as pessoas seriam muito mais felizes se elas simplesmente se deixassem sentir.

⁶¹ É válido ressaltar que os tatuadores entrevistados nem sempre relacionam arte com sofrimento.

3.5.3 - “falar sobre adoecimento pode ser uma fragilidade”

Os tatuadores entrevistados identificam o processo de adoecimento como um “processo contínuo. Contudo, percebi que Douglas nos apresenta outra perspectiva diferente sobre esse processo. O tatuador é mais reservado ao abordar o tema. Sua decisão passa por um afastamento como um processo preventivo. Em suas palavras, “falar sobre adoecimento pode expor uma fragilidade”. Falar sobre as consequências do adoecer era um tabu. Nas diversas abordagens, sua resposta era sempre a mesma: “não vou falar sobre isso”. Foi quando tomei a decisão de apenas acompanhar suas sessões em silêncio. Essa resistência, alterou minha abordagem, meu foco agora passa ser o motivo pelo qual ele não deseja discutir o assunto. Compreendi que ele necessitava de um intervalo e, durante esse período, a resposta surgiu. O tatuador, relutante, decidiu responder, porém, de maneira brusca, justificando: "prevenção". Nos dias que se seguiram, recebi uma mensagem através do Instagram de Douglas.

- Fala Mestre! Suave? Mano, peguei 3 pessoas nesses últimos meses com cicatrizes profundas e tampei com tattoo. Tu acha isso meio comum?
- Tentativas de suicídio?
- Sim, todas.
- Você acha que essas pessoas chegaram até você pelo projeto?
- Não, elas não sabiam da existência do rolê. Simplesmente apareceram.
- Isso te deixou preocupado?
- Sim, parece uma epidemia. Conversei com uma galera de outros estúdios e parece ser algo cada vez mais comum.

Indaguei a Douglas se essa situação estava afetando seu emocional, ele afirmou que não, apenas se surpreendeu com a recorrência dos casos. Ele fez questão de destacar que era diferente dos outros tatuadores. Foi enfatizado por ele que estava ciente dos riscos à saúde que poderiam surgir ao se envolver em um projeto como esse, e que conhecia a situação dos outros tatuadores envolvidos, mas que não se aplicava a ele. Questionado sobre uma possível solução para se sentir menos vulnerável, ele respondeu que o processo que o manteve

saudável está diretamente relacionado às suas crenças e também ao método que utiliza com cada paciente-cliente, segundo Douglas: “Não adoeço, não levo para casa nada do que acontece no estúdio, parece uma atitude sem coração, de alguém frio, mas eu tenho que ser profissional”.

Ao ser questionado sobre por que não fala sobre certos assuntos, como o adoecimento, Douglas explicou que acredita no poder das palavras e que mencionar o tema pode atrair energias negativas e essas energias são o motor de sua atividade profissional. Malinowski (1922) já tinha destacado a relevância linguística para seu trabalho teórico, assim como também desenvolveu uma teoria etnográfica da linguagem que surgiu diretamente do seu trabalho de campo, especialmente da sua imersão na magia das Ilhas Trobriand. O autor afirmou que a magia das ilhas Trobriand era encontrada nas palavras (encantamentos) pelos nativos. Tambiah (1985) também afirmou que “o ritual, tal como observado em comunidades primitivas, é um complexo de palavras e ações [...]. As palavras não são uma coisa e o rito outra. Pronunciar as palavras é, em si, um ritual”. De acordo com Tambiah (1985), as palavras utilizadas em rituais não podem ser agrupadas de forma indiferenciada. Os rituais empregam diversas formas verbais, vagamente denominadas por nós como preces, canções, encantamentos, discursos, bênçãos, entre outras.

Nas afirmações de Douglas, percebe-se claramente a magnitude que ele concede às palavras, como se fossem os alicerces sagrados de sua jornada ritualística. Ele revela sua crença no poder inebriante e transcendental das letras que ganham vida em sua boca. Cada sílaba é pronunciada com entusiasmo, como uma invocação para despertar forças divinas e desencadear uma metamorfose interior. Nesse frenesi verbal, Douglas se entrega inteiramente, capaz de conjurar realidades e alterar destinos através do peso carregado por essas palavras encantadas. É como se cada frase proferida fosse um ritual em si, capaz de transformar a realidade, moldando-a ao seu propósito. Não é apenas um mero discurso vazio, é uma manifestação artística que transcende o comum e cria um universo mágico próprio, onde a palavra é divindade entre o terreno e o transcendental.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.

No decorrer deste trabalho, procurei descrever minuciosamente o funcionamento do projeto Fractta em Curitiba. Começando pela trajetória de seu fundador e a adesão de tatuadores à equipe. Além disso, expus a complexidade envolvida na seleção criteriosa dos pacientes-clientes que encontram acolhimento nesse projeto, concebido como um espaço para

profundas conversas e compartilhamento de experiências. Diante das exigências trazidas pelo âmbito da pesquisa, tornou-se crucial abordá-las de maneira mais densa (GEERTZ, 1978). Ao longo dessa investigação, que venho conduzindo desde 2018, pude notar um aumento significativo de pessoas que passaram por traumas e escolheram enfrentar suas feridas por meio de tatuagens. Em estúdios de tatuagem, muitos indivíduos têm encontrado nessa arte uma forma de superar seus traumas, enfrentar suas dores, problemas psicológicos, tratamentos e terapias. Conforme as considerações de Shainna Ali (2018), a tendência entre os sobreviventes de traumas em buscar a cura por meio da arte da tatuagem tem se tornado cada vez mais notável

Na minha pesquisa, tive o privilégio de conviver com pessoas que superaram tentativas de suicídio. Através dessas experiências, percebi a importância de ouvir suas histórias, suas dores, lamentos e frustrações. Mas o mais incrível é testemunhar a ressurgência constante da esperança em suas vidas, conforme eles redefinem suas cicatrizes. Imagine que a tatuagem, através de suas linhas profundas, assume a nobre responsabilidade de marcar essas cicatrizes. Sua missão intrínseca é lembrar, como um marcador visceral, tudo o que foi vivido. Como afirmou Sarnecki (2001), a criação de histórias que trazem cura a partir desses eventos poderia ser chamada de "luto criativo". Trata-se de desvincular a dor e transformar a própria cicatriz em um símbolo de sobrevivência e superação da zona cinzenta causada pelo trauma. Seguindo essa lógica, a autora argumenta que, em certos casos, a marca que representa o trauma é feita no mesmo local onde ocorreu a dor. Isso traz à tona a ideia de apropriar-se do evento através da repetição. Nesse sentido, a tatuagem se torna uma forma visual de lembrar a dor, já que a mente tende a dissolvê-la ao longo da vida. Ela se torna um documento, uma evidência da memória volátil e efêmera.

Além disso, ao longo desse caminho, pude observar questões ambíguas surgindo. Enquanto os sobreviventes destacam a tatuagem como uma opção terapêutica eficaz, os tatuadores abordam o assunto a partir de uma perspectiva da experiência do adoecimento (TURNER, 1986; LANGDON, 2001; GOOD, 2008; KLEINMAN E KLEINMAN, 1991). Nesse contexto, fica evidente que a tatuagem com fins terapêuticos é uma prática que pode envolver tanto aspectos favoráveis quanto desfavoráveis. Enquanto alguns encontram nela uma forma terapêutica de lidar com traumas e superar dificuldades, outros ressaltam os riscos potenciais para a saúde mental. Essas ambivalências devem ser consideradas e debatidas, buscando sempre o equilíbrio entre os benefícios emocionais e os cuidados necessários para uma prática segura.

Com base nos resultados desta pesquisa, é possível enriquecer o entendimento sobre o adoecimento ao explorar como os tatuadores envolvidos no estudo lidam com os processos individuais de enfrentamento. A visão antropológica da experiência do adoecimento traz contribuições valiosas ao perceber como diversos fatores, que nem sempre podem ser diagnosticados, se entrelaçam nas vivências das pessoas afetadas e nas redes de relacionamentos em que estão inseridas.

Após me debruçar ainda mais sobre a minha pesquisa de mestrado, me dei conta de que era crucial ampliar tanto o escopo do tema de estudo quanto o círculo de interlocutores com quem eu trocava ideias, a fim de preencher as brechas existentes. E assim, descobri a arte como um meio intrigante e poderoso para sensibilizar e mobilizar outras pessoas em relação à tatuagem como prática terapêutica.

É necessário reconhecer que ainda há lacunas a serem preenchidas neste campo para compreender por completo as experiências que moldaram essas vivências, principalmente após a inclusão de novos tatuadores ao projeto. Portanto, decidi realizar uma pesquisa etnográfica em parceria com tatuadores e sobreviventes de tentativas de suicídio. Ao fazê-lo, identifiquei questões problemáticas relacionadas. Dessa forma, meu trabalho contribuiu para trazer à tona, por meio de um diálogo entre diferentes vivências, a importância da tatuagem como prática terapêutica, além de sensibilizar e mobilizar outras pessoas para essa temática.

REFERÊNCIAS

ALZATE LÓPEZ, Y. A. **Experiências de enfermidade e itinerários terapêuticos de portadores de Leucemia Mieloide Crônica nas cidades de Medellín, Colômbia e Salvador-BA**, Brasil. 2014. 192f. Tese (Doutorado) – Instituto de Saúde Coletiva. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014.

ARAÚJO, Leusa. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

AQUINO, T. A. A. **Atitudes e intenções de cometer o suicídio: seus correlatos existenciais e normativos**. 2009.

ATKINSON, M. (2002). **Pretty in ink: Conformity, resistance, and negotiation in women's tattooing**. *Sex Roles*, 47(5).

ATKINSON, P. (2015). **Rescuing interactionism from qualitative research**. *Symbolic Interaction*, 38(4). 467-474. doi:10.1002/symb.183

BECKER, Sandra Greice et al. **Dialogando sobre o processo saúde/doença com a antropologia**: entrevista com Esther Jean Langdon. *Revista Brasileira de Enfermagem*, São Paulo, v. 62, p.323-326. 2009.

BERLINCK, M. T. A. (1999). **Dor**. In M. T. A. Berlinck (Org.), *Dor* (p. 7-22). São Paulo: Escuta.

BIEHL, João. **Antropologia do Devir**: Psicofármacos – Abandono Social – Desejo. *Revista de Antropologia da USP*. São Paulo, v. 51, n. 2, p. 413-49, 2008.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega – Significado do Corvo**. Vol. I. 15ª Edição Petrópolis: Vozes, 2000.

BUTLER, J. (2015). **Quadros de Guerra**: Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 2009).

CAPLAN, J., editor, 2000: **Written on the body. The tattoo in European and American history**. London: Reaktion Books.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir e escrever. *Revista De Antropologia*, 39(1), 13-37. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111579>

CARMEN, R. A., GUITAR, A. E., & DILLON, H. M. (2012). **Ultimate answers to proximate questions: The evolutionary motivations behind tattoos and body piercings in popular culture**. *Review of General Psychology*, 16(2), 144-151. doi:10.1037/a0027908

CASTELLANI, A. 1995: **Ribelli per la pelle. Storia e cultura dei tatuaggi**. Genoa: Costa and Nolan.

CASTELLS, M. (1999). **A sociedade em Rede: A era da Informação**: Economia, Sociedade e Cultura: O poder da Identidade. (5ª ed.) (K. B. Gerhardt, Trad.). São Paulo: Editora Paz e Terra.

CAVALCANTI, M. L. V. de C. **Drama social, notas sobre um tema de Victor Turner**. *Cadernos de Campo*, ano 16, n. 16, p. 127-138, dez. 2007

CLARK, S. (2007). **Depois do suicídio**: apoio às pessoas em luto. Tradução Marcello Borges. São Paulo: Gaia.

CLOTTE, J.; LEWIS-WILLIAMS, D. **Los chamanes de la prehistoria**. Tradução Javier López Cacher. Barcelona: Planeta, 2010.

COROVIL, Daniela. (2022). **A ALTERIDADE COMO EXPRESSÃO DE UMA ESPIRITUALIDADE NÃO RELIGIOSA NA ARTE DOS SÉCULOS XX E XXI**. *Revista Caminhos*. Goiânia, v. 20, n. 3, p. 407-425, 2022.

DEMELLO, Margo. (2000). **A cultural history of the modern tattoo history**. Durham and London: Duke University Press.

DIAS, T. M. O. **Tinta e Dor: a prática da tatuagem na construção da identidade**. Mossoró – RN, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2014.

DOMINGUEZ, Maria Jesus Godoy. **La Condición Sacra Del Desacralizado Arte Contemporáneo**. *Aisthesis*. N. 59: 203–22, 2016. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-71812016000100012&script=sci_arttext. Acesso em 25 julho 2022.

DUNKER, C. I. L. (2017). **Reinvenção da intimidade: Políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu, 2017.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos Seguido de "Envelhecer e morrer"**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

ELKINS, James. **On the Strange Place of Religion in Contemporary Art**. Edited by Routledge. New York, 2004

ERICKSON, F. **Conceptions of school culture: an overview**. *Educational Administration Quarterly*, v. 23, n. 4, nov. p. 11-24. 1987.

FASSIN, D. **De l'invention du traumatisme à la reconnaissance des victimes: genèse et transformations d'une condition moral**. *Vingtième Siècle Revue D'Histoire*, n° 123, p.161-171, 2014

FAVAZZA, A.R. 1996: **Bodies under siege. Self-mutilation in culture and psychiatry**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press.

FAVRET-SAADA, Jeanne (2005) [1990] “**Ser afetado**” In. *Cadernos de Campo* n.13, São Paulo. Ferreira, VS. **Tatuar o corpo jovem hoje: rito de passagem ou ritual de impasse?** *Vivência* 2011; 36:137-56.

FERREIRA, Vitor Sérgio. 2010. **Tatuagem, body piercing e a experiência da dor: emoção, ritualização e medicalização**. *Saúde e Sociedade*, v. 19, n. 2, p. 231-248. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902010000200002>. Acesso em: 20 fev. 2022.

FISCHER, Ernest. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FLEXHAUG, M. & YAZGANOGLU, E. (2008). **Alberta Takes Action on Suicide: Best and Promising Practices in Suicide Bereavement Support Services: A Review of the Literature**. In: *Prevention, Alberta Health Services-Alberta Mental Health Board Suicide*. Canadá: Alberta Health Services.

FLORES, Fabiano Rocha. **Do problema das identidades na pós-modernidade**. Dissertação de Mestrado, UFSM 2011. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/poscom/wp-content/uploads/2011/08/Fabiano-Rocha-Flores--Disserta%C3%A7%C3%A3o-2009.pdf>. Acesso em 13 fev. 2021.

FONSECA, Claudia. **O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”**. In: SCHUCH; VIEIRA; PETERS (Org.). *Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010a. p. 205-227.

- FONSECA, Andréa Lissett Perez. **Tatuar e ser tatuado**: “Etnografia da Prática Contemporânea da Tatuagem”, Estúdio: Experience Art Tattoo. Florianópolis: UFSC, 2003. 151 f. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003b
- FONTENELLE, P. (2008). **Suicídio: o futuro interrompido** – guia para sobreviventes. São Paulo: Geração Editorial.
- FORBES, G.B. (2001). **College students with tattoos and piercings**: Motives, family experiences, personality factors, and perception by others. *Psychological Reports*, 89.
- FORSEY, M. G. **Ethnography as participant listening**. *Ethnography*, v.11, n. 4, p.558-572, 2010.
- FUKUMITSU, K.O. **Sobreviventes enlutados por suicídio: cuidados e intervenções**. São Paulo: Summus, 2019
- FURST, P. T. **Alucinogénios e cultura**. Tradução Manuel Bárcia. Lisboa: Editora Ulisseia, 1976.
- GATTI, G. **El misterioso encanto de las victimas**. *Revista Estudios Sociales*, Bogotá, vol. 56, p. 117-120, 2016
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabarra Koogan, 1989.
- GEERTZ, Clifford. **A arte como um sistema cultural**. In: *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GENNEP, Arnold van **Les rites de passage**, Paris, 1909 (Trad. Bras. Mariano Ferreira 3 ed. Petrópolis, Vozes, 2011, Apresentação de Roberto da Matta)
- GOOD, Byron. **Medicine, Rationality and Experience: An anthropological perspective**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2008.
- GUILLOIN, Claude e LE BONNIEC, Yves. **Suicídio: Modo de usar, história, técnica e notícia**. Lisboa: Ed. Antígona, 1990. 305p.
- GULLAR, F. (2015, 19 de abril). **Arte como alquimia**. Folha de S. Paulo. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2015/04/1617900-arte-como-alquimia.shtml>
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HEWITT, K. 1997: **Mutilating the body. Identity in blood and ink**. Bowling Green, OH: Bowling Green State University Popular Press.
- HUANG, Y., ROBERTSON, M. M., & CHANG, K. (2004). **The role of environmental control on environmental satisfaction, communication, and psychological stress**: Effects of office ergonomics training. *Environment and Behavior*, 36(5), 617-637.

INGOLD, T. 2012. “**Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**”. *Horizontes Antropológicos*, *(37):25-44.

IMAMOGLU, C. (2007). **Assisted living as a new place schema: A comparison with homes and nursing homes**. *Environment and Behavior*, 39(2), 246-268.

JORDAN, J. R., & MCINTOSH, J. L. (Org). (2011). **Grief after suicide: understanding the consequences and caring for the survivors**. Nova Iorque: Routledge.

KEHL, Maria Rita. **Comentários sobre K. de Bernardo Kucinski**. Blog boitempo, São Paulo, 28nov.2011, Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2011/11/28/comentarios-sobre-k-de-bernardo-kucinski/> Acesso em 04 jan. 2021.

KLEINMAN, A., Eisenberg, L., GOOD, B. **Culture, illness and care: clinical lessons from anthropologic and cross-cultural research**. *Ann. Int. Med.*, v.88, n.2, p.251-8, 1978

KLEINMAN, Arthur; KLEINMAN, Joan. **Suffering and its professional transformation: toward an ethnography of interpersonal experience**. *Culture, Medicine and Psychiatry*. Volume 15, Número 3, p. 275-301. 1991.

KUHNEN, A., FELIPPE, M. L., LUFT, C. D. B., & FARIA, J. G (2010). **A importância da organização dos ambientes para a saúde humana**. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 538-547.

LARAIA, R. B. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LANGDON, Esther Jean. **A doença como experiência: o papel da narrativa na construção sociocultural da doença**. *Etnográfica*, Vol. V (2), p. 241-260, 2001.

LANGER, Johnni. **Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos – Significado do Corvo**. [S.L.]: Hedra, 2018.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

_____. 2004. **Sinais de identidade: Tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Lisboa: Miosótis.

_____. 2013. **Antropologia da dor**. São Paulo: Ed. Unifesp

_____. **Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica**. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 16, n. 33, p. 25-40, jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 set. 2020

_____. **Antropologia do corpo e modernidade**. 3.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

_____. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Vozes; 2018.

LEIRIS, Michel. **Espelho da tauromaquia**. Trad. de Samuel Titan Jr. São Paulo, Cosac & Naify, 2001.

LERNER, Loren. **Introduction, Special Section on Contemporary Art and Religion.** *Religion and the Arts*, v 17, pp. 1–19, 2013. Disponível em: https://brill.com/view/journals/rart/17/1-2/article-p1_1.xml, Acesso em 25 julho 2022.

LESTER, Rebecca. 2013. **Back from the edge of existence:** A critical anthropology of trauma. *Transcultural Psychiatry* 50 (5): 753–76

LINGAN, Edmund B. **The Alchemical Marriage of Art, Performance, and Spirituality.** *PAJ: A Journal of Performance and Art*, v. 31, n.1, pp. 38–43, 2009.

MACDOUGALL, David. 2009. “**Significado e ser.**” In: Barbosa, A. et. al. (orgs.), *Imagem-Conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos.* São Paulo: Papyrus Editora, p. 61-70.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonauts of the Western Pacific** (1922). Londres: Routledge, 1983.

MARENKO, B. 2002: **Segni indelebili. Materia e desiderio del corpo tatuato.** Milan: Feltrinelli.

MARQUES, Toni. **O Brasil Tatuado e Outros Mundos.** Rio De Janeiro: Rocco, Janeiro, 1997.

MARQUETTI, Fernanda Cristina. **O Suicídio como Espetáculo na Metrópole de São Paulo.** São Paulo: Editora UNIFESP, 2012. 248p.

MARQUETTI, Fernanda Cristina. **O Suicídio e sua essência transgressora. Psicologia USP.** São Paulo, v. 25, p. 237-245, 2014.

MARQUETTI, Fernanda Cristina. **As Noivas Vermelhas,** In: _____ (Org). *Suicídio: escutas do silêncio.* São Paulo: Editora UNIFESP, p. 177-202, 2018.

MAXWELL, L. E. & CHMIELEWSKI, E. J. (2008). **Environmental personalization and elementary school children’s self-esteem.** *Journal of Environmental Psychology*, 28, 143-153.

MAXWELL, December Renee. 2017. **Phoenix Ink: Psychodynamic Motivations for Tattoo Attainment by Survivors of Trauma.** Dissertação de mestrado. Curso de Serviço Social, University Of Arkansas, Fayetteville.

MCLANE, J. 1996: **The voice on the skin. Self-mutilation and Merleau-Ponty’s theory of language.** *Hypatia* 11, 107–18.

MEDEIROS, Flavia. **Visão e o cheiro dos mortos: uma experiência etnográfica no Instituto Médico-Legal.** *Cadernos de Campo*, v. 23, n. 23, p. 77-89, 2015.

MEDEIROS, Kother Macedo, MÔNICA, Guevara Werlang, Blanca Susana **TRAUMA, DOR E ATO: O OLHAR DA PSICANÁLISE SOBRE UMA TENTATIVA DE SUICÍDIO** *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, vol. X, núm. 1, enero-junio, 2007, pp. 89-106 Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Brasil

MEE-MUN, J., JANIGO, K., and JOHNSON, K. (2012). **Tattoo and the self. Clothing and Textiles**. Research Journal, 30 (2), 134-148. DOI: 10.1177/0887302X12449200

NAGAFUCHI, Thiago e ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. **Suicídio, Gênero e Sexualidade na Era Digital**. Saúde & Transformação Social. Florianópolis, v. 7, n. 3, p. 22-35, 2016.

NAGAFUCHI, Thiago. **Um réquiem feito de silêncios: suicídio, gênero e sexualidade na era digital**. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. 217p.

NAGAFUCHI, Thiago. **Em busca de vozes no silêncio: suicídio, gênero e sexualidade na era digital**. In: MARQUETTI, Fernanda Cristina (Org.). Suicídio: escutas do silêncio. São Paulo: Editora UNIFESP, p. 147-55, 2018.

OANTA, A., STOLERIU, G., IRMIE, M., BRANISTEAU, D.E., AND MORARIU, S.H. (2014). **Tattoos-History and actuality**. Bulletin of the Transilvania University of Brasov Medical Sciences, 6 (7.2), 125-132. Retrieved from: <http://0search.proquest.com.library.uark.edu/docview/1658461336?accountid=8361>

OKSANEN, Atte & TURTIAINEN, Jussi. 2005. **“A Life Told in Ink: Tattoo Narratives and the Problem of the Self in Late Modern Society”**. Auto/biography, 13(2): 111-130.

OTTE, Marline. 2007. **“The Mourning After: Languages of Loss and Grief in Post-Katrina New Orleans”**. Journal Of American History, 94(3): 828-836.

PEREIRA, Beatriz Patriota. **“O mais profundo é a pele”**: processos de construção da identidade por meio da tatuagem. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7471>> Acesso em: 26 fev. 2021.

PEREZ, A. L. **A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade**. Mana, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 179-206, Apr. 2006.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

PITTS, Victoria. **Body Modification, Self-Mutilation and Agency in Media Accounts of a Subculture**. Body & Society, [s.l.], v. 5, n. 2-3, p.291-303, jun. 1999. SAGE Publications. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1177/1357034x99005002016>>. Acesso em 10 dez. 2021.

RANCIÈRE J. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO/Editora 34; 2009.

RUBIN, A. 1988: **Tattoo renaissance**. In Rubin, A., editor, Marks of civilization. Artistic transformations of the human body, Los Angeles: University of California Press, 233–64.

SANDERS, C. 1989: **Customizing the body**. The art and culture of tattooing. Philadelphia, PA: Temple University Press.

SARMENTO, M. J. **Imaginário e Culturas da infância**. 2002. Disponível em: . Acesso em: 24 de jul. de 2021.

SARNECKI, J. (2001). **Trauma and tattoo**. American Association of Anthropologists Journal of Consciousness, 12, 35-42

SARTI, Cynthia A. 2001. **A dor, o indivíduo e a cultura**. Saúde e Sociedade, v. 10, n. 1, p. 3-13.

SCAVACINI, K. (2011). **Suicide survivors supports services and postvention activities: the availability of services and an intervention plan in Brazil**. Dissertação de Mestrado, Karolinska Institutet, Estocolmo.

SHILLING, C. 1993: **The body and social theory**. London: Sage.

SILVA, D. R. (2015). **Na trilha do silêncio: múltiplos desafios do luto por suicídio**. In G. CASELLATO (Org.), O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido (p.111-128). São Paulo, SP: Summus.

STRATHERN, Marilyn.2014. “**O Efeito Etnográfico**”. In: _____, O Efeito Etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify. pp. 345-405.

SWEETMAN, P. 1999: **Anchoring the (postmodern) self?** Body modification, fashion and identity. Body & Society 5, 51–76.

TANABE, Roberta Falcão ; MOREIRA, Martha Cristina Nunes. **Narrativas no corpo: cicatrizes e tatuagens na experiência de adoecimento crônico, raro e complexo** . Cad. Saúde Pública [online]. 2022, vol.38, n.3 [citado 2023-08-11], e00197521. Disponível em: <https://cadernos.ensp.fiocruz.br/site/artigo/1685/narrativas-no-corpo-cicatrizes-e-tatuagens-na-experiencia-de-adoecimento-cronico-raro-e-complexo>. ISSN 1678-4464. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00197521>.

TAMBIAH, Stanley. **O poder mágico das palavras**. In: Cultura, pensamento e ação social: uma perspectiva antropológica. Petrópolis: Vozes, 1985. pp. 27–70.

TURNER, V. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor W.; BRUNER, Edward M. **The Anthropology of experience**. University of Illinois. 1986.

VAN DER KOLK, Bessel et al., 1995, “**Approaches to the Treatment of PTSD**”, David Baldwin’s Trauma Info: <http://gladstone.uoregon.edu/~dvh/pg3.htm>.

VAN DER KOLK, B.A. (2014). **The body keeps the score**. New York: Viking.

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, Bruno. **Olhares da História – Brasil e Mundo**. São Paulo: Ática, 2019.

VÍCTORA, Ceres Gomes. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema.** Ceres Gomes Víctora, Daniela Riva Knauth e Maria de Nazareth Agra Hassen – Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VIDAL, T. & VALERA, S. (1998). **Privacidad y territorialidad.** In J. I.Aragonés & M. Américo (Orgs.), *Psicología Ambiental* (pp.23-148). Madri: Pirâmide.

VILHENA, J. ; NOVAES, J.V. **Un corps à la recherche d'un logement. Corps, violence et médecin.** In: MASSON, C. ; DESPRAT-PEQUIGNOT. C. (Org.). *Le corps contemporain: créations et faits de culture.* Paris: L'Harmatan, 2009.

WACQUANT, Loïc. 2002. **Corpo e Alma: Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe.** Rio de Janeiro: Relume Dumará. 294 pp.

WELLS, M. (2000). **Office clutter or meaningful personal displays:** The role of office personalization in employee and organizational well-being. *Journal of Environmental Psychology*, 20, 239-255.

WELLS, M., THELEN, L., & RUARK, J. (2007). **Workspace personalization and organizational culture:** Does your workspace reflect you or your company? *Environment and Behavior*, 39(5), 616-634.

WERLANG, B., & BOTEGA, N. (2004) (Orgs). **Comportamento suicida.** Porto Alegre: Artmed.

WOHLRAB, S., STAHL, J., AND KAPPELER, P.M. (2007). **Modifying the body: Motivations for getting tattooed and pierced.** *Body Image*, 4(1). DOI: 10.1016/j.bodyim.2006.12.001

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.* 14ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

ZENOBI, Diego. **O antropólogo como “espião”:** das acusações públicas à construção das perspectivas nativas. *Mana* [online]. 2010, vol.16, n.2, pp.471-499. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132010000200009>>.